

Miguel Arcanjo Lima Maia



Dissertação:

BLACK BLOCS, RITUAIS E INICIAÇÃO:
O Desconhecido e os Grupos Contemporâneos.

UFRRJ

2015

Miguel Arcanjo Lima Maia



Dissertação:

BLACK BLOCS, RITUAIS E INICIAÇÃO:
O Desconhecido e os Grupos Contemporâneos.

Dissertação apresentada para o curso de pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, como requisito parcial para obtenção do título de mestre. **Orientador:** Nilton Sousa da Silva.

UFRRJ

2015

150.1954

M217b

T

Maia, Miguel Arcanjo Lima, 1985-
Black Blocs, rituais e iniciação: o
desconhecido e os grupos contemporâneos /
Miguel Arcanjo Lima Maia. - 2015.
94 f

Orientador: Nilton Sousa da Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Psicologia, 2015.
Bibliografia: f. 92-94.

1. Arquétipo (Psicologia) - Teses. 2.
Psicologia social - Teses. 3. Grupos
sociais - Teses. 4. Movimentos de protesto
- Teses. 5. Ritos de iniciação - Teses. 6.
Ritos e cerimônias - Teses. 7. Pós-
modernismo - Teses. I. Silva, Nilton Sousa
da, 1958- II. Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação
em Psicologia. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MIGUEL ARCANJO LIMA MAIA

Dissertação/Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, área de Concentração em Psicologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 23/05/2016

Nilton Sousa da Silva. Dr. UFRRJ
Orientador

Claudio Paixão Anastácio de Paula. Dr. UFMG

Simone Mattos Guimarães Orlando. Dr. UFRRJ

AGRADECIMENTOS

Agradeço esta dissertação a um Feijão e uma Rosa. Com muito carinho que me felicito com eles, que vibram mais que eu em minhas vitórias. Também não poderia deixar de agradecer às pessoas que passaram pela minha vida neste período.... E especialmente a minha família e ao meu orientador, pelo apoio e paciência necessários. A todos meu muito obrigado!

"Ritos acontecem. - O que é rito? - É aquilo que faz com que um dia, seja diferente do outro dia, uma hora, das outras horas".

(Sant-Exupéry).

RESUMO

MAIA, M. A. L. **Black Blocs, Rituais e Iniciação: O Desconhecido e os Grupos Contemporâneos**. 2016. 94 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Educação, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

O objetivo desta dissertação é discutir a ausência dos “continentes psicológicos” na sociedade moderna ocidental, emblematizados na ausência e enfraquecimento das dimensões dos “ritos” e “rituais de iniciação”; corroborando em todo processo de crise e “esvaziamento” das identidades contemporâneas, para alguns chamada pós-moderna. Nossa hipótese trabalha com a percepção de que a lacuna sentida por estas complexas operações sociais comuns a todas sociedades não se seculares, convergiria na reprodução em formatos inconscientes de sua lógica presente na formação de grupos contemporâneos das mais diversas matizes. O grupo que utilizamos para traçar este paralelo foram os Black Blocs, fenômeno coletivo, presente nas mais diversas nacionalidades, analisados, para além de seus fins políticos, em suas tendências mais inconscientes e arcaicas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e teórica, na qual ilustramos este paralelo a partir da análise dos diversos pontos das dimensões dos rituais e ritos de iniciação, pormenorizados, encontrados na estrutura e simbologias implícitas, também analisadas, no corpo das ações e bases de pensamento de nosso grupo de recorte.

Palavras-chaves: Ritos de Iniciação, Rituais, Grupos Contemporâneos, Black Blocs.

ABSTRACT

MAIA, M. A. L. Black Blocs, Rituals and Initiation: The Unknown and Contemporaneous Groups. 2016. 94 p. Dissertation (Master Science in Psychology), Instituto de Educação, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

The aim of this paper is to discuss the absence of “psychology continents” in modern western society, emblemized in the absence and weakening of dimensions of “rites” and “initiation rituals”. Asserting all crisis process and emptying of contemporary identities, called post-modern by some, our hypothesis works with the perception that the gap felt by these complex social procedures, common to all non-secular societies, would converge into unconscious reproduction of its logic found in the creation of miscellaneous contemporary groups. The Black Blocs was the group we used to design this parallel: collective phenomenon existent in diversified nationalities, analyzed beyond its political intents in its most archaic and unconscious dimensions and stimuli. It is a bibliographical, theoretical and revision research in which we illustrate this parallel from the analysis of several detailed elements in the rites and initiation rituals found in implicit symbologies and structure and in its body of actions and foundations of thought.

Keywords: Initiation Rites, Rituals, Contemporaneous Groups, Black Blocs.

SUMÁRIO

Introdução	09
1. Contextualizando: Subjetividade contemporânea, esvaziamentos e fragmentações.	
.16	
Estado de desconexão: reflexos na arte/cinema da atualidade	18
Continente como tradição e Arquipélago como modernidade	20
2. Ritos e Rituais de Iniciação: Magnitude social e individual	23
Ritos de iniciação: Uma emblemática “ausência”	24
Ritos e ritos de iniciação sob formatos político e heroísmo negro.....	27
Teoria dos ritos e rituais e sua fenomenologia geral	32
3. <i>Black Blocs</i> e sua contextualização histórica	40
A irrupção de grupos contemporâneos.....	40
A origem dos Black Blocs: Movimento Autonomista.....	42
A constelação social dos “Black Blocs”	47
4. “Tomada das ruas” e os Back Blocs: Uma análise do <i>rito</i> inconsciente	53
Sobre rituais políticos.....	54
Autonomismo: Origens ideológicas e “ <i>tribais</i> ”	55
Elementos ritualísticos e simbólicos nos <i>Black Blocs</i>	60
Música, imagens, vídeos: Ritualização/fetichização Black Bloc.....	67

Iniciação e nascimento social noativismo político	69
Espaço, reinvenção e o mitema <i>caos/renovação</i>	77
Violência e a sombra: Luto e sacrifício nas ruas	80
Considerações Finais.	86
Referências.	92

Introdução

Segundo a psicologia profunda do médico psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), as fronteiras entre política, antropologia, mitologia, religião e psicologia são tênues quando se trata das práxis da vida humana. Isso porque a própria experiência do real é mediada pelo fenômeno psicológico, que dá forma aos pensamentos correntes na construção de realidades sócio históricas, que chamamos subjetivo. E a substância última da psicologia parece ser mesmo o ponto de origem *anímica* de toda a relação do homem com o espaço e com o seu tempo. Neste sentido, a experiência *social/coletiva* e *individual/psicológica* coabita em inter-relações formadoras de experiências sobre o real, fundamentando o universo subjetivo deste homem, em plena atividade *psíquica*. Nesse contexto, é necessário afirmar que o “real” sempre escapará ao aprisionamento do racionalismo humano do qual ele faz parte e, desta maneira, e a história da espécie humana vai sendo construída a partir de “realidades” contextuais, a partir de seus devidos momentos sócio históricos. Ainda assim, algumas estruturas parecem pertencer ao domínio da longa duração, atravessando culturas e civilizações, estas são as estruturas *arquetípicas* da qual os mitos e ritos fazem parte.

O homem pertence ao *mito* em sua dimensão mais arcaica. Seus líderes, suas crenças e seus comportamentos políticos e ideológicos são motivados pela matriz do pensamento simbólico, arquetípico, primordial — como veremos —, e tal pensamento influencia, expande e conforma visões de mundo em todas as sociedades, nos quatro cantos do mundo (SILVA, 2002). Dentro desse paradigma, se uma destas instancias fundantes, um destes arquétipos, encontrar-se negado pela consciência coletiva ou individual, que dá-se enquanto uma determinada manifestação cultural de nossa libido, ocorrerá como com qualquer outro conteúdo reprimido que, tornando-se latente por este processo de não manifestação, poderá imergir com força e efeitos inesperados e distorcidos na psique individual ou coletiva congregando aspectos daquele momento cultural sócio histórico específico. É desta forma que determinadas reações sociais são perpassadas por recortes culturais e parecem manifestar conteúdos próprios da subjetividade contemporânea, desconectadas da natureza ambiental e do homem arcaico. Neste sentido, diante dos desencontros e “desencantos” do mundo chamado pós-moderno, algo de arcaico reaparece no comportamento humano, seja como for. Nosso trabalho trata de uma destas manifestações que irrompem de forma inesperada, representando um susto muitas vezes enigmático e incompreensível para a consciência e o pensamento coletivo.

O homem moderno se vê como que separado de seu passado, destituído do seu sentido espiritual de origem. A experiência de significado individual e o pertencimento coletivo, num sentido mais antropológico, parecem ter se diluído diante das novas formas e códigos sociais. No momento, no início do século XXI, existe “no ar” um esvaziamento do “sentido” e das

formas como o homem vinha simbolizando a sua existência nos dois mundos: externo (social) e interno (individual). No caminho do capitalismo e dos avanços técnicos, algo de mais arcaico e fundamental foi deixado de lado nas mentalidades humanas geridas pelo racionalismo exorbitante pós-iluminista que ofuscou e ofusca realidades humanas e sociais. Isso gera um estado doentio, mas as tentativas de retomar o arquétipo e sua força são inevitáveis e ocorrem contra esta vontade racional.

As interrupções na clareza do ser psíquico natural e dinâmico, que passa por diversas funções além do pensamento, impedem a ligação do ser humano com o “Self”, o aspecto sacro de todas as coisas e organizador de experiências do cosmos, segundo o prisma da psique, o deixa num campo subjetivo aberto às inúmeras possibilidades do existir humano. Porque ele, o ser psíquico, está carente de simbologias e significados, visto que:

O homem sempre viveu no mito, e acreditar ser capaz de nascer hoje em dia e viver fora do mito, fora da história. Isso é uma doença, totalmente anormal, pois o homem não nasce todo dia. Ele nasce só uma vez, em um ambiente histórico específico, com qualidades históricas específicas e, dessa forma, ele só é completo quando possui relação com estas coisas. Se você cresce sem ligação com o passado, é como se você nascesse sem olhos e ouvidos [e] isso é uma mutilação do ser humano. (JUNG, *apud* EDINGER, 2004, p. 11)

Com o mesmo núcleo energético arquétipo deixado como “esquecido”, num segundo plano, a sua força dará vida a fenômenos considerados inéditos, mas que constituem a matéria inconsciente de reproduções, que o homem necessita para se desenvolver e seguir o caminho natural que lhe foi aberto pelo progresso da sua própria história há milênios. Neste sentido, nenhum evento histórico ou fenômeno social é desligado de raízes psicológicas mais profundas e eventos coletivos dos grandes volumes simbólicos, arquetípicos, que envolvem o “ser do humano” (SILVA, 2002). Todos os fenômenos podem ser reconhecidos ou analisados, aquém dos diferentes formatos externos e culturais, pelas suas estruturas específicas dadas por esta anatomia basilar da mente. Estudar as variações pode ser o objeto do psicólogo dedicado aos estudos históricos de expressões coletivas e sociais, e as respectivas implicâncias gerais, o qual o mesmo não pode perder de vista para a aplicação e análise de seu determinado contexto.

No Brasil, as manifestações que ganharam vulto em junho de 2013 já se tornaram marco na história mundial e do país dos movimentos populares. Um dos aspectos mais salientes é o fato de terem se contraposto a ordem formal, que a partir de certa “insatisfação generalizada” e que com o auxílio das redes sociais, produzindo o contraponto do distanciamento físico da internet, gerando um campo de encontro de força inimaginável. A união e a mobilização de pessoas em massas de manifestantes compondo diversos agrupamentos, supostamente motivados por diferentes causas, podem ser o ponto de culminância para a irrupção de diversos grupos e instituições. Por exemplo, grupos como os Black Blocs, Anonymous e outros, que além de propriamente políticos e ideológicos surgem com intervenções sociais e se fazem

conhecer no seio de grandes mobilizações ou movimentos populares, na internet ou em manifestos, surgindo naturalmente e com grande força.

Faremos uma reflexão e exploração dos aspectos rituais e simbólicos presentes em um destes grupos de manifestos, que possui características por nós consideradas singulares de análise do nosso tempo, e também por já terem surgido ao longo das últimas décadas, reafirmando seu caráter de maior duração enquanto fenômeno coletivo. Um tipo de manifesto grupal bastante marcante da atualidade, que ganham espaço na mídia nos últimos anos, e possui largo impacto de opiniões populares, assunto sempre aquecido no cenário de manifestos e ativismos sociais, os chamados *Black Blocs*.

“*Agrupar-se*” enquanto fenômeno psicológico, na presente dissertação, está em destaque. A questão do significado desta ação humana em suas raízes também é objeto de nosso estudo. Devemos encarar tal fenômeno social como manifestações complexas passíveis de estudos mais acurados de suas causas, implicações e importância para a psicologia individual e coletiva.

É preciso também considerar que dentro de uma ordenação dominante de valores e práticas cotidianas, todo agrupamento à parte do modelo instituído pode nos trazer algo não só sobre a sombra (a dimensão obscura, turva, ainda oculta daquela sociedade), como também os germens de necessidades e aspirações humanas deste coletivo em que se dá, negligenciadas, expressas no ato de se aglutinar em torno de qualquer temática ideológica, seja política, científica ou religiosa – que nestes casos, se apresentam sinérgicas, diante da amplitude da necessidade humana em questão.

Uma análise mais ampla, simbólica, arquetípica e ritual pode ser feita deste fenômeno, considerando a sua dimensão psicológica em seu dado contexto histórico maior.

Ora, se aparentemente em torno de causas, ideais e posturas sociais (individuais e coletivas), pessoas se reúnem em gritos e ações, que relações possuem tais fenômenos com os modos contemporâneos de *ser*; em que os valores e as ações humanas tornaram-se aparentemente redutíveis a valores econômicos limitadas ao individualismo compulsório e o acentuado “distanciamento” dos indivíduos pelas vias virtuais e tecnicistas? Estamos no vértice de um fenômeno contemporâneo, “pós-moderno” em suas dimensões. Há a ação de mecanismos de poder vigentes, a perda das bases tradicionais desde o início da modernidade industrial, a massificação cultural da globalização atual, todos estes são fatores que consideramos. Tudo isso num caminho de eminente dessacralização da experiência social. Tudo parece se encontrar em crise perante este momento profano, de passagem, de pensamentos, costumes e tendências insubstanciais. Um processo singular de secularização ainda está em vias de estudo e trabalhos que tracem a abrangência e suas repercussões sócio psicológicas totais — cenário que ainda estamos vislumbrando e aprendendo.

Como dito no início, a experiência subjetiva com o numinoso, com o Self, encontra-se cada vez mais enfraquecida ou obscura, e parece não mais inspirar os homens, os atos sociais individuais e coletivos e a vida, a sociedade como a concebemos no ocidente, não permite tal vazão com facilidade ou a experiência de uma totalidade, valendo-se de que está em pleno estado de fragmentação e crise. Paradoxalmente, no seu contraponto, a intolerância religiosa se espalha pelo mundo ocidental e oriental - há uma crise nas redes dos valores individuais e coletivos, assim como conflitos entre estas redes e crenças, que se debatem na conquista de uma razão ou “verdade final”, perdida na miscelânea dos mil discursos sentidos como “insuficientes e/ou vazios” – “líquidos?” - em nosso tempo. Este é o cenário de crise que assistimos nos espaços geopolíticos locais e globais em nosso subjetivo, uma certa sensação de ausência de orientação.

Acompanhando todo esse fenômeno de secularização, até o início do século XXI, vemos a singular extirpação das dimensões e experiências rituais, e o subestimar de sua importância na organização social e nas experiências de vida pessoais do indivíduo. Qual é a magnitude de tal perda? De que forma ela irá se expressar tratando-se de uma matriz coletiva fundamental de contato e mediação com a realidade, e que encontra-se hoje negada formalmente no corpo social? Como os Ritos e os Rituais de Iniciação, esta dimensão que liga o mito ao homem vem a ser vivenciada na atualidade? Estariam as crescentes ondas de terrorismo, o abuso de substâncias psicoativas e grupos urbanos de estilos e ideologias que surgem também de forma tribal, as chamadas “tribos urbanas”, estariam também relacionados com esta perda? A perda dos códigos sacros, ritualizados, que protegiam o humano de seu estado caótico e que traduzem a crise na qual a consciência humana se instalou?

Vemos não somente a dessacralização do universo e o radicalismo de posturas e atitudes, como certa frouxidão dos laços que ligam as criaturas a um enredo lógico, a uma organização plausível do universo, de seus motivos psíquicos. E isso já nos aproxima, para além do símbolo, da dimensão do *ritual* e a sua ausência na formatação dos interesses coletivos compartilhados numa mesma rede de valores e práticas, tal qual sempre o fizeram.

Os ritos são fenômenos que sempre acompanharam a humanidade. Como performances que tornam a realidade mais tangível, que nas palavras de Da Matta dão “mistério, dignidade e elegância” à vida rotineira (DA MATTA, *apud* GENNEP, 2010, p. 9). Nos tempos contemporâneos, no entanto, de ígneo racionalismo e pragmatismo exacerbado, os ritos foram muito facilmente relegados à dimensão do superficial, como se o aspecto

ritualístico de algum evento fosse sua parte menos importante, destituída de qualquer relevância efetiva em sua relação com o todo da realidade social e individual do homem. Imaginamos nossa cultura como aquela idealizada no iluminismo, isenta de qualquer perpassa arcaico, como se perene e altamente suficiente em sua racionalidade e lógica por um lado, mas do outro lado, a presença de culturas primitivas que ainda comungariam com os rituais e ritos de iniciação em suas formas mais arcaicas e simbólicas seriam profanas, no mínimo, culturas atrasadas que devem ser sacrificadas. Tal perspectiva não passa de um devaneio sociocêntrico, que também crê nas manifestações culturais de outros grupos civilizatórios como meros fenômenos primitivos, carregados de conteúdos místicos e distantes da inteligência (PEIRANO, 2003, p. 8).

De alguma forma, percebemos que a visão puramente positiva (racionalista) da realidade deixou de lado um amplo e fundamental aspecto do ser humano e da sociedade: a emoção do viver, antes dada pelos ritos e rituais de iniciação, a partir de um significado existencial maior. O rito é fenômeno humano e social por excelência, e o enfraquecimento desta dimensão pode ser o justo elo perdido que irá de encontro às diversas problemáticas que acarretam laços e redes de contato fragilizadas e mecanicistas em nossa sociedade, porque não mais guiadas pelos seus símbolos e suas visões ancestrais, e o sentimento nelas envolvido.

De alguma forma também a problemática da promoção e do consumo, que pelos produtos e sua “capacidade” de significância por meio de anúncios e publicidades, explora e regula esta ausência de significado por meio do sistema de mercado. Os indivíduos, destituídos da força do mito, que são vivenciadas através dos ritos, começam a se alinhar apenas com a lógica do rito de consumo:

Os indivíduos devem se manter vinculados, inclusive emocionalmente, ao vídeo, às ofertas de estilos de vida e de maneiras de se chegar à felicidade, *deixando o sujeito esvaziado de relação concreta, desejoso de sair de si mesmo, de abandonar a sua identidade, tão instável e cansativa.* (MERCHIOR, p. 44, itálico nosso).

Zoja (1992, p. 111), autor que inspira nosso estudo, já havia se atentado a esta dimensão contemporânea dos ritos traduzidos no consumo. Tudo isso perpassa de alguma maneira nosso estudo. É justamente neste plano de fundo puramente mercadológico e compulsório - em detrimento do homem e seu sentido sociocultural, onde as diferenças são encaradas como estranhas e um sentimento de insignificância começa a ganhar ângulos insuportáveis (como foi o caso do movimento punk e toda a sua agressividade, na contramão da ordem industrial), que surge uma necessidade cada vez maior de: “se sentir diferente num significado positivo, de pertencer a um grupo escolhido que possua uma verdade a mais”

(Zoja, 1992, p. 02). Sendo assim vemos os ritos de iniciação inseridos dentro dos aspectos fundamentais da relação do homem com sua comunidade. É no íntimo destas transformações que a sua ausência é perpassada também diretamente pela promoção do fenômeno da violência, como podemos ver em seus efeitos:

Cada vez que o nosso mundo psico-espacial pende para a desorganização — que pertence ao universo do viver — nós agimos simbolicamente a fim de coordenar o nosso tempo pessoal com o tempo cósmico. Quer isto dizer que, diante das alterações no ambiente, o corpo empreende à vida orgânica uma ordem correspondente à ordem universal. Trata-se de artifício de harmonização com o mundo imediato. Na impossibilidade de organizar e vivenciar o rito aparece a violência. (BELLO, 2007, p. 6, itálico nosso).

Nossa pesquisa é um estudo bibliográfico de revisão, que visa afirmar aspectos comparativos das dimensões arquetípicas dos ritos e os seus aparentes desaparecimentos na atualidade, com o estudo inserido na gênese e promoção dos grupos ligados às manifestações diversas e tendências do contemporâneo tendo por grupo de recorte a manifestação midiática dos Black Blocs.

Nosso objetivo é encontrar características rituais e de iniciação presentes nos grupos contemporâneos, em destaque, os Black Blocs, através de uma análise das dimensões fenomenológicas comparadas nos dois eventos; ou seja, para afirmar nossa hipótese, colocaremos em contraste às “funções dos ritos de iniciação” e suas características, e as características e dimensões encontradas no fenômeno social dos Black Blocs, em suas práticas e ideologias.

Isso também irá inferir em descrever de que forma a “ausência dos ritos de iniciação” favorece a formação de grupos na atualidade assim como uma problematização teórica do lugar da “subjetividade” contemporânea racionalista na psique arcaica e suas implicações para o indivíduo e a coletividade. Tal discussão terá como ponto central, a problemática desta ausência formal da iniciação nos tempos seculares.

Nosso grupo de recorte, os Black Blocs, são um produto da subjetividade contemporânea. Porque tais grupos produzem as mais acirradas discussões, controvérsias, críticas, atração e espanto por sua popularidade e violência, sendo alvo de largos debates e especulação midiática? A formação e ações destes grupos são algo que nunca ganhara tamanho volume no Brasil, e parece sugerir enquanto fenômeno, a atuação e a representação de determinada crise de nossa sociedade. Esta crise, segundo nós, está presente na perda da tradição e dos continentes psicológicos oferecidos pela iniciação.

No corpo da presente dissertação, no **capítulo 1**, iremos traçar as características do cenário contemporâneo que nos servem de pano de fundo para observar o fenômeno fragmentário e as dissociações do homem contemporâneo, que acompanha a “queda” de tradições e dos rituais como um todo; assim como inserir a análise do contexto histórico do

surgimento de grupos contemporâneos, entre os quais os Black Blocs. No **capítulo 2**, vamos expor aspectos da fenomenologia e importância dos ritos, e também dos ritos de iniciação em especial, assim como a magnitude de sua ausência na atualidade. No **capítulo 3**, levantaremos a história dos Black Blocs, nosso grupo de estudo, apresentando suas origens e contexto social, formações ideológicas, “batalhas” e desenvolvimento enquanto fenômeno coletivo de abrangência mundial. No **capítulo 4**, responderemos a pergunta de pesquisa de nosso trabalho, a comparação das características dos Black Blocs com a importância dos rituais/ritos de iniciação, realizados de forma inconsciente e com recortes reflexivos sobre os tempos contemporâneos. Por fim, nas **Considerações finais** traçaremos o que encontramos através dos resultados de nossa comparação e revisão e ampliaremos nossa discussão com os limites e possibilidades deste tipo de análise arquetípica. Terminaremos apresentando as **Referências bibliográficas** que permitiram a construção de nossa pesquisa e o embasamento do nosso estudo.

I. Contextualizando: Subjetividade contemporânea, esvaziamentos e fragmentações

Estudos sobre o momento contemporâneo consideram o fato de que o Homem parece viver num mundo fragmentado e desconectado do sagrado. Um cenário de divisões grotescas se estende a nossa frente: ideologias diversas, crenças embasadas em diferentes discursos, de toda monta, parecem enredar o nosso tempo numa pluralidade de falas isoladas e sem consistência em si mesma. Diversos referenciais contemporâneos parecem estar como que longe de formar uma totalidade, distantes de um possível elo ou tecido compreensivo total da realidade humana e social, isto é, há uma Torre de Babel. Somado a isso, não dispomos mais de tradições que ofereçam as devidas representações e valores, suficientes para regular a experiência gritantemente caótica vivenciada no contemporâneo pela coletividade hodierna. O crescimento desenfreado, de cunho somente tecnicista das sociedades secularizadas, junto a uma demografia crescente de certos territórios, avanço de meios de comunicação, domínios de mercado e geopolítica, formam uma verdadeira globalização descontrolada, sem oferecer enredos de sentido para a realidade social com os seus novos desafios.

O significado ou o símbolo da coesão parecem ter se partido em inúmeras ilhotas esquizóides, restando apenas uma vaga ideologia do “progresso”, deveras somente econômica na linguagem das nações, formatando os espaços geopolíticos e sociais, numa relação também de desconexão do homem com o ambiente imediato e, principalmente, com aquilo que resta de natural. “A morte de Deus” em Nietzsche parece ter chegado ao seu derradeiro cume, e um caos parece apresentar experiências políticas que tentam desastrosamente avançar sobre as crises econômicas, de recursos e de ecologias vigentes. Como nos diz Jean Baudrillard:

O princípio da realidade coincidiu com um estágio determinado da lei do valor. Hoje, todo sistema oscila na indeterminação, toda realidade é absorvida pela hiper-realidade do código e da simulação. (BAUDRILLARD, J. 1996, p. 08).

Somos regidos por outros valores instituídos ao longo deste processo, e que vigoraram no lugar dos antigos, tradicionais. Na ausência de referenciais culturais e sócio históricas, os eixos radicais tornam-se cada vez mais inflados para evidenciarem a resistência na contramão do caótico modelo cotidiano. A exacerbação da intolerância religiosa, totalitarismos, do anarquismo violento e até mesmo do criticismo político na internet, das passeatas políticas, preconceitos e bandeiras diversas e radicais de intolerâncias que se erguem de todos os lados. Tudo isto palpita no popularismo dos pensamentos do senso-comum que parece sentir-se desamparado e sem nortes de direção. Os “ismos” se exacerbam e parecem querer pretender uma retórica possível e muitas vezes radical para as condições humanas na atualidade, muitas

Veze culminando em resultados e desencontros desastrosos. Renovam-se “Mitologias políticas” sob bandeiras partidárias, científicas e de tendências de crenças e ideologias diversas. O funcionamento cotidiano, porém, continua a orbitar na típica lógica impessoal do capitalismo reinante, imerso na indiferente miscelânea de conflitos individuais e coletivos.

Ainda compartilhando com Jean Baudrillard (1996, p. 08), sociólogo que conceitua e trabalha a ideia de *simulacro social*: “Já não existe troca simbólica no nível das formações sociais modernas, não como forma organizadora”.

Os dispositivos das tradições, mitologias e ritos que embasavam as estruturas sociais, já não estão mais dispostos como havia estado nas sociedades fechadas. O ser humano da atualidade poderia ver-se como na alegoria de um fio ou fiapo solto, cortado e em separado de um elo que lhe dê conjuntos coerentes e ligação (continuidade) dentro do que ele poderia chamar de “realidade/social”, desconectado da corda de suas condições subjetivas basilares a sua sensação de “orientação” no mundo. Estamos “exilados” (arquetipicamente) da posse de um “continente simbólico” e “protetivo” em que confiaríamos nossas experiências e vida. Encontramo-nos à deriva num “arquipélago de bricolagens sociais”, teorias e tendências sobre nós mesmos e mundo, fragmentárias, imersos na pluralidade esquizoide e no inflado sentimento de “hiper-realidade” do contemporâneo midiático. Autores como Bauman acentuam e “liquez” dos valores e laços na atualidade (BAUMAN, Z. 2006).

O que parece dar movimento à sociedade na atualidade, são apenas os jogos industriais e o simulacro do imagético presente no valor de mercado. Onde teorias e tendências de todas as montas, como o marxismo, a psicanálise, os anagramas de Saussure, o próprio darwinismo e outros modelos científicos, religiosos e políticos, tentam ordenar a realidade no sentido de preencher uma dada lacuna de significado. Estes, no entanto, acabam por subsidiar a própria indeterminação deste modelo, compondo-o de dentro, mas nunca finalizando-o, orbitando como modelos desconexo. Porém, sempre de forma incompleta, dissociado do sacro como que dissociado de próprio plano de fundo, ou querendo inventar algum outro plano de fundo, negligenciando o já criado ao longo dos milênios:

As atuais revoluções se inscrevem, todas elas, na fase imediatamente anterior do sistema. Todas se armam de uma ressurreição nostálgica do real sob todas as suas formas, isto é, simulacros de segunda ordem: dialética, valor de uso, transparência e finalidade da produção, “libertação” do inconsciente, do sentido “reprimido” (do significante ou do significado chamado desejo) etc. Todas libertações não passam de transição para a manipulação generalizada. (BAUDRILLARD, 1996, p. 09).

Um cenário de pensamento saturado em práticas vendidas e tentativas descritivas incompletas, racionalizantes e fragmentárias, que nunca almejam a totalidade tal qual proposta e mediada pelo ritual, que poderiam contribuir para organizar a experiência humana em conjuntos de conhecimentos entrelaçados num enredo lógico. Para Zoja: “O homem de hoje se sente jogado como que por acaso numa determinada cultura e sociedade que não lhe inspiram nenhum respeito sacral” (1992, p. 02). Um sentimento de insignificância e sensação de “não local”, em seu sentido mais antropológico e íntimo, parecem surgir e começam a ser assistidos. É dentro deste contexto que surge uma emergência cada vez maior de: “se sentir diferente num significado positivo, de pertencer a um grupo escolhido que possua uma verdade a mais” (ZOJA, p. 02), orientado por uma espécie de primazia da psique em se afirmar de forma consciente, e de se alojar num grupo de identificação. Como podemos antecipar, esse ser humano parece tentar sob as mais diversas formas participar de convenções, grupos, filosofias, partidos, tendências x, y ou z, grupos teóricos e modistas daquilo ou disto, religiosos etc; tudo para retomar a sua “identidade simbólica antiga e/ou arcaica” e a sua própria “história de vida” compartilhada e com sentido de orientação dentro do cosmos, com certo sentimento de que algo foi perdido. Estes mesmos sentimentos possuem raízes eminentemente arquetípicas como vamos ilustrar ao longo da presente dissertação.

Estado de Desconexão: Refletido na arte/cinema da atualidade.

A arte cinematográfica nos dias de hoje ilustra muito bem o que podemos notar como estado de “desconexão” do Homem com o seu ambiente/espço e objetos, imersos numa superficial “hiper-realidade”. Esta desconexão parece acompanhar todo processo de secularização e do desenvolvimento do homem racional ocidental e sua filosofia e sistemas de organização social.

Um dos filmes mais emblemáticos do ocidente em nossos tempos, “The Matrix” (1999), é uma analogia moderna perfeita deste estado de “hibernação midiática” no qual encontra-se o homem contemporâneo. O distanciamento terceirizado de sua terra, a ausência de ligação pelos modos capitalistas, de seus objetos de produção, que lhe criam humanidade, para servir a um abstrato “*sistema*” alicerçado em lógicas de discursos teóricos distantes, hiper elaborados e mecanicistas. Uma realidade regida pelas máquinas e pela virtualidade, e que é alimentado a em função dos nossos sonhos e desejos, nossa libido, e de todo o potencial humano criativo e energético.

Sair desta *Matrix* imposta a nossa psicologia, e que nos distancia da nossa real condição - última e visceral da criatura – e poder entrar na verdadeira realidade, parece ser o desafio deste coletivo colocado à mercê desta máquina chamada sistema. A escolha, no filme, se dá pela opção de consumir uma pílula azul ou vermelha, uma das quais abre o leque da realidade escondida; outra, na qual continua-se imerso e catatônico em função deste “sistema” de sonhos irreais. Os que optam pela “pílula do despertar” tornam-se uma resistência, considerada irregular e anárquica, e esta trama já nos traz pistas de uma realidade onde “conformados” e “anárquicos” se digladiam (algo similar a lógica do pensamento Black Bloc, em todo seu anarquismo), onde revolucionários são cavaleiros negros, às escuras, em suas lutas marginalizadas no espaço urbano controlado – a *Matrix*.

Décadas antes, no entanto, o cinema apresentava um homem que pressentia o atual estado de distanciamento de suas condições humanas basilares, postas em nossa literatura. Um emblemático caso real contemporâneo é o ilustrado pela obra “*Into The Wild*” (2007). Bastante conhecido nos meios psicológicos, ele conta a história de um típico garoto suburbano americano, de classe média e família convencional, “organizada” para os padrões locais; com todo o recurso sócio material, boas notas e ingresso já garantido em uma das melhores universidades dos EUA. A sensibilidade e as necessidades inconscientes do personagem, porém, parecem não se alinhar com esta sociedade, que parece pressentir um aprisionamento de suas condições humanas mais arcaicas e basilares, que precisariam se manifestar. Resolve largar todo o conforto organizado de sua vida protegida e bem organizada em quatro paredes em troca da aventura de reconexões com a natureza. E com apenas um carro, alguns livros e poucos utensílios, resolve empreender uma viagem de sobrevivência ao Alaska, sentindo todo o contato de experiências imediatas e de risco com a natureza – algo similar às experiências de iniciação no qual o neófito se vê isolado precisando sobreviver.

O dilema ocidental do “quem sou eu”, esquecido e deixado de lado, por uma vida de modelos, parece ser o drama fundamental no qual se passa a trama deste personagem histórico real. Após longa saga de busca e sobrevivência, ao final de seu diário de viagem, o único relato de que mais tarde se tem notícia, o jovem narra que se vê preso pelo inverno em locais inabitados, sem chances de voltar, ficando em um ônibus abandonado que usa como cabana. Assolado pela fome, sobrevivendo de raízes e plantas que buscara conhecer com uma enciclopédia da flora americana; reconhecendo os elementos do ambiente pelo seu nome próprio e verdadeiro – científico, as utilizando a partir disso. Como uma alegoria de um universo harmônico onde tudo tem seu devido nome e função, tal qual a crença do personagem. No entanto, com o tempo, e sem o grupo de apoio para sua sobrevivência, em

uma situação insustentável, à beira da morte, ressurgiu nele, segundo o filme, a pergunta: “Quem sou eu? ”. Neste momento ainda consegue reconhecer e escrever seu nome completo em seu diário, como que, da mesma forma em que pudesse reconhecer as plantas pelo nome, se desse conta agora de sua própria origem e nome, sua genealogia, reconhecendo através de seus sobrenomes e nome, os vínculos fundamentais de conexão com a espécie e sua história coletiva. Morre assim, sozinho, por buscar uma conexão aonde nenhum outro ousou trilhar, e retoma a sina do ocidente como um símbolo ou mito marcante e emblemático de nosso estado atual.

Para este personagem, algo de mais interior, algo na natureza e na sua condição primordial de homem lhe causou tremenda ânsia e vontades, inserindo-o na busca do seu universo arcaico, e de suas conexões ancestrais. Este mergulho nas origens e o estabelecimento de laços primordiais com o meio ambiente, sempre fora algo que, nas sociedades primitivas, os ritos de iniciação eram responsáveis por alojar e manter nos indivíduos, respeitosos e pertencentes a estas forças, que precisariam domar, se somar ou vencer, para sobreviver – um tema eminentemente ancestral de iniciação e *religere* com o *unus mundos* e o cosmos natural.

Continente como tradição e Arquipélago como modernidade:

O Homem em suas origens civilizatórias possuía, enquanto necessidade subjetiva, um local bem definido no espaço de sua realidade social. Participando de um enredo lógico e uma historicidade que o abraçava lhe atribuindo sentidos antropológicos e sociológicos, assim, a tessitura dos mitos e dos ritos protegiam comunidades ao longo do tempo:

Por outro lado, o homem de hoje se sente jogado como que por acaso numa determinada cultura e sociedade que não lhe inspiram nenhum respeito sacral. Pelo contrário, sua saudade das origens tornou-se tão forte que quase o faz considerar sagrado o homem natural. (ZOJA, 1992, p. 133).

Este é o estado que acompanha a queda dos ritos de iniciação, o atual estado do Homem moderno ocidental, que, ansiando pelo Homem natural, no qual haviam claras as delimitações do seu espaço na natureza e uma experiência de um enredo lógico e tramas simbólicas fundamentadas com o tempo, dispostas e ligadas ao espaço imediato e sentidas em sua geografia, grupos, sociedade, inimigos (que deveriam ser filhos de outros deuses) e em toda natureza.

A cultura tradicional era como um “continente”; e o “contemporâneo/modernidade” pode ser visto como um “arquipélago”, eis o nosso esquema imagético para compreendermos a situação subjetiva da atualidade. Já não há mais reservas integrais de arranjos simbólicos e explicativos da realidade, que antes serviam como amparo às massas e coletividades na explicação de sua situação subjetiva dentro do cenário da “realidade”. A fragmentação da mentalidade contemporânea é motivo psicológico central que obsidia quaisquer questões predominantes acerca de problemáticas sociais da atualidade. É impossível focar qualquer problemática contemporânea sem antes olharmos para o seu plano de fundo psicológico típico ocidental; se é desta sociedade que estamos falando. No entanto, por muito tempo as diversas sociedades humanas não tiveram que se preocupar com tal cenário de divisões de sua subjetividade e ausência de continentes simbólicos protetivos. Segundo Silva (2002, p. 24):

“Tal fragmentação nem sempre predominou no espírito humano; houve uma época na qual, ao contrário da atualidade, tudo era vivenciado à luz de uma totalidade”. O mundo era descrito enquanto uma unidade relativamente compreensiva e harmônica, com leis e experiências, sociais e individuais, regidas por uma cosmologia do espaço e da existência.

[...] alguns poderiam dizer: “a fragmentação das cidades, religiões, sistemas políticos, conflitos na forma de guerras, violência geral, fratricídio, etc., são a realidade. A totalidade é apenas um ideal, em direção ao qual talvez devamos nos empenhar”. Mas não é isto o que esta sendo dito aqui. Antes, o que deve ser dito é que a totalidade é aquilo que é real, e que a fragmentação é a resposta desse todo à ação do homem, guiado pela percepção ilusória, que é moldada pelo pensamento fragmentário. Em outras palavras, justamente porque a realidade é um todo, o homem, com a sua abordagem fragmentária, inevitavelmente será atendido com uma resposta correspondentemente fragmentária. Portanto, é necessário que o ser humano dê atenção ao seu hábito de pensamento fragmentário, que tenha consciência dele, podendo assim eliminá-lo. (BOHM, D. 1992:27 *apud* SILVA, N. S. 2002, p. 23).

O homem se destituiu de sua relação positiva com o espaço, com o tempo, e com sua própria comunidade, portanto, consigo mesmo. E é justamente neste plano de fundo puramente fragmentário, mercadológico e compulsório, em detrimento do homem e seu sentido sócio histórico e cultural destituído de raízes e laços com os pares e o ambiente que a sua existência passa a ser descartável, desimportante para uma organização sistemática, e um sentimento de insignificância começa a ganhar ângulos insuportáveis (como foi o caso do movimento punk e toda sua agressividade, na contramão da ordem industrial):

Cada vez que o nosso mundo psico-espacial pende para a desorganização — que pertence ao universo do viver — nós agimos simbolicamente a fim de coordenar o nosso tempo pessoal com o tempo cósmico. Quer isto dizer que, diante das alterações no ambiente, o corpo empreende à vida orgânica uma ordem correspondente à ordem universal. Trata-se de artifício de

harmonização com o mundo imediato. *Na impossibilidade de organizar e vivenciar o rito aparece a violência.* (BELLO, 2007, p. 6, itálico nosso).

A queda dos “continentes protetivos” das tradições e mitologias como modelo de vida assume o cenário secundário ou sinérgico da queda dos rituais, sendo estes eventos históricos faces de um mesmo fenômeno. O primeiro desencadeando a ausência do segundo e o surgimento de uma cadeia de sintomas. O fenômeno da violência urbana, interna a um mesmo grupo, sem divisões de pátrias e nações, é um reflexo desta confusão em ordenar a subjetividade contemporânea. Mas é assim que nos debruçamos sobre os ritos e rituais de iniciação como aqueles fenômenos que sempre fizeram a ponte do mundo, da tradição para o mundo dos símbolos no universo da experiência humana imediata, de maneira performática. As cerimônias estão inseridas dentro dos aspectos fundamentais da relação do homem com seu ambiente e comunidade. A queda ou ausência de um ritual se dá em consonância com a dessacralização e/ou desencantamento do mundo, e é a fragmentação do pensamento humano de que viemos falando.

Veremos a seguir a suposta ausência ou diminuição da importância do ritual no cenário contemporâneo e os seus efeitos junto com as principais características, na expressão da psique individual e/ou coletiva que estão denunciando a negligência que compõe o cerne de nossas discussões sobre a necessidade dos ritos e dos rituais para o espírito humano.

2. Ritos e rituais de Iniciação: Magnitude social e individual.

Falamos da ausência dos continentes formais na organização simbólica do ser humano em sua realidade. O distanciamento que acompanhou o processo de secularização, segundo a Psicologia Analítica, promoveu toda uma série de desconexões do homem na relação com o seu ambiente e a natureza, além de negligenciar a importância do sagrado e dos ritos e rituais. O cenário racionalista e secular da modernidade diminuiu toda carga de relação do Homem com as experiências básicas e arcaicas da espécie:

A civilização moderna sofre de um empobrecimento generalizado de experiências arquetípicas diretas. Aquilo que chamei mais atrás de queda da tensão vital poderia ser definida pela psicologia analítica como ‘privação de ressonância arquetípica’ (ZOJA, 1992, p. 25).

A perda ou ausência dos parâmetros formais do contemporâneo, dos rituais e ritos de iniciação e passagem, ou sua queda, acompanham esta transformação dada pela perda da tradição e dos citados “continentes protetivos” de organização psicológica. A queda dos símbolos também não é diferente. Um fenômeno acompanha o outro de perto. Não há como falar do distanciamento ou da diminuição do subjetivo simbólico sem falar da distância dos ritos e rituais que eram inerentes às comunidades que viviam mediadas por estes arranjos tradicionais.

Entendemos que:

É por meio da ação do rito que a poética do mito ganha sentido. O ato une-se à fala e estamos diante do símbolo. O rito seria então a práxis do mito, é o mito em ação. Um não existe sem o outro. O mito rememora, o rito comemora, apontando o caminho e oferecer um modelo exemplar para o mais saudável em nós e colocando o homem na contemporaneidade do sagrado. Sendo o aspecto ‘litúrgico’ do mito, o rito transforma a palavra em Verbo. (DINIZ, 2010, pp. 17-18)

Os rituais e ritos de passagem, entre os quais os ritos de iniciação, eram recursos sociais inerentes a estas comunidades e suas transformações internas e subjetivas. Este capítulo irá traçar a dimensão dos ritos de forma geral, e dos Ritos de passagem e iniciação em específico, assim como a implicância de seu desaparecimento na atualidade.

Achamos necessário, começar dos ritos de iniciação, para então adentrar nos ritos como um todo, isso porque nos parece que o paradigma principal que inspira nosso trabalho, surgiu através da ausência dos ritos de iniciação, tal qual apontada por Zoja, e que já falamos na introdução. Logo após discutirmos sobre estes fatores, iremos diferenciar nosso foco é

fazer breve apanhado para os que procurarem as raízes históricas dos trabalhos de antropologia em torno dos rituais.

Os Ritos de Iniciação: Uma emblemática “ausência”

Dentre os diversos ritos e rituais, apesar de sua importância já asseverada, encontramos uma manifestação ainda mais característica e emblemática, tanto por seu aparente e quase “total” desaparecimento na atualidade, tanto quanto pela sua imposição devastadora na psicologia daqueles que dela participam representando marco subjetivo de grande importância. A mesma representa em sentido subjetivo para a sociedade: são as manifestações dos chamados ritos de iniciação, classificados entre os ritos de passagem ou ritos ligados aos ciclos de vida. Com isso querendo dizer, de momentos fundamentais da experiência social e individual dos participantes:

Tratam-se de ritos de causação, enquanto ligados a momentos fundamentais da vida, como nascimento, a iniciação, o casamento e a morte, e “causam uma verdadeira mudança de vida; fato que é de grande relevância para qualquer sociedade. (TERRIN, p. 43).

Quando se fala de momentos fundamentais pelos quais todas as sociedades em geral passam encontramos novamente a dimensão arquetípica deste fenômeno e estamos diante de um novo dilema. Ora, o citado desaparecimento quase total dos então chamados ritos de iniciação. De acordo com Luigi Zoja:

[...] uma das grandes diferenças entre o mundo arcaico e o mundo moderno está justamente no desaparecimento da iniciação. [...] A iniciação ocupava um lugar proeminente em todas as sociedades tradicionais, ainda não industrializadas (ou profanadas). (ZOJA, 1992, p. 01)

Porém não passaram esquecidos para os estudiosos da Psicologia Profunda que, com um acervo teórico que hoje pode ir além do da Antropologia e do da Sociologia tradicionais, trazem novamente o tema à tona, descortinando e desfiando processos de relações sociais antes nunca, ou ainda pouco, imaginados. A ausência formal e generalizada dos ritos de iniciação torna-se um paradoxo intrigante para as atuais variações dos fenômenos em grupo no contemporâneo, clareando os comportamentos e tendências neste *agrupar*.

Arnold Van Gennep foi o primeiro expoente, o pioneiro, desta leitura sobre a importância social dos rituais de passagem em seu trabalho “Os Ritos de Passagem” (2011), e neste trabalha os ritos de iniciação em particular. Mas outros autores que trabalham

diretamente o tema dos ritos e sua fenomenologia, para além dos psicólogo analítico, já asseveram a importância particular destes ritos:

Nas sociedades tradicionais são particularmente importantes os ritos de iniciação, mediante os quais os jovens, mediante ritos de isolamento, de privações e sofrimentos, tornam-se adultos, adquirem plenos direitos e tem deveres correlatos. Trata-se de uma mudança de status, de excepcional importância. (TERRIN, p. 45).

Representam desta forma um efetivo “nascimento social”, como pretendemos aqui destacar, incorrendo em funções de ordenações reguladas entre as instâncias individuais, sociais e sacras (espirituais) compondo uma totalidade de inserção do Homem na realidade imediata, de maneira solene. São ritos sociais, mais do que qualquer outro. Mircea Eliade (1959), entre outras afirmações, indica que a iniciação dá fim ao “homem natural” introduzindo o neófito na cultura (ELIADE, *apud* ZOJA, p. 10).

Não é de se estranhar que os jovens submetidos a esses rituais, façam-no de maneira silenciosa e felizes. Equivalente a um parto, representa o início para uma nova vida, o nascimento social e a fecundidade daquela sociedade, perpetuando os costumes e crenças, permitindo a distribuição da herança sociocultural. (MEIRA, 2009, p. 194)

Autores que trabalham o contemporâneo pós-moderno, como Baudrillard (1979), em sua obra “A Troca Simbólica e a Morte”, já pontuam a importância da passagem simbólica de nascimento/morte como necessária a efetiva inclusão do ser na sociedade, seguindo o mesmo modelo. Aquele que não a passasse seria então considerado como somente “biologicamente nascido”, um organismo carente de suas funções e finalidades sociais em último. *Os ritos de iniciação são assim aqueles responsáveis por traçar o elo que liga o ser humano a sua coletividade, dando contornos de sentido a sua experiência social.* Não estamos falando de uma imagem e sim de uma “experiência” arquetípica de harmonização e o solenizar da realidade em diversos níveis – uma experiência de ordenamento. Esta experiência esteve presente em todas as sociedades de maneira formal, e está perdida no ocidente moderno.

Considerando o fato de que os ritos de passagem desapareceram em grande parte da nossa cultura, cabe aos homens refletirem como indivíduos a respeito do que era oferecido por estes ritos. Somos portanto, obrigados a descobrir por nós mesmos o que não nos está disposto através da cultura. (HOLLIS, J. 2008, p. 23-24).

A iniciação neste contexto permitia ao homem se situar num estado totalmente diferenciado daquele anterior a ela, permitindo aquela transformação profunda do ser. Como dito, a morte e renascimento sociais são temas presentes em todas as culturas. Imaginemos um paralelo com as identidades cansadas do contemporâneo e sua importância de uma renovação ritual, hoje extintas:

Essa morte simbólica permite o (re)nascimento na condição de detentor da vida politicamente qualificada, agregando o indivíduo, o incluindo no conjunto da sociedade e atribuindo-lhe um corpo sacro-sagrado, venerável, respeitável. (MEIRA, 2009, p. 194).

Luigi Zoja especificamente em seu trabalho “Nascer Não Basta”, nos traz informações importantes sobre este momento. Segundo ele, a ausência da iniciação é um fenômeno localizado e específico na história, nunca antes presenciado por qualquer outra civilização sem ser a moderna ocidental. Para Zoja:

O tabu do incesto é considerado a instituição cultural mais primitiva, arraigada e disseminada. Considera-se também que o seu desaparecimento teria consequências tão amplas e complexas que mal se podem imaginar. Mas essa reflexão pode ser feita também acerca de outras instituições; por exemplo, acerca da iniciação [...] Esta instituição tinha uma difusão intensiva quase tão grande quanto o tabu do incesto, e sua abolição é um fenômeno relativamente recente e localizado, levado a cabo pela primeira vez pela civilização ocidental moderna. Sobre as consequências desse desaparecimento não só não temos verdadeiras conclusões, como também se discutiu pouco ou nada. (ZOJA, 1992, P. 02)

Como trata-se de um fenômeno arquetípico natural e generalizado, sua supressão incorre em desequilíbrios para a saúde individual e coletiva. Jung já nos alertava do problema oriundo da supressão destas dimensões arquetípicas, quando inerentes ao homem, que as projetaria em outras partes ou produziria para si mazelas e compensações (JUNG, *apud* ZOJA, 1992, p. 27).

Ora, permeado ainda pelas tradições e pela ligação com o ambiente, e todos os aspectos integradores expostos na lógica dos ritos, até aqui, os ritos de iniciação, assim, realizavam “um” próprio *subjetivo regulado* no ser humano, lhe dando a conotação de existência “socialmente qualificada”. Os ritos de iniciação eram, portanto, a ponte entre o natural como humano-social, e simbólico, inculcando um senso subjetivo, inserindo o ser formalmente no *próprio subjetivo*.

Ora, como determinar um local solenizado, de importância e *pertencimento*, no qual, os *corpos sociais* se entronizem de maneira coerente (simbolicamente) e *significativa*, imerso no cenário plural e fragmentário das muitas ideologias modernas ocidentais? – Nesta, os corpos perderam sua sacralidade, e o social tornou-se a tautologia do prático e pragmático, onde um *ethos ético*, instaurado por alguma tradição e determinações espirituais/simbólicas, passou a ser deixado de lado, num processo de coisificação dos elementos da realidade; uma *coisificação* que se instala no exato oposto do *local de significado* aqui pontuado pela função destes ritos especiais.

Desgastadas e cansativas, portanto, as identidades não iniciadas, resultado de bricolagens e automatismos, modelos, no sentido apresentado por Baudrillard (1996), encontram-se carentes de significado e finalidades existenciais. O campo político e de formação de grupos, além de congregar os aspectos rituais, poderia em alguma medida oferecer esta experiência de renovação e iniciação perdidas, pelos diversos fatores que iremos apresentar.

Entrando na secularidade de nossa história, rompendo com o simbólico, se aliando de forma unilateral ao racional, “morre”, necessariamente, os ritos de iniciação, e com ele, correspondentemente, as possibilidades de *significação* na atualidade, e a relação com um contexto de enredo lógico que signifique a experiência da vida.

Ritos e ritos de iniciação sob formatos políticos e heroísmo negro

Ocorre, como o dissemos, que quando uma necessidade arquetípica” é negligenciada, está começara a incorrer em novos tipos de manifestações, que busquem reproduzir a experiência necessária da qual a psique necessita para se desenvolver, e no caso dos ritos de iniciação, significar-se dentro do espaço social. A partir daí diversas formas incompletas de se iniciar e promover estes rituais, o que Ulson (1992, in Zoja, p. 06), chamou de “sucedâneos incompletos”, tendem a surgir na forma de diversos modelos de grupos e maneiras da identidade agrupar-se”. A partir de tendências políticas, esotéricas, religiosas, tecnológicas, artísticas e urbanas - em todo nosso contexto, de forma geral, esta necessidade poderá tentar ser encontrada enquanto experiência para a psicologia do homem moderno.

O problema da iniciação coloca-se hoje como retorno do reprimido cultural, como necessidade outrora satisfeita que, negada pela cultura oficial, torna a propor-se em termos ocultos e inconscientes. Como a maioria dos processos arquetípicos, a iniciação tende, porém, a produzir ao seu redor uma moldura ritual e nela reconfirmar-se. Desta forma, facilmente nas o grupo de oficiante: um grupo unido pela partilha de segredos, pelo uso de linguagens iniciáticas e pela execução de rituais comuns. Ao redor da necessidade de iniciação renascem organismos ou grupos não-oficiantes e sobretudo não-conscientes de terem em parte uma finalidade iniciática. Deste ponto de vista, a repressão de uma necessidade satisfeita durante milênios apresenta riscos não só individuais como sociais. (ZOJA, L. 1992, p. 05-06).

É também neste sentido que todo posicionamento político e de ativismo, nosso principal objetivo nesta dissertação, também se encaixa nestes aspectos. E este paradigma se

Confirma à medida que encontramos, no amplo espectro dos grupos ideológicos e contemporâneos, aspectos *rituais* mais ou menos evidentes. “Os mitos políticos de nossas sociedades contemporâneas não se diferenciam muito, sob este aspecto, dos grandes mitos sagrados das sociedades tradicionais” (GIRARDET. *Apud.* FONSECA, 2014, 1987).

Esta é a hipótese de nosso trabalho. Assistimos a uma epifania de causas e valores e “agrupamentos rituais” e/ou ritualizados, em contrastes no nosso contexto social. Diversos discursos ideológicos atingem as massas e parecem competir neste sentido, falando as identidades contemporâneas. Na falta de uma estrutura formal e histórica reconhecida e geral para todos, as possibilidades de se marcar na atualidade são praticamente infinitas, diante do cenário de divisões e bricolagens, no qual uma série de tendências, filosofias e pensamentos se alinham, ainda que conflitantes, em torno deste núcleo arquetípico. Todos estes fatores externos, no entanto, apesar de atentamente importantes para as consciências, é um motivo deveras menor frente a necessidade absoluta do inconsciente de se pertencer a um grupo (uma necessidade ademais comum a qualquer bando mamífero – o pertencimento do grupo) tendo a ancestral experiência do sentir-se amparado em torno de uma mitologia compartilhada de sentido sobre o real.

Na atualidade, parece que realmente vivemos numa guerra “político-simbólica” por ideologias, posicionamentos e valores. As redes sociais parecem exigir uma ação de posicionamento a todo o momento, mesmo estes se apresentando como irracionais, mas que prometem uma direção e uma ordem para o caos social e urbano. Os manifestos contra o governo, a “demonificação” de partidos e políticos, tudo isso faz parte desta necessidade de se pertencer a um arranjo de sentido, onde parece o caos imperar. Tudo isso não deixa de ser uma busca pelo “rito de iniciação” que nos trará aquela “verdade a mais” que nos reordene dentro de uma ética e moral no espaço.

Basta lançarmos um olhar sobre o contemporâneo e vemos que as formas de se iniciar em movimentos radicais, ecológicos, políticos, espiritualistas e até mesmo terroristas, estão disponíveis para nosso acesso, a fim de compensar nossas identidades e o vazio de significado da sociedade laica instaurada pela pós-modernidade. Podemos, sobretudo, encontrá-los em roupagens totalitaristas, intolerância religiosa e preconceitos de diversas matizes – todos estes, temas “hiper contemporâneos” com o qual convivemos a cada dia. Partidos políticos radicais, fascismos e nazismos já participaram disso no passado. Tendências esotéricas e espirituais diversas. O fenômeno das tribos urbanas e seus adeptos, principalmente jovens nas fases comuns das iniciações! Até mesmo “facções” criminosas nas quais se aderem seus tutelados, carentes de outras formas legítimas de participação social. O movimento das igrejas

Neopentecostais e outros. Tudo isso são fenômenos passíveis de análise sob nosso foco teórico dos ritos de iniciação e do pertencimento a um grupo “oficiante”, que carregue esta verdade a mais para seus adeptos, perdidos. Seja como for, ao longo de toda a evolução social, nunca se viu tantos conflitos ideológicos e possibilidades de adesão em um tão curto espaço de tempo histórico como fica característico no século XX, de fato, mostrando-se tratar de uma emergência típica de nossos tempos.

Diante da pluralidade destas formas contrastantes de pertencimento, o velho mito da torre de babel poderia ser aqui citado, onde vemos diferentes *línguas*, que poderiam ser interpretados como diversas *linguagens, discursos e tradições*, num mesmo espaço, nenhuma delas predominando ou *constelando* a todos. Estamos diante do *caos do subjetivo e social* e dos mil discursos – línguas que habitam esta torre. E o final do mito já é conhecido.

O problema no contemporâneo é amplo por suas condições. De fato, o ser humano da atualidade, além de cansado, parece estar desesperadamente em busca de práticas, sentidos e normas que o “endireitem” e o direcionem na realidade individual e social. Este Homem, sempre viveu até então dentro de uma lógica tribal onde fazia sentido o bem e o mal, o amigo e o inimigo, em espaços bastante diferenciados e delimitados geograficamente. Hoje, esta diferenciação geográfica encontra-se porosa, assim como estão permeadas e quebradas as culturas fechadas e os modos tradicionais de se pertencer a elas. O *modus vivendi* do neoliberalismo pretendeu equalizar um espaço de todos, mas suas desigualdades, aspectos fragmentários, “esquizos”, e sua fraqueza simbólica, deixaram todos a mercê de um mar *repleto de tudo*, mas vazio de qualquer significado.

A adesão de jovens de todo mundo ao *Jihadismo* compondo as fileiras do estado islâmico também podem ser na atualidade o exemplo mais contundente e emblemático desta necessidade de buscar novas identidades geográficas e existenciais nos quais os jovens passam de uma sociedade indeterminada, simbólica e ritualisticamente- o Ocidente-, para escolherem a adesão ao exótico e heróico cenário de iniciação do terrorismo islâmico, do Oriente Médio, integrando um papel bem claro e definido de *pertencimento* à uma tradição. Já nos alertava Zoja (1992):

A necessidade latente de grupos secretos e de experiências iniciáticas, pode, por exemplo, ser utilizada para criar estruturas de poder oculto. Antes de tudo, sob formas de grupos terroristas. (ZOJA, p. 06).

Segundo Hollis, ao falar dos ritos de iniciação:

“[...] O significado só vem até nós ‘quando as pessoas sentem que estão vivendo a vida simbólica, que são atores no drama divino’”. Estes jovens buscam: “imagens que atraíram sua libido, canalizando-a para que seja

útil ao desenvolvimento e sua comunidade. Sua necessidade de individuação é profunda e possui urgência arquetípica. (HOLLIS, 2008, p. 95)

A própria afirmação do Ego e de nossa identidade está em jogo quando trata-se da importância deste local bem definido no espaço da realidade, oferecido pela iniciação e seus ritos. Na impossibilidade de vivenciar positivamente estas experiências de pertencimento e simbolização do espaço e do ambiente social circundante, o ego não poderá se desenvolver e poderá alimentar sentimentos sombrios para com a sociedade. Os ritos de iniciação manejam estes sentimentos, integrando a experiência simbolizando-a de maneira positiva. Esta afirmação social do sujeito perante seus pares e grupos é algo fundamental para a psique, no qual ela aposta sua própria existência. O individualismo da atualidade nos turvou novamente de algo fundamental, que é o sentimento de pertença e orgulho perante o coletivo a que se participa. O medo de ser insignificante para seus pares, para seu grupo, para sua sociedade, é bastante grande e inconsciente. O neófito e o adulto precisam se sentir articulados, importantes e respeitados pelo seu meio, sentir-se como de valor para seu grupo (ou tribo). Muito pouco disso ou em formatos insatisfatórios e incompletos acontece de fato no contemporâneo. E esta é uma necessidade básica do ego. Poderíamos mesmo dizer de um certo *sentimento de pertença* arquetípico:

Na *Ilíada*, quando indagaram a Heitor, o herói troiano, porque lutava com tanta bravura, respondeu que sentia mais medo de ser humilhado pelos seus companheiros do que ser atravessado pelas lanças gregas. (Ibid, p. 85).

Ocupar um papel no enredo divino, mesmo que este papel seja subversivo, sombrio ou demonificado, é algo ainda melhor que ocupar um local extremamente indeterminado, que seria o nada para o ego. Na atualidade, já não existem papéis claros de heroísmo admitidos e bem delimitados, formalizados na iniciação e no papel do sujeito na sociedade. Todo *cavaleiro* é um iniciado, possui um rei, uma espada, um rito e um contexto que o consagra e lhe dá uma missão e locais específicos. Na ausência deste amparo, na impossibilidade de uma verdadeira aventura, a única possibilidade de ser cavaleiro na atualidade é, de fato, no papel de cavaleiro negro e do “aventureiro” em seu sentido mais negativo. (ZOJA. p. 23). Indivíduos que, dentro desta crise das identidades promovida pela ausência dos ritos de iniciação, se colocaram, por própria inquisição do ego, na postura de rebeldes ou contrários a este sistema que não os admite ou lhes reserva um espaço cativo. De fato, cavaleiros negros se assemelham muito com o tema de nossa dissertação, no qual *Black Knights* podem ser simbolicamente associados e confundidos com nossos *Black Blocs*.

A necessidade de vivenciarmos estes ritos e compartilharmos esta verdade a mais é tão grande que é válido exprimir, antes de finalizarmos esta sessão, que a mesma, em nosso

contexto contemporâneo, também se estende aos domínios do cinema e literatura, formando o nicho de diversos temas que envolvem roteiros cinematográficos. Poderíamos, para além dos filmes já citados aqui -Matrix e Into The Wild- outros como Clube da Luta, e até mesmo outros filmes passados por infantis ou adolescentes, consumidos em massa, como Harry Potter, A Saga Crepúsculo e outros. Se olharmos atentamente, todos possuem transformações do estado cotidiano para um outro estado, transcendente e *numinoso*¹ dentro de um grupo novo e/ou secreto, que traz uma verdade a mais para o sujeito, lhe permitindo uma experiência renovada, em um novo grupo de pertencimento. Cada um destes filmes poderia merecer uma análise em particular. No entanto, um último ainda será citado, atenção pelo seu perpasso político, que ganha vulto em nossos estudos: o filme “V For Vendetta”, que trataremos mais à frente também por seus aspectos destacáveis para nossa presente análise.

Filosofias e tendências teóricas também imergem para preencher esta lacuna simbólica deixada pela tradição e ausência do ritual em seu sentido amplo de “significação da realidade”. Desde a psicanálise ao marxismo, as próprias teologias e filosofias diversas, tão apaixonadamente defendidas por seus adeptos, *iniciados*, nas mesmas.

Com tudo isso, no entanto, algo ainda parece escapar para simbolizar o homem moderno e lhe tecer um *local de pertencimento* claro e definitivo dentro do arranjo social contemporâneo. No entanto, como nos traz Baudrillard, o “sistema” e forma de vida contemporânea, parecem anteceder a estas tentativas:

As atuais revoluções se inscrevem, todas elas, na fase imediatamente anterior do sistema. Todas se armam de uma ressurreição nostálgica do real sob todas as suas formas, isto é, simulacros de segunda ordem: dialética, valor de uso, transparência e finalidade da produção, “libertação” do inconsciente, do sentido “reprimido” (do significante ou do significado chamado desejo) etc. Todas libertações não passam de transição para a manipulação generalizada. (BAUDRILLARD, 1996, p. 09).

É neste sentido a “pulsão” simbólica que o rito e suas causas promoviam se converte contraditoriamente na atualidade na criação de produtos e mercadorias como camisas da revolução, vendas de estilos “rebeldes”, no modismo da “moda hippie e punk”. Assim como no mercado religioso, nos livros esotéricos e de autoajuda que vendem aos milhares em nossas livrarias. Um mercado de identidades que precisam de uma marca. Até mesmo uma reflexão sobre a marca, em seu sentido etimológico e original, que atravessa estes produtos, tanto quanto atravessa os momentos rituais de passagem na iniciação, no qual o indivíduo teria de ser marcado/significado, de alguma forma.

E é por tudo isso é que a temática da iniciação e dos ritos se estende como amplo campo de pesquisa e reflexões. Como o leitor atento já pode ver, esbarramos não somente da *gênese dos movimentos em grupo* e sua implicância na vida social do sujeito, como também do próprio local de *pertencimento* a que o sujeito necessita para construir e reconhecer sua identidade. É a

missão do psicólogo e pesquisadores sociais que consideram o inconsciente trazer esta dimensão à tona sob as formas de investigação social. Atomizar estes elementos é a missão do psicólogo analítico ligado às pesquisas no âmbito social. Utilizamos o rito e seu paradigma como centro arquetípico organizador, um núcleo de experiência ou uma imagem central enquanto tal, comum a humanidade e à experiência social ao longo dos séculos. Estes são para nós os Ritos de iniciação e passagem.

Por fim, a alienação do “ritual”, e aqui não estamos falando só dos ritos de iniciação, também seria sofrida pelas massas convergiria em momentos de catarse coletiva. Entendemos que a própria “tomada das ruas” por “diferentes classes” - muitas vezes sem consistência política efetiva por seus participantes (o que não é condição geral, acentuamos) atestam as características inconscientes deste fenômeno em formatos, igualmente rituais, como pudemos assistir nos últimos tempos no Brasil dos manifestos e outros fenômenos incontroláveis das massas. Mas para tratarmos deste assunto, precisaremos antes compreender um pouco da teoria dos rituais ao longo da história.

Teoria dos ritos e rituais e sua fenomenologia geral.

Esta última parte é apenas um aprofundamento histórico e fenomenológico dos ritos, que servem principalmente àqueles que buscam fontes e compreensões mais teóricas e classificatórias sobre o tema. Assim como, ao final, uma perspectiva ampla sobre os mesmos, para além dos ritos de iniciação, aqui aprofundados.

Os ritos e os rituais são fenômenos sociais e humanos por excelência, e o enfraquecimento deles pode ser, como o dissemos, justamente o elo e a causa que irá ao encontro das diversas problemáticas ocorridas na atualidade, trazendo possibilidades de reparação e compreensão em seu seio fenomenológico. Não raro vemos arestas de rituais invadirem os campos das ciências a partir de patologias como o TOC, dependência química e outras compulsões. Na educação, na eminente crise de valores da juventude, já se pode ouvir falar da necessidade de uma “ritualização da sala de aula” (ROCHA, 2002). De alguma forma, a visão puramente positiva da realidade deixou de lado um amplo e fundamental espectro do ser humano e da sociedade.

Após o trabalho de Van Gennep, que “propôs uma classificação dos rituais de acordo com o papel que desempenhavam na sociedade” (PEIRANO, 2003, p. 22), novos autores,

como Gregory Bateson, em seu livro *Naven*, de 1936, ilustraram a complexidade dos exercícios rituais entre os nativos iatmul, da Nova Guiné; a abordagem de Bateson, considerada arrojada demais para a antropologia de seu tempo, consistia ao final numa análise por meio de quatro abordagens teórico-metodológicas; entre estas a abordagem descritiva (puramente), estrutural (de Radcliffe-Brown) funcional (de Malinowski), e por fim introduz uma análise etológica, na qual permite uma ordenação cultural de aspectos instintuais e emocionais envolvidos no ritual, além de outra, a eidológica, na qual traduz aspectos cognitivos da personalidade dos envolvidos nos atos rituais (Ibid. p. 26).

Estas perspectivas todas já nos ilustram a complexidade do fenômeno por nós aqui estudado. Os rituais são manobras sociais de alta complexidade e alcances não só coletivos, como também individuais, envolvendo uma gama de fenômenos correlatos expressos numa dinâmica singular ou performance que chamamos rito ou ritual.

Após *Naven* (1936), surge Gluckman (1911-1975) que tendo por escopo a África irá finalmente enfatizar o quão mais cientificamente possível o ritual e os ritos como parte das estruturas sociais antropológicas estudadas em seu tempo, e desta forma o concebe. Com o enfoque de um sistema, “Gluckman procura inserir o ritual no exame das estruturas sociais, exatamente por acreditar que ele conduzia a uma forma *sui generis* para resolução de conflitos” (Ibid, p. 27). Enfim o rito é admitido entre as instâncias sociais estruturais e fundamentais de uma dada sociedade, sendo assim, de caráter arquetípico no grupo, como vêm conformar nosso estudo. No entanto, uma das elaborações preferidas ainda referindo a antropologia clássica talvez seja a de Victor Turner, aluno de Gluckman, que enfatizava as dimensões para além do status e posição social dos envolvidos, “englobando estados mentais, sentimentais e afetivos, e estados de ser que são criações culturais”. No entanto, o trabalho de Turner em muito se assemelha à perspectiva clássica de Gennep na qual se encerra no procedimento ritual, fases típicas e mais ou menos previsíveis, envolvendo os momentos de “ruptura”, “crise”, “reparação” e “reintegração”, que ele denominou de “dramas sociais”. (Ibid. p. 31-33). Esta perspectiva dada por Turner muito ajuda por sua ênfase no “conflito”, e nas performances em torno de problemáticas centrais de uma dada sociedade.

Após esses autores, ainda surgiu, para esclarecimento dos rituais, na antropologia, a revolução estruturalista de Levy Strauss, que trouxe os temas da área ao nível de estruturas compartilhadas. Esta perspectiva antropológica, como se faz claro, muito se aproxima da ideia de compartilhamentos humanos arquetípicos, independentes de suas posições culturais ou geográficas; e permitiu ao nosso pensamento a relativização do que é “primitivo” ou “moderno”. No entanto, o rito foi deixado de lado pela proeminência dos mitos nos estudos

de Levy Strauss, que dava maior importância à linguagem oral e à forma de pensar do que à ação e às performances dos atos enquanto linguagens não verbais. Mas o pensamento deste autor vigorou para ampliar e preparar a mentalidade epistemológica que viria compor os próximos estudos sobre rituais. Leach (1911-1989) se utiliza da ideia de um repertório básico que todos compartilhamos, e trouxe na composição dos ritos e dos atos ritualísticos uma complexidade de linguagem para passagem do conhecimento, unificando e equalizando de alguma forma ritos e mitos. A complexidade e múltiplas finalidades de um ritual, então, faziam ao invés da finalidade vazia e mágica do suposto primitivismo do fenômeno, algo muito mais arrojado e inteligente do que poderia supor os racionalistas destes últimos séculos, congregando uma complexa e arrojada dinâmica de fatores correlacionados de forma sagaz e engenhosa, elevando o ritual a outro patamar dentro do arranjo comportamental dos humanos. A modernidade estaria então tentando acompanhar sua amplitude enquanto fenômeno.

Preferimos crer que é neste sentido também que caminha nossa pesquisa e a direção da descoberta desta múltipla função ritual é tema de progressos e evoluções da tecnologia social e psicológica que pode ser aplicada através desta atomização. As próximas evoluções sobre os ritos no meio científico e antropológico não deixou a questão por terminada, nem tão pouco restringiu sua abrangência, porém, como vemos em Stanley Tambiah, ocorre uma congregação de fatores funcionais sociais, na resolução de conflitos e dramas sociais, em consonância com a abertura para passagem de conhecimentos e linguagens próprias, numa gama de fins e significados para os grupos e indivíduos. Tudo isso como um único símbolo/ato performático. Os estudos ainda não encerrados sobre a abrangência e funcionalidade dos rituais e ritos apenas endossam a nossa perspectiva na qual os entendemos enquanto um fenômeno arquetípico bastante pronunciante em temáticas humanas diversas, podendo representar ótimo campo de estudo para posteridade e o desenvolvimento do conhecimento científico humano.

Tudo isso nos dá um norte da abrangência e complexidade do fenômeno destas performances que estamos estudando sobre o nome de rituais e ritos de iniciação, e o quanto elas estão imbricadas com a psicologia individual e as temáticas sociais que davam estruturas sociais propostas nas mais diversas civilizações primitivas. É preciso dizer que os níveis sociais, individuais e sacralizados compõem parte da rede que envolve os ritos e as práticas, englobando também a relação do ser com a totalidade do seu espaço, pares e consigo mesmo.

Os ritos, rituais, ritos de iniciação são fenômenos tão amplos e complexos que, conceituados de diversas formas e possuindo múltiplas e intrincadas finalidades e funções, nos levam a caminhos aparentemente persistentes a uma possível racionalização diante de sua

riqueza simbólica e espectros em nosso subjetivo. Terrin nos adverte que: “Quem estuda o rito é facilmente tomado pela angústia do amorfo. De fato, o rito parece “incompreensível”: desfia-se com facilidade, estica-se e amplia-se a vontade” (TERRIN, 2004, p. 08). E prossegue:

Quando, hoje, falamos do rito e dos ritos no mundo das religiões ou mesmo em outros âmbitos, logo nos defrontamos com dificuldades semânticas e entramos num labirinto inextrincável de compreensões diversas e, as vezes, totalmente diferentes entre si quanto ao que seja rito e aos elementos que o qualificam no nível teológico, fenomenológico, histórico-religioso, antropológico, linguístico, psicológico e sociológico, etológico e biológico. O fato de o rito abarcar todos esses âmbitos e poder se interpretado segundo cada uma dessas dimensões faz dele uma realidade poliédrica, que o aproxima do conceito mesmo de “cultura”, e por isso dificilmente pode ser entendido de maneira não-equívoca e de uma forma correspondente a sua etimologia original. [...] se é verdade que o rito, além de se estender em círculos concêntricos e de modo interdisciplinar aos mais variados âmbitos até abraçar o conceito mesmo de cultura, também se move numa oscilação contínua, e por isso em sua essência pode ser definido variadamente como conceito, como praxe, como processo, como ideologia, como experiência ou como função [...]. (Ibid. 2003, p. 17).

Este, ao contrário, não é um problema para nós, psicólogos do inconsciente, e acaba por ser justamente o que justifica sua função na psique, que envolve a evolução de partes num conjunto maior e organizado, de maneira simbólica. É nesta angústia do amorfo que encontramos uma atividade humana fluida para os verdadeiros fins a que se deseja. E então encontramos o rito enquanto fenômeno e função arquetípica, para além das descrições e particularidades, culturais e civilizatórias. Encontramos os ritos enquanto experiência psicológica, com finalidades e circunspeções coletivas e sociais — um motivo e um fim que caracteriza o universo vivido em toda sua complexidade. Neste sentido, trata-se mesmo de uma experiência operacional/arquetípica da psique. Cometer o erro de fragmentá-lo seria um erro epistemológico, que volta sobre nós mesmos em nossas discussões sobre a própria mentalidade do racionalismo contemporâneo um erro, contrariando assim nossas próprias assertivas e pontos de partida e fim. Isto não nos impede de apresentar o horizonte que se desdobra a nossa frente, para olharmos a amplitude do fenômeno que nos debruçamos, sob a sua riqueza de aspectos e concepções.

O que nos interessa aqui é o aspecto mais íntimo e amplo destas experiências em sua relação com o mundo subjetivo na sua relação com o universo imediato; aquém de suas particularidades metodológicas, composições x, y ou z de arranjos diversificados e quiméricos

das intermitências de suas manifestações, e que podem corresponder as suas finalidades simbólicas diversas. Neste caminho de definições:

[...] acaba-se por atribuir um enrijecimento *standard* a um rito religioso tradicional, como se este fosse o único rito aceitável, ou se termina por admitir quase que inevitavelmente – sobretudo em contato com os ritos e as performances do pós-moderno – uma espécie de “crioulização”, de mixagem da linguagem, pela qual se passa a identificar como rito tanto a cerimônia, a celebração da missa, como uma partida e futebol, um concerto musical, um desfile de moda etc. (TERRIN, p. 17).

Esta *integração* das operações rituais apesar de sua grande gama de funções e categorias num mesmo conjunto de práxis ritualísticas, parece também denotar sua abrangência enquanto aparição generalizada e de caráter coletivo. Apesar de suas funções e fatores marginais, suas situações contextuais e culturais, quando diferenciamos suas inúmeras vestes imagéticas e simbólicas manifestas e toda sua pluralidade de fins e formas, podemos ir de encontro encontro ao seu núcleo chave, arquetípico, enquanto *função operacional* da psique e dos grupos, algo comum as manobras mais íntimas e arcaicas da psique, algo de natureza antropológica, comum ao homem, fenomenológica desta forma. Assim nos deparamos com a própria gênese e estrutura rituais, unificada numa mesma essência de suas práxis enquanto instancia mental e que se dá a partir do contraste entre a consciência no ambiente que ela mesma *significa*.

Neste íterim encontramos em consonância com estas colocações justamente a diferença entre Ritos e Ritual. O primeiro, o rito, “faz-se referência a uma ação realizada em determinado tempo e espaço. ” (TERRIN, p. 19). Já, “Quando ao invés falamos de ritual, fazemos referência a uma ideia geral da qual o rito é uma instancia específica [...] definido de maneira formal e mediante caracterizações” (Ibid. p. 20). Sendo assim, como um conceito formal e padronizado daquilo que vem oriundo da atividade do rito, o ritual se constitui como conceito do primeiro, sob as mais diversas determinações e variações, enquanto o rito é uma atividade em si, a priori. O rito, portanto, é o que mais no aproxima de nossa compreensão e fins, sendo que o ritual enquanto formalização nos afasta do ato simbólico e da práxis, substrato psíquico, que julgamos importante e que nos liga à dimensão arquetípica e ao núcleo operacional deste ato, sua função na consciência, como pontuamos.

O *ritualizar* também nos interessa por compor a gênese mais atomizada daquilo que constitui mais tarde a essência de um rito. O ritualizar enquanto ato, não evoca necessariamente o sagrado ou uma cerimônia determinada. Tratando-se, da estrutura a partir da tendência do próprio agir “formalizador” e “solenizador”, tornando-se uma atividade cotidiana repetitiva e padronizada. Este ato que está na coluna de um rito nos diz muito do fenômeno que queremos tratar, pois parece nos remeter a gênese do movimento ritual enquanto tendência fundamental da espécie humana.

Fundamentalmente, é o processo pelo qual se formam e se criam os ritos. Há ações, que com o tempo, são ritualizadas; há situações e circunstâncias nas quais a pessoa é levada a ter um comportamento ritual e “ritualiza” o próprio agir, tornando-o formal, repetitivo. (TERRIN, 2014, p. 20).

O ritualizar mesmo em sua essência parece corroborar nossa perspectiva arquetípica, parece ter uma raiz filogenética quando o mesmo parece ser um movimento presente também na vida de peixes e outros organismos biológicos, “prefixada ou até mesmo espontânea e livre nos pássaros e mamíferos”. Este também estaria presente e acentuada, em evolução, nos rituais sociais de primatas não humanos. A partir disso a ritualização humana seria mais complexa e categorizada segundo a genealogia dos ritos e rituais. (SCHECHNER apud TERRIN, 2004, p. 23).

Este, por sua vez, deve ser diferenciado do ritualismo, que nos vale caracterizar, diz respeito justamente à perda do aspecto solene e simbólico de um suposto ato ritual no qual o mesmo é executado de maneira autônoma, apenas pela repetição e formalidade do processo no qual sua essência simbólica jaz esquecida. O ritualismo neste sentido, pouco nos interessa, uma vez que psicologicamente, o ato de simples repetição não evoca nem tão pouco constela nada à experiência de conexão e de uma totalidade maior que nos remetem aos ritos e à experiência cotidiana do ritualizar.

Estamos novamente diante do simbólico que obsidía o rito, e que prevê uma participação mística e conexão entre todas as coisas. Este, digamos, é o sumo do rito e da ritualização, de forma geral:

Com efeito, ele vive num tal estado de *participation mystique*, como Lévy-Bruhl chamou este fato psicológico, que entre o sujeito e o objetivo não há aquela distinção absoluta que se encontra em nossa mente racional. O que acontece fora, acontece também dentro dele, e o que acontece dentro, acontece também fora. (JUNG, 1984, p. 328-329, apud SILVA, 2002, p. 35).

Neste sentido, os ritos nas suas mais diversas variáveis e quando ligados a sua finalidade simbólica que destacamos como determinante característica de suas funções primordiais:

[...] indicam, em cada contexto, a ordem “cósmica”, “universal”, estabelecida pelos deuses, aquela ordem que é o fundamento de todo o universo e que – na concepção védica antiga – deve, por sua vez, estar na base da ordem do mundo microscópico, no qual se inclui o do próprio homem. Nessa ordem dos homens, a palavra assume o valor de *dharma*, ao qual todo ser vivo deve obedecer. (TERRIN, 2004, p. 18-19)

Portanto, o rito e o ritualizar são por nós considerados como de sucesso quando permitem a “passagem” da consciência para certa cosmologia disposta, e continuidade entre

as partes na realidade imediata. Este cenário de interações e ligações, compondo este cosmos (simbólico ou real), parece funcionar como plano de fundo na qual se entrevê uma correlação e continuidade entre os seres, o espaço, e o tempo. Esvanece-se e dilui-se qualquer separação entre as partes que compõe o real e a homem/consciência. Sendo assim, o rito parece ser a calibragem da consciência, nos seus mais diversos estados, para o estado de orientação e alinhamento com uma ordem das partes com este todo. Remetendo ao *mysterius tremendus* em última instancia, esta função de harmonização da psique, constantemente, nos remete psicologicamente ao *self*, o arquétipo da totalidade que possibilita ligar o rito ao mundo imediato, no qual se pode tocar ou sentir na ipseidade do ser e atribuindo sentido a esta realidade. Dado as suas bases e peculiaridades, o rito em si — ou o ato de ritualizar que está em sua estrutura — congrega as possibilidades de integração de aspectos simbólicos e materiais da realidade tangível, coadunando mundos opostos, de forma que: “Num abraço e num entrelaçamento único entre os sinais do mundo empírico e o significado do mundo no nível metaempírico”. Coadunando mundo imaginado e mundo vivido. (Ibid. p. 30-31). Neste sentido, objetos e atos rituais: pintar, dançar, cantar, falar etc. são o contraponto material (tangível) do mundo do mítico possuindo imanência e um *continuum* em si, formando uma realidade unificada e instaurando uma sinergia fundamental do real no subjetivo e/ou psíquico; do mundo amplo para o mundo particular. O real e o subjetivo estão num mesmo espaço dando-lhes um laço que ampara a realidade vivida pelo homem, lhe atribuindo início, meio e fim, um senso de sentido.

Assim, nós temos a íntima ligação da função organizadora do rito (quando não distorcido e “profanado”, ainda que o profano possa participar desta epifania) que na experiência da consciência advém de uma lógica existencial, podendo gerar psicologicamente também determinado estado de êxtase ou certa sensação de bem-estar e empatias com os pares e com o mundo imediato. Tudo isso, ritualisticamente, pode dar-se seja num ritual religioso e litúrgico, em um rito de passagem iniciático ou mesmo num breve aperto de mão – uma categoria mais cotidiana do ato de ritualizar. Todos preenchidos de significados através desta rede mais ampla descortinada do mundo simbólico que permeia a realidade humana.

Este contato, esta conexão, é ponto fundamental da subjetividade humana, esquecida em nossos tempos no qual a sinergia e relação entre o homem, o símbolo e as coisas foi perdida e adentramos no labirinto de “digitalidades” e simulações (BAUDRILLARD, 1996, p. 81), da realidade codificada (e coisificada) do pensamento pós-moderno; apresentando o rito então como um problema intimamente ligado à contemporaneidade.

A sua dimensão simbólica hoje é secundária diante dos motivos práticos da organização social vigente. Os rituais tornaram-se incompatíveis com este novo modelo social de nossa sociedade, fragmentária. Porém, como nos traz Hollis: “Sem ritos significativos, carregamos a mais dolorosa das feridas da alma – a vida sem profundidade”. (HOLLIS, 2008).

Contrastando com esta fragmentação já apontada de nosso contexto, terminamos por apresentar este subcapítulo, expondo a esclarecedora - e enaltecida, organização da função dos *ritos*, dada novamente por Natale Terrin, através da natureza etimológica do termo, e que apresenta o sumo de sua função ao nosso ver, e o destaca como paradigma de estudo para o novo milênio:

Segundo Benveniste, *rito* vem do latim *ritus*, que indica a ordem estabelecida e, mais atrás, liga-se ao grego *artýs*, com o significado também de “prescrição, decreto”. Mas a verdadeira raiz antiga e original parece ser a de *ar* (modo de ser, disposição organizada e harmônica das partes no todo), da qual derivam a palavra sânscrita *sta* e a iraniana *arta*, e, em nossas línguas, os termos “arte”, “rito”, “ritual”, família de conceitos intimamente ligada à ideia de harmonia restauradora e a ideia de “terapia” como substantivo ritual. Outros autores observam que “rito” poderia ter, em sua base, a raiz indo-europeia *ri*, que significa “escorrer” e, nesse sentido, ligar-se-ia ao significado que têm as palavras “ritmo”, “rima”, “rio” (*viver*), sugerindo, respectivamente, o fluir ordenado de palavras, da música da água. [...] uma realidade que decompõe o tempo e modula harmoniosamente os registros do nosso agir no mundo. [...] O rito nos permite viver num mundo organizado e não-caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível. Se é verdade que o cosmo tem a força para opor-se ao caos, isso se deve ao rito e a sua forma organizadora. (TERRIN, 2004, p. 18-19).

3. Black blocs e a sua contextualização histórica

Irrupção de grupos contemporâneos

Foi em 17 e 20 de junho de 2013, no bojo dos grandes manifestos pelo mundo, que a sociedade brasileira viu o apelo de grupos que finalmente utilizaram de táticas de guerrilha urbana, violência e depredação de patrimônios, em especial os patrimônios privados e de maior valor simbólico para o capitalismo enquanto ordem vigente, em seus manifestos. Deparamo-nos com um fenômeno já conhecido no mundo ocidental e distante do Brasil, embora, proliferado em diferentes situações sociais em diversos países: os Black Blocs. Eles diziam pretender resguardar os manifestantes e suas falas contra a ação policial. Mas para além de um mero tipo de defesa (radical) das falas sociais, esta estratégia, como fora chamada, e seus ataques agressivos no confronto com os agentes da ordem e seus símbolos, pareciam guardar uma riqueza ideológica e sociológica até então pouco discutida — e um posicionamento psicológico existencial no mínimo inquietante.

Os Black Blocs podem representar ao cientista social muito mais do que uma simples estratégia espontânea — as típicas roupas pretas, as máscaras que encobrem os rostos, um código de conduta passado de boca a boca, pelo qual exercem sua prática, e outras diversas características de agrupamento e ações, tudo isso ratificando um fenômeno coletivo merecedor de uma análise mais elaborada de suas raízes, motivos e significados.

O grupo Black Blocs parece ter muito mais a *fazer* do que a *dizer*. E o fazer dele de fato nos diz muito mais como um fenômeno sócio psicológico em movimento pelos espaços urbanos. É algo impossível de se poder ignorar socialmente tanto por sua magnitude quanto pela ação em si, que toma repercussões coletivas e proporções notórias. Mas muito além do julgamento de valor e das comoções sociais e midiáticas, que esbarram apenas nos meandros mais superficiais das discussões políticas do momento, o grupo Black Blocs já passou por outras emergências políticas diversas e se mostrou fenômeno resiliente, já transcendendo há décadas. Ainda que pouco fale ao cidadão comerciante, ao pequeno burguês, às classes dominantes ou mesmo às assalariadas, convencidas de seu papel, os grupos de Black blocs saem às ruas sem hesitar, demonstrando revolta, insatisfação e afinação política, indicando que algo possivelmente está fugindo (oculto) aos nossos olhos; aos olhos da ordem comum. Algo que precisa ser evidenciado e exposto, com violência, se preciso for.

Trata-se de uma reação social resultante do cenário de subjetividades específicas que produz o grito de algo dolorido, violento de tamanha magnitude e motivações cuja violência

psicológica se reflete na massa. Motivações muitas vezes indeterminadas para alguns — ainda que expressivamente deliberadas —, e, para outros, com foco bastante específico. Mas sempre com características que chamam a atenção, tornando esta fenomenologia tão singular.

São tais características indeterminadas que buscamos capturar neste trabalho. Quanto mais por se tratar de um fenômeno sinérgico com uma tomada coletiva das massas, o fenômeno também não é nem de longe isolado em suas características e posicionamentos. Um olhar sobre a realidade do mundo ocidental deixa entrever a formação de grupos nos mais diversos movimentos sociais, com algumas atitudes similares direcionadas ao objeto da revolta, neste sentido, podemos traçar a íntima relação do fenômeno Black Bloc com a mais larga promoção de grupos anti-sistêmicos e de ataques anárquicos.

Na estrutura dos grupos Black Blocs: “Não existem programas, estatutos ou membros [...] Existem, porém, ideias e utopias políticas, que determinam nossas vidas e nossa resistência. Essa resistência tem muitos nomes, e um deles é Black Bloc.” (DÉRI, 2014, p. 43), como os Anonymous, grupo de hackers que agindo pela rede mundial de computadores vem causando alvoroços mundiais ao estado e empresas privadas, e cuja máscara pode ser vista no corpo de diversos manifestantes —, inclusive de grupos Black Blocs¹. Em tempos eminentemente midiáticos, ela mesma surge de um filme que trata de revolução e insatisfação com o sistema. O uso de tais máscaras também pode ser assistido compondo o cenário dos manifestos contra a violência e o preconceito nos EUA, despertados pela morte do menino negro por um policial. O alcance dos Anonymous, invadindo sites oficiais do governo entre outras ações diretas, e dominando, e “resguardando” os interesses públicos daqueles que habitam a realidade da rede mundial de computadores, representam bem as novas possibilidades de irrupções de grupos contemporâneos. Neste sentido, assim como os Black Blocs pretendem dominar as ruas, resguardando a população da opressão de uma ordem vigente, também os Anonymous dominam este espaço virtual e online, de maneira igualmente anárquica e contundente. Ambos os espaços aqui colocados, de suma importância para o subjetivo contemporâneo e que aparentemente perduraram ainda mais a frente com este nível de destaque.

No entanto, como dissemos em nossa introdução, outras formas de agrupamento ainda podem ser citadas como promotoras da irrupção de diversos movimentos e padrões de

¹ O “V for Revenge” ou “V de Vingança”, se transformou numa marca dos manifestos com a máscara Guy Fawkes, baseada no personagem histórico e terrorista revolucionário Guy Fowkes, que planejou explodir o parlamento em Londres, e foi capturado em 1605, e decapitado no ano seguinte. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br/edicao10abril2010/vdevinganca.pdf>

agrupamento, como se dá com o surgimento das tendências esotéricas, do uso e abuso de drogas e até mesmo do terrorismo. Muito recentemente vimos grupos terroristas islâmicos, que também utilizam redes sociais como formas de coordenação, encorpados com a presença de jovens ocidentais que militam em suas causas.

Seja para onde olharmos podemos entrever a formação de grupos que se alinham em torno de uma causa comum, sobretudo endossadas com um teor radicalista de “vida ou morte”, e com seus próprios códigos e atitudes radicais.

Em que dimensões de uma problemática social e coletiva tal fenomenologia dos grupos se enquadra, é o que tratamos aqui. Estamos lidando com um fenômeno coletivo, com a formação do subjetivo das massas em movimento! Um fenômeno generalizado. Todos estes grupos servem às identificações dos sujeitos em tempos de desamparo psicológico, imersos nesta bricolagem sociocultural, com suas devidas finalidades de mercado e show midiático, que representam nossos tempos.

Estes grupos, sobretudo, parecem evidenciar algo de uma natureza coletiva e a necessidade de se afiliar subjetivamente. A partir de uma leitura macro analítica, devemos isolar e compreender esta fenomenologia para traçar sua relação com a conformação social e a identidade individual de nossos sujeitos. As diversas manifestações em suas expressões externas devem ser encaradas como um ponto de escolha e identificação dentro de suas possíveis variações determinadas sócio historicamente no contexto. No entanto, é na *fenomenologia do agrupar em sua dimensão mais fundamental*, do movimento da vida humana em torno de um “núcleo social em comum” a que se “necessita pertencer”, que se faz o ponto nuclear de nossa análise. Portanto, utilizaremos os *Black blocs* como um modelo explicativo no qual a mesma tende a ampliação desta problemática, analisando e enriquecendo nosso entendimento dos meandros de formação destas formas de agrupamentos como o vemos hoje. Podemos dizer que esta manifestação de “preto” se alastrou por todo Brasil em 2013, e somente junto aos manifestos já representou uma enorme tomada de um fenômeno singular do coletivo, trazendo algo de contundente enquanto manifestação violenta que se dá no âmago dos centros urbanos, as próprias cidades, suas ruas, praças e fios.

Origens Black Blocs: Movimento *Autonomista*

Além de participaram também das novas formas de manifestação a ações deste início de século XXI - em seus moldes de rede informatizada, os Black blocs, como veremos neste capítulo, já se fizeram presentes em outros diversos momentos históricos, e seu estilo e atitude

enquanto grupo perdura já por décadas; compondo o cenário de reações “anti-sistêmicas” das últimas décadas do século passado.

A origem dos Black blocs, porém, se dá no movimento chamado *autonomista*. Quem descreve com precisão o processo e contexto do surgimento deste movimento é George Katsiaficas em seu livro “The Subversion of Politics: European Autonomous Movements and The Decolonization of Everyday Life” - título por si só sugestivo . Um de seus capítulos se intitula “New Social Movements and Politics of Identity”. Este movimento surge no cenário de crises ideológicas de países europeus do pós Segunda Guerra Mundial, particularmente se originando na Itália e Alemanha. De um lado a direita avançava com sua dominação *ideológica e subjetiva*, e do outro lado havia uma queda dos antigos regimes de poder e uma crise da esquerda seguida de uma eminente certa impossibilidade de satisfazer as identidades destes indivíduos europeus destas nações com redes de valores próprias e uma norma grupal que pudesse dar qualquer sustentáculo subjetivo ideológico diante da dominação externa. É neste contexto que surgem o movimento *autonomista* e os “*autonem*”. Neste livro, o autor aborda o contexto, a origem e desenvolvimento do movimento autonomista e sua evolução nas últimas décadas, que logo se alastra por diversos países da Europa. Os *autonem* preconizavam a liberdade ideológica e sua variedade de expressão, obtendo elementos do marxismo, do anarquismo, ambientalismo, antiautoritarismo e feminismo radical. Segundo o jornalista e sociólogo Marcos Rolim (2013):

Historicamente, os Black blocs foram uma das expressões dos movimentos autonomistas europeus nas décadas de 1970 e 1980, particularmente na Itália e Alemanha. Diante da inércia do movimento sindical e da burocratização dos partidos comunistas, os autonomistas passaram a reunir militantes que haviam rompido com o marxismo e que faziam a crítica do autoritarismo das organizações tradicionais, além de jovens anarquistas e parte importante dos ambientalistas. (ROLIM, 2013, p. 1).

É interessante pensarmos um pouco mais este cenário do pós Segunda Guerra, nas vias da guerra fria, onde, especialmente na Alemanha, vemos marcar o surgimento do autonomismo. Algum tempo antes, o Nazismo – utilizado como aparato de tradição e ordenamento subjetivo para o povo alemão, uma posição dura e radical, fora derrubada. Com isso, uma possível forma de “identificação sócio psicológica”, ou “tradição”, num mundo em vertiginoso processo de globalização se extinguiu, tornando as possibilidades de iniciação a um ideário regulador e “original” das identidades alemãs praticamente inexistentes. Parece que a Alemanha possa ter sentido com certa força, quanto mais na posição de um povo eminentemente tradicional, a quebra com suas bases e origens históricas e culturais, oriundo da secularização de nossos tempos. No período que marca o final das últimas décadas do

século passado, vemos esta mesma Alemanha partida ao meio – isso de forma literal com o muro de Berlim. Para nós, no entanto, seu aspecto mais importante trata-se do quanto este conjunto de fatos se daria impactando nestas identidades, igualmente “partidas”, num país já tão “ressaqueado” de suas convulsões – ou seja, tão carente de bases sólidas e continentes psicológicos para seu desenvolvimento. Uma Alemanha regulada pelos países vencedores, sem qualquer núcleo subjetivo e projetivo próprio, que a regulasse de dentro. A dignidade e identidade do seu povo – órfãos de Pai, “desapadrinhados” *psi* no globo. Como tudo isso reverberaria em sua mentalidade compartilhada? Num tal contexto, conflitos internos e reações de resistência e movimentos paralelos certamente seriam inevitáveis, assim como a irrupção de caminhos e tentativas de se formatar novamente, de forma original.

Como nos traz Lima (2014):

Advindo da experiência da autonomia operária italiana, a Alemanha foi um dos países onde o movimento mais se desenvolveu: um conjunto de experimentos sociais organizados por setores que optaram por se manter à margem do modo de vida dominante imposto pelo governo e criar focos de sociabilidade alternativos no seio das próprias sociedades capitalistas, pautados por valores e práticas opostos aos já estabelecidos. (LIMA, 2014, p. 05).

O movimento teria passado despercebido ou abafado pela mídia, sem interesse em evidenciá-lo num país dividido e buscando recuperar sua credibilidade desde o pós-guerra. Além de toda tensão entre EUA e USSR que disputavam geopoliticamente o globo, a crise do socialismo e queda de diversos governos na Europa, e o subsequente processo de “americanização” do mundo permanecia como pano de fundo. Tudo isso não fora algo perene em seu ocorrer. Como num só machado que rompesse os *modus vivendi* de diversos povos – podemos imaginar uma crise, sobretudo e também cultural – o capitalismo e a “imposição americana”, com toda sua força, invadiam com filmes, produtos e sua mídia massificada; tirando o foco e desacreditando de quaisquer *movimentos* ou resistências e se legitimando como a pátria vitoriosa e impondo o modo de vida capitalista, desqualificando outros. E dentro desta história, segundo Katsiafika: “acelerada e imprevisível”, num contexto de crises políticas e subjetivas, que o movimento *autonomista* surge... A esquerda, marginalizada, se enfadara das intermitências burocráticas dos tramites políticos tradicionais. E sob constante abafamento, em um contexto de grande repressão policial, alia-se a movimentos como o “feminismo”, “o movimento anti-nuclear”, o “ambientalismo” e quaisquer outros movimentos que corriam nas beiras do machado imperialista.

Deixados de fora das notícias na Europa estavam os movimentos populares de ação direta na Itália, Holanda, Dinamarca, Suíça e Alemanha Ocidental.

Movimentos compostos por milhares de ativistas que se recusavam a ser confinados às classificações da política convencional ou marginalizados como guerrilhas. Eles eram a força motora que conduzia tanto a ascensão parlamentar dos Greens quanto a força armada que atormenta a vida política alemã por mais de duas décadas. Apesar de ser uma força condutora de terceiros, sua resistência militante à corrida armamentista, energia nuclear, patriarcado e a escassez de moradia transformou esforços visando causas individuais em um movimento autônomo cujas aspirações iriam transformar a sociedade como um todo. (KATSIAFICAS, p. 01)²

Em suma, o *autonomismo*, através destas crises internas e abafadas de uma “guerra fria”, surgiu como alternativa para este cenário europeu de insatisfação das identidades. E, agora, propunha uma mudança muito mais ampla para o sistema – ou seja, uma teoria anti-sistemática de democracia direta e participativa. *Uma transformação da sociedade como um todo*. A citação de Katsiaticas ilustra bem o caráter autônomo e a proposta de uma organização social reguladas pela dinâmica dos indivíduos que a compõe:

Esses movimentos sociais – conhecidos nos dias de hoje como “Os *autonomen* da Alemanha – eram independentes de partidos políticos, e seus adeptos não possuíam nenhuma relação com as formas de política estabelecidas. Eles buscavam a subversão dos estados-nação e suas estruturas representativas de governo e iriam substituir o sistema mundial existente por formas anti-sistêmicas de participação democrática que acreditavam facilitar enormemente o controle do indivíduo e da comunidade no dia a dia. (KATSIAFICAS, p. 01)³

Suas iniciativas geravam campanhas contra o pagamento de alugueis, reapropriação de centenas de edifícios, transformados em espaços de “autonomia” onde sala de reuniões, cafês, davam comida de graça e tinham shows e espaços para apresentações artísticas e de músicos do movimento, bibliotecas, etc. Tais espaços eram tidos como centro de organização chamados “infoshops” (ROLIM, p. 25) e ocupados, representavam a *liberdade e espontaneidade* de criação e forma de vida deste grupo.

² “Left out of the news on Europe, however, were popular, direct-action movements in Italy, Holland, Denmark, Switzerland and West Germany, movements composed of thousands of activists who refused to be confined to the ranks of mainstream politics or marginalized as guerrillas. They were a motor force driving both the parliamentary upsurge of the Greens and the armed struggle that has plagued German political life for more than two decades. Besides being a driving force of others, their militant resistance to the arms race, nuclear power, patriarchy, and the housing shortage transformed single-issue struggles into an autonomous movement whose aspirations were to transform the society as a whole”.

³ “These social movements – known today as the Autonomen in Germany – are independent of political parties, and their adherents would have nothing to do with established forms of politics. They seek the subversion of nation-states and their representative structures of government and would replace the existing world system with anti-systemic forms of participatory democracy that they believe would facilitate greater individual and community control over everyday life”.

Este movimento, em magnitude, possuía um montante participativo que não pode ser confundido ou considerado como simplesmente meros e isolados agrupamentos de “jovens rebeldes” contra o sistema – uma “pintura” também cômoda e eventualmente colocada pela cultura midiática americana. Para Katsiaficas, o *autonomismo* como possibilidade política e de estilo de vida fora um movimento composto por milhares e os mais diversos tipos de pessoas... No entanto, as resistências autonomistas foram devastadas *fisicamente* neste contexto com as represálias policiais e as implicações dos mecanismos de poder judiciário, negligenciado pela mídia e pelos cientistas políticos do ocidente, incapazes de compreender este movimento originário de jovens alemães que se amontoam, “relembrando as legiões de Hitler”:

A polícia alemã atacou-os brutalmente até mesmo quando tentaram proteger vítimas de violência skinhead, enquanto a mídia americana os ignorou. Muitos eventos significativos, incluindo massivas manifestações militantes contra oficiais americanos de alta patente, nunca foram reportados em detalhes na mídia americana. Dando apenas dois exemplos: Quando o presidente Reagan visitou Berlim em 1987 o movimento autônomo mobilizou 50.000 pessoas em demonstrações militantes que foram contidas apenas sob ações ilegais da polícia como o isolamento de quarteirões inteiros da Berlim ocidental. (KATSIAFICAS, p. 01)⁴

Toda esta resistência não era algo muito distante da ideia do que é hoje propor profundas reformas políticas num Brasil guiado pelos modos de vida capitalistas, como é o Brasil de 2013-2014 - lutar e se expor fisicamente para isso também na sombra de uma insatisfação pelo poder vigente e seus *modus vivendi* modernos, buscando, assim como na Alemanha do século passado, formas alternativas, espaços de rupturas dos modelos instituídos. O sistema capitalista e de mercado daquele período são ainda os que vigoram hoje e talvez de forma ainda mais radical. E interessante pensar que sob as sombras do antigo movimento autonomista vemos pulsar as imagens de conflito e manifestações empolgadas pelos Black blocs, em nosso país – um movimento também de pretensões partidárias, e embalados por este sentimento de insatisfação generalizado. A *insatisfação* com este modelo é um ponto chave em comum ao surgimento dos blocos autônomos ou blocos negros...

⁴ “The German police brutally attacked them even when they tried to protect victims of skinhead violence, while the American media ignored them. Many significant events, including massive and militant demonstrations against high-ranking American officials, were never reported in the American media in any detail. To give just two examples: When President Ronald Reagan visited Berlin in June 1987, the autonomous movement mobilized 50,000 people in militant demonstrations that were restrained only through illegal police actions like cordoning off entire sections of West Berlin”.

Segundo nossa hipótese, esta insatisfação generalizada traduziria um fundamento coletivo ou arquetípico em si, rebelando-se o homem contra algo que o implica e o indigna enquanto ser sócio histórico que necessita do mito e do rito, por algo além do que a colonização pelo modelo de vida externo oriundo de uma força dominante subjugadora. Parece-nos então que os *autonomistas* surgem como uma resistência e luta social em comum para denunciar esta insatisfação ampla e indiferenciada, que reencarnam mais a frente nos Black Blocs.

Este movimento pode também representar aos nossos olhos uma “última” e legítima tentativa das identidades modernas do final do século XX. Um elo perdido, com seu significativo “nome” (autônomo), marcando um grito “final” de liberdade ideológica ou retorno ao saudável, à vida simbólica gerida diretamente pelas pessoas. Portanto, poderia marcar historicamente uma passagem impiedosa de mentalidades presentes na população para o derradeiro modelo moderno-capitalismo, do qual, no ocidente, poucos conseguiram se manter protegidos em áreas subjetivas seguras e “independentes”. São já algumas das reflexões que poderíamos tecer sobre este fenômeno de resistência tão localizado e emblemático. Surgem a partir das problemáticas sociais, mas no sentido de instaurar um novo modelo de vida.

Neste sentido as raízes autonomistas não correspondem exatamente às atuais mobilidades táticas dos Black blocs, que vemos somente marchar nas ruas. Mas antes, remetem a uma forma específica de aglomeração e estilo de vida diante da opressão dos mecanismos sociais de poder que tiveram que se desmanchar frente a um domínio armado mais forte.

No capítulo 4, discutiremos ainda outros aspectos teóricos que traçam a relação dos ritos de iniciação, suas características, e o movimento *autonomista* e o que ele poderá representar a partir de nossa hipótese.

Constelação social dos “Black Blocs”

Segundo Caulyte (2013) o cientista político Wolfgang Kraushaar, do Instituto de Estudos Sociais (HIS) em Hamburgo, considera que: “*Os Black blocs são claramente um produto do movimento de 1968 criado na cena radical de esquerda em Frankfurt*”; explica o cientista político, tendo aparecido na mídia e em panfletos após confrontos de militantes com policiais no 1º de maio de 1980 (CAULYTE, 2013, p. 02, itálico nosso). Lima (2014) coloca que, no final da década de 1970, “grupos radicais – por vezes formados por indivíduos de

dentro do cenário anarcopunk, usualmente por indivíduos da típica classe trabalhadora”, começaram a usar roupas pretas e a marchar em aglomerações, manejando seu movimento pelas cidades de forma a gerar táticas que evitassem sua identificação, de serem pegos por policiais e estarem sujeitos a posteriores acusações legais. Claros elementos de militância entraram em vigor, assim como novas táticas de autodefesa, “[...] por exemplo, os capacetes de motociclistas pretos e as jaquetas de couro do *Black Helmet Brigade*”. “Desde então, a tática tem sido utilizada por diferentes grupos de dissidentes em diversos países e situações, incluindo Canadá, Egito, Estados Unidos, Itália, Reino Unido e, mais de trinta anos depois, Brasil”. (LIMA, 2014, p 05). No entanto, este movimento não deve ser reduzido a uma forma de resistência anárquica em torno de uma só causa ou com a mesma fenomenologia ocasional de diversos outros movimentos violentos.

Francis Dupuis-Déri (2014, p. 35-40) traça as ações e posturas de violência dentro de diversos movimentos do século passado. Entre eles as do feminismo radical inglês, das “*suffragettes*”, onde centenas de mulheres eram presas e as ações iam desde atormentação à figura do rei até incêndios criminosos e ataques com bombas. Em 1968 nos manifestos franceses e ocupações da universidade de Sorbonne, *kantagais* circulavam com capacetes, cassetetes e outras armas, incluindo armas de fogo. Os *weathermen*, surgidos do movimento estudantil americano, que manifestavam em 1969 contra as guerras e o racismo, armando-se com capacetes e bastões. “Mais recentemente, movimentos sociais ficaram conhecidos por incluírem unidades de choque mais ou menos organizadas e preparadas para enfrentar a polícia” (p. 39). Déri pontua que, no entanto, algo diferencia os Black blocs de toda outra miríade de movimentos que incluem estas ações e combates diretos com a polícia.

Segundo ele, uma destas principais características é sua relação com o movimento *autonomista* e sua particularidade estéticas enquanto grupo, singularmente oriundas do movimento anarkopunk:

Na verdade, o que diferencia esta tática de outras unidades de choque é sobretudo sua caracterização visual – a roupa inteiramente preta da tradição anarkopunk – e suas raízes históricas e políticas dos *Autonomem*, o “movimento autonomista”. (DÉRI, 2014, p. 40).

O termo “Black bloc” teria sido usado pela primeira vez por um chamado a um manifesto anarquista em 1º de maio de 1980, na rádio em Frankfurt, para que as pessoas se juntassem ao “Bloco Negro”... “Outra história localiza o surgimento do termo meses depois, quando a polícia avançou para desmontar a República Livre de Wendland”. (DÉRI, p. 43). A República de Wendland teria sido um acampamento feito em protesto pela área em Gorbelem,

Baixa Saxônia, a qual seria usada para depósito de lixo radioativo. Este acampamento teria sido atacado de forma contumaz pela polícia.

Segundo o historiador e jornalista Bruno Fiuza (2013):

Obviamente, quando acampamentos e *squats* começaram a proliferar pelo país, o governo da República Federal Alemã se deu conta de que era preciso cortar pela raiz aquela agitação social. [...] A República Livre de Wendland foi desarticulada em junho, e os *squats* de Berlim sofreram um violento ataque policial em dezembro. (FIUZA, 2013, p. 04).

Todo contexto de truculência policial da época, culminando no confronto e destruição da República de Wendland e outros acampamentos e ocupações daquele período, representariam o marco pelo qual as formas de se manter “autônomo” teriam de aprender a se defender!

Nos dias seguintes, foram organizadas manifestações em solidariedade, sendo a mais famosa a “Black Friday”, na qual, segundo consta, todas as pessoas estavam vestidas com jaquetas de couro preto e um capacete de moto, com os rostos cobertos por bandanas pretas. As reportagens sobre o evento faziam referência ao Schwarzer Bloc (isto é, Black Bloc). (DÉRI, 2014, p. 43).

Existiria ainda outra versão defendida, na qual a origem do termo teria se dado em 1980 a fim de desmontar as ocupações dos autônomos, uma série de ataques violentos teriam sido promovidos na forma de “despejos violentos”, de forma que “Diante da ameaça iminente de uma ação brutal da polícia, diversos *Autonomen* com máscaras e roupas pretas foram às ruas para defender suas ocupações”. (DÉRI, 2014, p. 43).

Em todas estas versões, o *autonomismo* figura da passagem de um movimento específico para a caracterização dos *Black blocs*.

Esses marcos, que são seguidos de uma série de outros manifestos dos Black blocs, são descritos por Déri. Inclusive uma “grande vitória” na defesa das ocupações da Rua de Hafentrasse, na qual 1.500 Black blocs foram apoiados por 10 mil manifestantes evitando de fato o despejo em ação. Ao longo dos próximos anos são registradas diversas aparições em diferentes momentos dos Black Blocs (p. 44-45) que deram também as caras em manifestações contra a visita do presidente Ronald Reagan, nos EUA, em uma visita em julho de 1987 à Berlim ocidental.

E, quando o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) se encontraram em setembro de 1988, também em Berlim Ocidental, um Black bloc participou dos protestos. Em algumas manifestações, *Autonomen* usando capuzes pretos caminhavam nus nas ruas – o espetáculo paradoxal de um Black bloc altamente vulnerável. (DÉRI, 2014, p. 45).

Chegou também a haver ação jurídica que associasse a manifestação dos “Black blocers” como uma “organização criminosa”. Algo que foi admitido pelas instâncias jurídicas como impróprio, valendo-se de que uma tal organização nunca existira. Até que, em 1981, um panfleto intitulado “Schwazer Bloc”, colocaria os seguintes termos: “Não existem programas, estatutos ou membros do Black blocs. Existem, porém, idéias e utopias políticas, que determinam nossas vidas e nossa resistência. Essa resistência tem muitos nomes, e um deles é Black blocs”. (DÉRI, 2014, p. 43) Lima (2014) caracteriza os Black blocs como algo além de uma simples aliança entre pessoas e grupos independentes que agiam de forma coletiva, democrática e direta, sempre que possível. Ele a encara como um grupo extremamente mutável, “que encontrava na falta de uma estrutura formal ou hierarquia autoritária a sua maior vantagem” (p. 06).

Estima-se que na atual Alemanha, os Black blocs, muitas vezes chamados de “Blocos Autônomos”, foram estimados, segundo Déri (2014, p. 45-46), com demasiada precisão, contando cerca de 5.800 membros, que, neste caso, se colocam a serviço da segurança do país – “Bundesamt für Verfassungsschutz – Escritório Federal para a Proteção da Constituição”. E também na Alemanha também ocorrem manifestações anuais todo 1º de maio, em Berlim, em que os Black blocs reúnem de 2.000 a 4.000 pessoas, todas vestidas de preto de cima em baixo, e usando óculos no lugar das máscaras, que foram proibidas em manifestações do país.

No livro escrito por “Ned Ludd”, “Urgência das Ruas: Black bloc, Reclaim The Streets e os dias de Ação Global” (2002), Ludd nos dá um retrato tirado de dentro, de todo movimento que começa a se esboçar em 1996, e se concretiza em 1998 como o “nascimento da Ação Global dos Povos”. O Black Bloc tem participação ativa neste período e tornam-se símbolo do anticapitalismo.

A década de 90 tem diversas batalhas realizadas pelos Black Blocs, mas a que parece ser mais citada e ganhar maior destaque, talvez a mais positiva ação Black Bloc lembrada com vulto de diversas outras manifestações conjuntas, talvez seja a emblemática Batalha de Seattle. Nessa, os Black Blocs fizeram uma manifestação na qual o alvo seria impedir a reunião organizada pela OMC, impedindo sua reunião ministerial, e obtiveram sucesso. Um Black Blocs, em entrevista, consegue sintetizar bem a natureza da estratégia que tiveram e nos parece ilustrar o evento. Decidimos por reproduzi-la por inteiro, quando o entrevistador perguntou ao que atribui o sucesso desta ação:

Acho que foi provavelmente o evento mais importante da esquerda americana nos últimos vinte anos. Houveram grandes eventos, como os protestos contra a Guerra do Golfo etc., mas nenhum que tenha sido tão diverso e tão direcionado a interromper a normalidade dos negócios, e

além disso ter sido bem-sucedido. Houveram três razões principais que fizeram os protestos tão bem-sucedidos. A primeira razão foi que havia centenas de diferentes organizações: trabalhistas, ambientalistas, anarquistas, estudantis, feministas, contra trabalho semi escravo - o espectro inteiro. Mas isso sozinho não seria suficiente. A sua força veio da profunda compreensão de que não seria um tipo de manifestação passiva, do tipo com comícios nas ruas e pedidos aos senhores. Foi bem compreendido por todos que ela consistiria em impedir a conferência - e isso é um grande passo para o movimento americano. A segunda razão foi a estratégia desenvolvida através das reuniões da Direct Action Network: durante toda a semana elas foram anarquismo na prática. O plano desenvolvido era baseado em grupos de afinidade, que são pequenos agrupamentos de pessoas que se conhecem entre si e que possuem objetivos políticos ou desejos parecidos etc. O que fizemos foi dividir a região do centro de Seattle como pedaços de torta, com o centro de convenções no centro. Assim, diferentes grupos de afinidade seriam responsáveis por diferentes pedaços. E consequentemente todos perceberam que o plano se adequava a causar uma obstrução que impediria o andamento da conferência. Isso fez com que a ação da polícia fosse completamente impossível. A polícia só podia prever muito pouco do que ocorreria, uma vez que a estratégia era descentralizada entre grupos fechados e interligados. A terceira, e mais controversa razão, foi o fato do Black Bloc ter elevado o protesto a um nível diferente e radical. Não estou dizendo que o Black Bloc era mais radical ou politicamente mais avançado, mas que a chave do sucesso do protesto foi a diversidade de táticas se inter-relacionando de diversas formas, de modo a causar uma perturbação que não era policiável. (LUDD, 2005, p. 58-59).

A partir daí, os Black Blocs, mais disseminados e conhecidos pelas mídias, viriam a formar mobilizações em torno das mais diversas cúpulas organizadas do capitalismo mundial, acompanhando os passos da OMC, FMI, G8, G20, organizando confêrencias e ações diretas nas ruas das cidades anfitriãs (DÉRI, 2014, p. 52). Estes foram os chamados movimentos “anti-globalização”, “alterglobalização”, ou “movimento dos movimentos” que cremos, acompanharam em grande parte a fundamentação e o estabelecimento da cultura Black Bloc no mundo.

E também surgiram em diferentes lugares e nacionalidades, mas tendo sempre o objetivo e marca política em comum de combater o capitalismo:

Podem ser inseridos nesse panorama protestos e movimentos auto mediados, como o Occupy (EUA), Indignados (Espanha) e a Primavera Árabe (Tunísia e Egito). Em todos eles, ou em sua maioria, os Black Blocs estiveram presentes como uma expressão alternativa, mimetizando-se nos movimentos a fim de levar à frente sua ideologia. Nesse cenário, a mensagem ganhou mais espaço que uma organização específica, pois, de acordo com Castells (2013), a mensagem se tornou viral porque impactou diretamente nas experiências pessoais das pessoas. O mote de partida desses movimentos, incluindo as manifestações brasileiras, foi a rejeição às instituições políticas e econômicas hegemônicas – mesmo que não

houvesse claramente uma bandeira de luta somente. (CARREIRO, 2014, p. 46).

4. “Tomada das Ruas” e os Black Blocs: Uma análise do *rito* inconsciente.

Neste capítulo temos alguns elementos fundamentais que a análise a qual nos debruçamos poderá trazer sobre o fenômeno da “posse” das ruas, das passeatas e das massas, mas sobretudo, dos Black Blocs, e no que estes têm em comum com os ritos de iniciação e toda lógica ritual. Iremos desdobrar nossa análise documental e bibliográfica dos pontos que constituem a natureza destes fenômenos contemporâneos com seus respectivos paralelos arquetípicos, simbólicos e dos ritos e rituais de iniciação.

A tarefa de analisar um fenômeno político tão forte e recente sobre prismas arquetípicos e inconscientes mostra-se não ser nada fácil, valendo-se de que muitos discursos ainda acalorados orbitam em tono deste tema. É preciso desnudarmos nossas impressões aprendidas, sejam estas políticas, midiáticas e inclusive teóricas, buscando encarar holisticamente este evento enquanto uma possibilidade analítica e um dado complexo social proposto a nosso olhar de maneira fenomenológica. Ninguém é indiferente aos Black Blocs e quase todos possuem um posicionamento acerca de seu vulto nos últimos tempos, e estas impressões e posicionamentos, o certo e o errado aqui, e o político em si, não representam nem serão os alvos de nossas discussões. É antes a compreensão sócio psicológica que pretendemos ampliar em torno desses temas.

Observamos também que nossa intenção maior não é pretender igualar os grupos da atualidade a categoria de novos rituais ou ritos de iniciação completos e satisfatórios, como possuindo todos os elementos de um rito bem formado. Trata-se, no entanto, de um paradigma qualitativo, tanto os ritos quanto os ritos de iniciação, que calcam a formação inconsciente dos grupos e das sociedades. Este paradigma destas estruturas como presentes em nosso inconsciente acumulam em torno de si o surgimento questões contemporâneas diversas. Não pretendemos forçar uma coisa noutra, fazendo crer magicamente que as demandas políticas da atualidade são apenas fantasmas do passado arquetípico, sem valor intrínseco, e que como uma afirmativa positiva, um é apenas reflexo do outro. Estes fenômenos se dão em nível de complexidade e coexistência, nas duas instancias do movimento humano, se intercalam, muitas vezes sem percebermos. Nosso trabalho trata-se antes de identificar tais aspectos rituais e simbólicos dentro do campo da política e da formação de grupos sociais diversos, estudando alguns dos fundamentos arquetípicos que nos animam e se sobressaem nos comportamentos ideológicos dos grupos e das massas. Para esses, o modelo ritual parece se encaixar perfeitamente. Nosso objetivo neste sentido é antes de tudo descritivo, por querer investigar, divisar estas motivações inconscientes e atomizar estes aspectos arquetípicos que nos são tão caros para a compreensão humana e de seus movimentos. Ou seja, no caminho

destes aspectos, buscamos aprender mais sobre o ser humano e suas necessidades de significar a realidade e se desenvolver individualmente e em grupo. As motivações políticas contextuais, neste sentido, não podem ser menosprezadas, no entanto, isto se reserva a outros estudos. Mas nossa análise esboça este paradigma que nos traz uma compreensão maior dos motivos humanos. Compreendemos estas formações não como erradas, mas processuais e “necessárias”, reagentes, em determinado contexto subjetivo e ausente do simbólico, como o caso dos Black Blocs, buscando seu verdadeiro valor psicológico e sociológico. Trabalhamos portanto com símbolos e comparações, e não com reducionismos positivos e “matematizantes”.

Como nas palavras do próprio Jung: “Até o ponto que podemos compreender, o único propósito da existência humana é ascender a luz do SENTIDO, na escuridão do mero SER”. (C. G. JUNG, in DINIZ, p. 107). Isso faz com que nosso objetivo último seja não diretamente os Black blocs e as “tomada das ruas” em si, e sim os motivos mais fundamentais que alimentam estes movimentos na atualidade e a crítica e compreensão maior deste contexto no qual os mesmos vêm a ocorrer de tal ou tal forma.

Sobre rituais políticos

Outros autores já trabalharam com o tema do ritual com fundos políticos. Segundo Terrin (2004):

Embora os ritos de passagem sejam exercidos fundamentalmente num contexto social, há ritos que estão mais ligados a visão histórica-social e que devem ser vistos como contestação da sociedade, como modelos e propostas pra uma sociedade diferente, ou, relativamente, como tentativas de fuga das normas sociais em nome de um valor mais alto e diferente. (p. 48).

Foi a brasileira Christine de Alencar Chaves que analisou uma Marcha dos Sem-Terra, na qual o objetivo era sacrificial, de martírio e denúncia das desigualdades, segundo ela. Ao agregar um grande número de participantes para uma longa e penosa caminhada de dois meses, chamando a atenção da sociedade para as extremas desigualdades sociais, encontramos uma espécie de bricolagem proposital e espontânea num misto de “marcha de protesto” e “procissões”, assim como congregando elementos também presentes de “parada militar”, “show artístico”, “comício político”, “festa”, “carnaval” e encontro de “cunho religioso de peregrinação” (PEIRANO, 2003, p. 45).

Parece-nos algo não muito diferente do que encontramos nos eventos de rua de 2013, nos quais surgiram os Black Blocs como emergência para o cenário também brasileiro, dentre os países liberais capitalistas. Como veremos a frente, muitos destes elementos condensados são explorados por nós, porém, com a ênfase nos motivos psicológicos e inconscientes para além daqueles somente sociais.

Mas assim como o impacto das passeatas de 2013, a Marcha dos Sem-Terra utilizando da conjunção destes elementos rituais, que ela chamou de “*ritual político* potencialmente transformador”, que “obteve reconhecimento público e entrou vitorioso em Brasília” (Ibid., p. 46). Apesar das finalidades políticas não terem sido alcançadas em 2013, uma impressão de vitória política, pelo simples fato ritual em si do movimento de reacender as massas adormecidas parece ter acontecido. Tudo isso aquém de, como no movimento dos sem-terra, os resultados políticos propriamente ditos e determinados não serem necessariamente alcançados – pois nos manifestos, até mesmo muitos não tinham clareza de seus objetivos, que começa com o protesto de preços de passagem, e se perde no volume de outros diversos motivos – atestando os motivos inconscientes do fenômeno coletivo.

Outro ponto similar, no entanto, é que contemplamos nos eventos dos últimos anos aqui citados, uma repetição com ares de bricolagem cultural destes diversos elementos brasileiros de conjunção ritual, incluindo agora, porém, o ativismo virtual da internet e a força potencializadora das redes sociais. Explicando também em parte da força descomunal que se tornou estes protestos, assim como da agregação maciça de contingentes politizados e não politizados em *marcha* – combinando perfeitamente com nossa proposta de um rito coletivo, inconscientes, em ação.

Estes eventos, na visão de Chaves (Ibid., p. 46), podem ser incluídos na monta de momentos coletivos “atípicos”, caracterizando um momento crítico no qual se faz necessário ocorrer ritos de “longa duração” – as passeatas de 2013, assim como a passeata dos sem-terra, duraria dias e ganharia forças até então imprevisas.

Os Black Blocs, por sua vez, enquanto perspectiva de nomenclatura ritual, podem ser inseridos na categoria de Ritos de Rebelião, tais quais propostos por A. D Terrin (2004, p. 48), nos quais ocorrem um “nivelamento ‘simbólico’ dos conflitos através da representação do drama ritual”.

Autonomismo: Origens ideológicas e “tribais”

À frente veremos que toda trama, trejeitos e formatos das ações dos Black Blocs, nos remetem de alguma forma a aspectos da lógica ritual e dos ritos de iniciação em particular. Muitos são os aspectos simbólicos e rituais desta *ordenação, conformação* e motivação ritual que permeiam as experiências de nosso grupo de recorte. Começaremos nossa análise comparativa destas duas realidades aparentemente distantes para a consciência moderna, Rituais e Black Blocs; no entanto, extremamente semelhantes em seus fundamentos e funções amplas para indivíduos e coletividade, como um todo.

O primeiro ponto que destacamos em nossa exposição é justamente o caráter sombrio e o aspecto até exótico dos Black Blocs, totalmente diferente dos discursos tradicionais de se fazer política na sociedade. Entendemos também que os Black Blocs vêm a compor a sombra “*perfeita*” do modelo de vida ocidental, ou seja, eles correspondem em todos os aspectos aos diversos elementos negados pelo racionalismo e ao estilo de vida hodierno ocidental, em diversos pontos: tanto na postura e atitudes, e perfil, como também até mesmo nos segmentos que vieram a compor o quadro dos grupos ideológicos de sua origem histórica. É o aspecto “negro”, o “*Black*” de seu nome, que abre a compreensão. É no caminho desta *sombra*, do homem obediente ao sistema proposto, que podemos passar a divisar a imensa alienação e incongruências na qual a coletividade moderna está colocada, assim como divisar potenciais de mudança, mas trataremos melhor disso a frente. No entanto, para compreender este subcapítulo, compreendermos que esta sombra se mostra presente não somente em sua deliberada estilização – em preto, mas como também na sua própria composição enquanto fenômeno social oriundo de grupos marginalizados da sociedade globalizada do legado saturnino *incisivo* do patriarcado. Já estudamos em outro capítulo a origem *autonomista* dos *Black Blocs*. Uma conjunção de movimentos anti-sistêmicos e resistentes ao patriarcado se ergueram. Formados a partir de:

[...] um conjunto de experimentos sociais organizados por setores que optaram por se manter à margem do modo de vida dominante imposto pelo governo e criar focos de sociabilidade alternativos no seio das próprias sociedades capitalistas, pautados por valores e práticas opostos aos já estabelecidos. (LIMA, 2014, p. 05).

Este movimento foi organizado numa espécie de contracultura, diante da crise das identidades e tradições promovidas pelo domínio do modelo americano. Este movimento pretendia para si um *novo começo* para as subjetividades e culturas nacionais européias, partidas ao meio pela dominação pós-guerra, alquebradas e esquecidas, diante da crescente globalização. Ou seja, um movimento a sombra da globalização.

Eles buscavam a subversão dos estados-nação e suas estruturas representativas de governo e iriam substituir o sistema mundial existente por formas anti-sistêmicas de participação democrática que acreditavam facilitar enormemente o controle do indivíduo e da comunidade no dia a dia. (KATSIAFICAS, p. 01).

Aí encontramos o primeiro elemento arcaico e ritual deste grupo, nos remetendo ao homem original em seus padrões relacionais, a proposta horizontalizada e pessoalizada, não burocrática de organização social, como numa tribo.

Foi o mesmo Victor Turner, citado anteriormente, “[...] quem chamou a atenção para o vínculo entre o ritual e a ideia de *communitas* como um princípio social igualitário” (PEIRANO, 2003, p. 43). Os *autonomem* buscavam esta autonomia relacional perdida e não oferecida pelos modelos organizados e individualistas do cenário moderno. A origem dos Black Blocs, a partir deste movimento, já prezava pela relação diretiva e de respeito oferecida entre seus pares, como uma espécie de “irmandade” - isso quebraria os poderes virtuais e econômicos que os distanciavam e alienariam o ser humano, um dos outros. Uma apologia à cultura e ao ser humano enquanto possibilidade relacional e de resolução de seus próprios problemas, através da união imediata dos indivíduos. De fato, como nos traz Zoja, vivemos numa sociedade na qual as instituições regem no mesmo modelo de vida, e o ser humano e seus potenciais ficaram estanques diante do poder coercitivo do estado. (ZOJA, 1992, p. 23).

Como sabemos, os ritos são situações sociais que exigem contato, para gozar dos laços sociais e de sua responsabilidade neste meio, que são ali formados. Eliade assevera: “É por meio da iniciação que o adolescente se torna uma criatura socialmente responsável e, ao mesmo tempo, culturalmente desperta”. (ELIADE, 1972, p. 59). Isso já nos remete a horizontalidade do ritual e dos aglomerados primitivos, à sombra de nossa sociedade, assim como a capacidade de voltar para o indivíduo e sua ação direta no universo - ou seja, a primazia do indivíduo. É de se pensar que apenas o contato direto e não mediados entre as pessoas, o ambiente, e as reuniões, realizadas face a face e em círculos, as relações e o respeito às diferenças, já nos dão muitas das características básicas e primárias dos aglomerados primitivos e ritualizados, numa forma de relacionar-se similar a uma espécie de “irmandade” ou “tribo”.

Com isso, obviamente, tenderiam aos formatos e ganhariam logicamente o status de novo grupo ritual. A partir de sua horizontalidade e formações pessoalizadas, e relações renovadas com o espaço, poderiam parecer sugerir, como nos traz Bello (2007), “o agir simbólico e ordenado”, no qual, tal qual pressupõe noção ritual de uma sociedade, o homem pretendia “coordenar o tempo pessoal com o tempo cósmico (BELLO, 2007, p.06).

O empreendimento social do movimento *autonomista*, por esta via, e por outras influências ideológicas, poderia portanto pretender não somente uma reforma política mas ensejar assim uma perspectiva de mudanças mais ampla das necessidades inconscientes do ser Humano. De fato, toda abrangência de seu movimento não se tratava apenas de simples posicionamento político, nem de uma nova burocratização e mudança do aparelho estatal, ou de apenas uma ou duas lutas sociais específicas. Um novo ser humano e sociedade estariam germinando desta nova tentativa. Pelo menos era a utopia guiada por diversas tendências e grupos anticapitalistas que rejeitavam o modelo de vida ocidental como alienante e distante das reais necessidades humanas. Os *autonomen*, enquanto movimento político e existencial, buscariam novas simbolizações e significados na relação entre *pessoas, ambiente e sociedade*. Sobre a influência dos movimentos “ambientalistas”, a “luta anti-nuclear”, assim como do marxismo, do anarquismo, antiautoritarismo e feminismo radical e toda posição ideológica anti-sistêmica (a sombra) daquele período. Contra a formatação automática do ser humano, como a origem de uma proposta mais holística do ser humano.

É neste mesmo Zeitgeist histórico que ocorrem, no mesmo período, outras diversas e conhecidas revoluções tentadas nos anos 60 e 70, nas quais:

Cresce a convicção de que o homem não pode orientar-se unicamente através de critérios racionalistas, de que as intervenções políticas e econômicas satisfazem uma parte decididamente limitada das necessidades humanas, de que o elemento irracional não é uma forma de patologia, nem um acidente de percurso no desenvolvimento da psique. (ZOJA, 1992, p. 54).

Tudo isso parece evocar o aspecto criacionista do rito e da congregação humana. Como dito, os ritos de iniciação permitiam ao indivíduo viver na “contemporaneidade do sagrado” e podem ir “apontando o caminho e oferecer um modelo exemplar para o mais saudável em nós” (DINIZ, 2010, p. 17). Se a globalização do pós-guerra pretendia instaurar uma “aldeia” global, robotizada e mecanicista, o *autonomismo* queria instaurar uma *tribo* a parte - antecedendo de alguma forma as subsequentes tendências ideológicas dos movimentos *New Age* com sua carga naturalística e espiritual renovadora do contato do homem (industrial) com seu espaço.

A valorização do indivíduo e sua importância dentro de sua comunidade enquanto elemento importante e destacável, sempre foram os objetivos dos ritos de iniciação, que promoviam a passagem de um “estado indeterminado” e dependente para a *autonomia* da vida adulta e social; em destaque, reconhecendo o papel direto e significativo do indivíduo participante. E de fato, pensando etimologicamente o próprio termo *autonomia*, vemos

correlações sugestíveis neste ponto na relação com os ritos de iniciação, remetendo a uma passagem de um estado de dependência e indiferenciação inconsciente no todo que o controla, para o estado de autonomia do humano significativo da vida adulta, tornando-se agentes sociais necessários e relevantes para seu contexto e senhores de sua própria existência. Está sempre fora a função central dos *ritos de iniciação* enquanto passagem, nos casos em que o neófito se colocaria a parte da sociedade, ou se destacaria como alguém que precisa mostrar seu valor, para poder novamente adentrar no campo do universo adulto completo, trazendo acréscimos para sua comunidade, devido ao seu valor enquanto indivíduo adulto e qualificado. Diga-se, de passagem, que a perda da autonomia do universo adulto é hoje justamente um tema crítico dos jovens-adultos infantilizados, regidos pelo sistema. O *autonomismo* se referia à autonomia contra o sistema globalizado que impunha seus modos, mas igualmente gerando a *dependência* e a alienação dos potenciais humanos que precisam se manifestar, no contato e administração direta de sua comunidade, grupos e sociedades participantes, como nos tempos antigos. A importância da instauração de um dado e *novo* subjetivo, ritualizado, que promovesse a condição anterior de homem como regente e criador da sociedade, para além das instituições alienantes, também seria logicamente, no mesmo teor e defendido com a mesma paixão de um neófito iniciado em dada cultura.

O mesmo movimento ocupou universidades e enfrentou neonazistas que perseguiram imigrantes, assim como policiais que protegiam usinas nucleares. Nessas ocasiões, os Autonomen usavam capacetes, escudos improvisados, bastões e projéteis [...] O sentido geral do movimento era a negação do modo de vida capitalista – o que se traduzia na crítica aos “valores burgueses” – e a busca por alternativas em comunidades “autogestionadas”. (ROLIM, 2013, p. 25).

Possivelmente, este movimento pode representar historicamente um dos últimos haustos do último século de tentativas aliadas à política de uma subjetividade resguardada das alienações até hoje propostas pelo ocidente, em todo seu cenário “líquido” apontado mais acima. Sua própria “autonomia existencial” estaria em jogo, dos jovens de nações não americanas, diante da fragmentação e da crise que as identidades sofreriam *a posteriori*. A globalização estabelecia um rumo unificado e massacrante das outras subjetividades.

Quando os acampamentos autonomistas foram rechaçados brutalmente pela força policial, as máscaras negras e as formas de combate contra a polícia por meio de manifestantes veio a ser utilizada, e mundialmente reconhecida.

Assim surgiria o movimento Black Bloc, a princípio, historicamente, a partir do movimento autonomista, como uma defesa de uma nova (e porque não arcaica possibilidade de interação humana) reprimida pela força policial, enquanto possibilidade de instauração de

um novo subjetivo, ritualizado, anticapitalista – “anti” o único sistema social que quebra a ligação, os laços, e os ritos de ligação com outros seres humanos e o espaço imediato da vida cotidiana.

Os Black Blocs, portanto, possuem uma história, e uma ideologia de raiz bastante clara. Podemos já dizer, até mesmo, uma *tradição*, pelas quais os novos poderiam ingressar, senão seguindo seus modelos políticos aqui descritos, ao menos se apropriando da imagem do “iniciado” mascarado e anarquista, que defende um outro modelo de vida.

Isso quer dizer que da opressão ao *autonomismo* surgiram as imagens que mais tarde seriam internalizadas e reutilizadas por todo coletivo, de pessoas mascaradas (*Black Blocs*) lutando pelo seu direito de ação e voz dentro de um sistema que silencia e oprime todas outras possibilidades de significação do *ser* diante da realidade e experiência social.

Elementos ritualísticos e simbólicos nos Black Blocs

Finalmente iniciaremos a análise simbólica e ritual dos Black Blocs. Estes, portanto, que já possuem décadas e milhares de seguidores, formam um corpo de atuação humana mais ou menos autônoma e complexa. E por suas raízes ideológicas e postura a-sistêmica, ganham um status e uma representatividade que vai muito além de uma simples “tática”, apesar da praticidade desta nomeação na atualidade, justificando suas atuais ações. Como na fala de Carreiro: “[...] a partir da tradição sociológica, é possível enquadrá-los dentro de conceitos como movimentos sociais, associações sociais ou formações sociais”. “[...] Eles formam um grupo ou movimento social que vai muito além de uma simples tática de protesto”.

(CARREIRO, 2014, p. 45- 46).

E foi com este plano de fundo ideológico que este movimento social se desenvolveu:

[...] ao final da década de 1970, grupos radicais – por vezes formados por indivíduos de dentro do cenário anarcopunk, usualmente por indivíduos da típica classe trabalhadora –, começaram a vestir-se de preto e marchar num único contingente, a fim de ocultar suas identidades e evitar serem encurralados pelas forças policiais e posteriores acusações legais. (LIMA, 2014, p. 05).

Com aspectos ideológicos anticapitalistas evidentes, passaram a lutar diante da opressão por um novo modo de *existir* na realidade social contrariando as lógicas impostas pelo *capitalismo*. Os Black Blocs já possuem, além destas influências ideológicas estruturais, diversos aspectos de *ativismo político* e do *anarquismo*, ambos aqui, por nós, ligado às ideias arquetípicas de *heroísmo* social. A do anarquismo preto, em específico, repleto de elementos simbólicos do *luto*, da destruição e da renovação social.

Ainda que novos integrantes e necessidades políticas da atualidade, venham a favorecer sua aparição, esta não é diferenciada na memória social de suas primeiras representações destas imagens e das cargas simbólicas que elas carregam.

Além destes aspectos simbólicos, este movimento, se compreendido enquanto um levante de características arcaicas, tribais e rituais, frente ao racionalismo eminente, parece possuir diversas outras interfaces sugestíveis para nossa análise, entre as quais, dos aspectos que pretendemos resgatar, sua *estilização padronizada*, bastante ritualizada, deliberadamente, merecendo destaque neste momento.

Os aparatos típicos de combate, as máscaras, mas acima de tudo, as roupas deliberadamente pretas, que já não são uma necessidade, mas sim uma opção de se portar em seu teatro performático - uma roupa cerimonial, se assim podemos dizer, para se participar deste teatro da destruição, deste tipo de protesto “violento” com alvos simbólicos delimitados. Todo este formato evidente e inconfundível, e sempre novamente evocado, nos leva aos contornos rituais bastante claros, um esquema de ação ritualizado, que o suste e o orienta:

O homem é feito de ritualidade e encontra consistência e orientação no seu agir através de uma ritualidade, um ‘esquema’, que se torna modelo de suas ações no mundo. A *estilização é um modelo de ação repetida e que se tornou matriz de outras ações*. O homem tem essa necessidade de estilizações para orientar-se no mundo e para coordenar a sua ação com a do mundo. (TERRIN, 2004, p. 192, grifo nosso).

Estes formatos estilizados de participação devem favorecer a momentos de preparação e escolha das roupas, máscaras e aparatos que se poderá usar neste ato *ritual*, solene, e que exige certas atitudes e posturas singulares. “Neste sentido, a manipulação de objetivos, que expressa certa forma o mundo vivido, pretende traduzir-se no rito e tornar-se correspondente e especular do mundo simbólico” (Ibid. p. 33).

Um símbolo encarnado de preto, com *objetos e práticas* específicas e repetitivas, com objetivos de destruição e evidente impacto visual, ganha também, invariavelmente, as tonalidades de um aspecto eminentemente ritual em seu sentido *performático*. Esta é asseverada pelos próprios participantes que buscam afirmar que “diante do espetáculo oficial projetado para legitimar e glorificar o poder, o contra espetáculo da “festa de rua” luta para manifestar o poder do protesto e corroer a aura de legitimidade do poder oficial. (DÈRI, 2014, p. 115). Outros Blocos, como os Pink Blocs, surgiram, utilizando-se da apropriação performática carnavalesca como rito de ocupação das ruas, também acentuam esta característica. Neste sentido, é pontuado que:

As ações carnavalescas dos protestos dos Pink Blocs, como a descritas anteriormente, podem ser problemáticas para as elites, pelo simples fato

de serem realizadas com espírito muito festivo. Do mesmo modo, os Black Blocs ‘brincam’ ao encarnar o personagem do ‘anarquista violento’ [...] Segundo o ativista e antropólogo anarquista David Graeber, mesmo as ações mais agressivas realizadas pelos Black Blocs têm mais a ver com espetáculo do que com a violência em si” (DÉRI, 2014, p. 114).

Até mesmo a tomada das ruas costuma ser um comparativo do carnaval, enquanto rito coletivo, que veremos mais adiante. O rito eleva o universo ao campo do criável, do emergente. O movimento do rito, todas as ações neste tipo de manifesto, sugerem a uma *ordenação* da realidade. “É o mundo que, no rito, faz-se e torna-se um todo organizado para a consciência” (TERRIN, 2004, p.192). O rito é um elemento de estruturação e organização do mundo, da ação simbólica dos corpos no espaço, de fato, como um carnaval de rua, parece sugerir. Enquanto no carnaval estão sendo encenados desejos e fantasias de elementos culturais, sexuais e outros diversos, nos Black Blocs a rua se organiza enquanto emergência e geografia social, política, um espetáculo de caos e recriação.

Vejamos esta citação sobre a realidade simbólica, enquanto “realidade” humanas de experiências e subjetividade:

Entre o sistema receptor e o sistema de reação, que se encontram em todas as espécies de animais, encontramos no homem um terceiro elo, que podemos descrever como *sistema simbólico*. [...] Em confronto com outros animais, o homem não vive apenas numa realidade mais vasta; vive, por assim dizer, numa nova *dimensão* da realidade. (CASSIRER *apud* SILVA, 2002, p. 25).

A simbólica - esta realidade, como vimos, é passível, dentro do *ritual*, de ser montada e desmontada, inventada e reinventada, de acordo com as possibilidades míticas em jogo e no discurso. De fato, abraçar a força desta realidade, que não é apenas metafísica, mas é diretamente operadora da subjetividade e da realidade social imediata, parece ser a finalidade dos Black Blocs enquanto fenômeno social. A fala de Nedd Ludd, em seu livro “Urgência da Ruas”, parece encostar nesta realidade ao traduzir que o heroísmo dos atos dos Black Blocs é: “*dedicado a todas as atitudes visíveis e invisíveis que representam um outro mundo, pautado pelo amor mútuo, solidariedade, liberdade e autogestão*” (LUDD, 2005, p. 13).

A linguagem do heroísmo e do sacrifício perpassa grande parte de seus atos e discursos. Neste campo mítico (heroico e sacrificial) não só os objetos ganham status divino, mas o bem e o mal, o certo e o errado, e todas outras instâncias, tornam-se mediadas e organizadas pelo pensamento e ganham seus contrapontos entre as realidades tangíveis e imaginadas.

Tudo isso, válido dizer, diante de um cenário de fragmentações e bricolagens, ausente de uma dimensão ordenadora central, ética e moral, do contemporâneo. A ação performática

da guerrilha ou *batalha* Black Blocs, sugere a retomada deste campo perdido. A força do campo simbólico, que pode voltar a imperar e entrar na cena, transformando e fazendo retroceder esta realidade “esvaziada” do contemporâneo. Desta forma, tudo pode passar novamente a ser imerso na *simbolicidade organizadora* e esclarecedora que o rito, *ou a ação* simbólica dos corpos e objetivos no espaço possibilita. Heroísmo e libertação, morte e renascimento, destruição e renovação, voltam a surgir, voltam a imperar os arquétipos, retornam os sentidos e significados. Como forma de renovação social, tudo pode voltar a fazer sentido no caos, culminando em desfechos simbólicos, alimentando a alma, tanto individual quanto coletiva. Seria este o ato simbólico imanente dos Black Blocs no contemporâneo? Assumindo esta perspectiva, o que é depredado também possui seu *quantum* simbólico enunciado. Se o *rito de consumo* coloca os produtos no patamar de verdades, como produtos sacralizados e divinizados, detentores do potencial do significado, destruí-los ganha também uma conotação sacrílega ou sacra. Como na fala de um Black Bloc:

Destruir e saquear mercadorias possibilita que a pessoa expresse abertamente uma crítica radical a empresas específicas ou ao capitalismo e a sociedade de consumo como um todo; ao mesmo tempo, *permite que ela atinja a aura sacrossanta que cerca os bens de consumo em nossa sociedade.* (DÈRI, 2014, p. 117).

Devidamente preparados à ação, unguídos de preto e imersos em suas agressões simbólicas - que coadunadas com o mundo real, também se encarnam como literais, os Black Blocs, detentores da missão e do poder de destruir, perpassam os atos santos em seu ato de desconstrução do velho modelo, para isso, precisam estar devidamente formalizados, ritualizados. Não trata-se de uma atividade comum.

Compreende-se que esta dimensão ritual de ação simbólica, o *rito* como ato direto no espaço e na vida real, torna-se algo um tanto quanto impactante em suas formas (diretivas) de ação. Esta é a natureza do ritual, encarnar o símbolo. E no mito dos Black Blocs, nestes seus ritos de rua, e na aparente violência e agressividade de seus atos, o universo parece em desencanto, e precisando de ajuda. O Homem perdido no caos urbano industrial e mercadológico, submetido a poderes rígidos e que o transcendem suas forças e que o alienam e escraviza-o, diante de um sistema que exaure de sua terra os recursos naturais, tornando-a infértil e desértica, e que transformam o cenário urbano de puras pedras e asfalto, em pura rua. Tudo isso em formatos radicalizados e apocalípticos – ou assim encenados como tal. Só restando a possibilidade do lutar, uma saída desesperada e salvadora, como Deuses e homens lutando contra a força descomunal de Titãs. O destino dos homens está sob alerta, e já não resta outras saídas possíveis contra um inimigo tão avassalador e astuto, que como uma mó

atravessa todos os países e domina todos subjetivos e coletividades por onde passa.

Uma batalha desesperada, de corpo e alma, faz-se necessário ser vivida.

Quando estes mitos da batalha épica e “primordial” pelo bem da humanidade se instauram, quando os homens passam a encontrar motivos suficientes em sua realidade para vivenciá-los, em seus corpos, algo de importante parece estar acontecendo. Quando esta batalha torna-se a história de pessoas reais, uma grande quantidade de energia psicológica e expressão arquetípica é ali exposta, uma grande mensagem coletiva está querendo ser passada. O mito do caos e da destruição de todo universo humano conhecido está constelado! Os motivos de participação de um Black Blocs tornam-se não só claros sob estes prismas simbólicos, como até razoavelmente justificados pela emergência da vida, da Psicologia e das identidades contemporâneas, que se vem ameaçadas.

Tudo isso explicaria também, facilmente, tanto a devoção ao movimento por parte dos ativistas mais assíduos e devotos, como também a participação volumosa dos supostos “baderneiros”, expressões deste caos urbano anunciado e desesperador. Todos podem sair de seus espaços (lugares supostamente protegidos) e se alinhar na fileira dos cavaleiros negros do apocalipse! Só resta a destruição ou a renovação (e trabalharemos melhor este tema simbólico nos capítulos abaixo). É uma batalha travada de forma tão desigual com forças de longe mais preparadas e fortes, como o caso dos policiais que, logicamente, fazem parte desta impactante cena, e que os aguardam belicosos, denotando ainda mais os pronunciamentos desesperadores e heroicos. Caindo bem ao modo do ideário simbólico do *anarquismo*, do vestir-se de preto, do rock pesado, do punk, do asfalto e muros (de “Berlim”) sem fim, e de outras visões apocalípticas que precisam ser encaradas e vivenciadas.

A magnitude dos Black Blocs, enquanto atos encarnados e encenados de força psicológica e simbólica eminente, (e não enquanto discurso político tradicional proposto em papéis, oralidades e cadeiras), é algo importante de se destacar por tratar-se de outra dimensão afeita ao rito e os rituais - que não é o contar de histórias e mitos, e sim sua vivencia imediata, nos corpos. “O ritual é o uso simbólico do movimento e da gestualidade do corpo, num contexto social, para expressar e articular significados” (BOCOCK, R. *apud* TERRIN, 2004, p.200). O *rito* encarna o simbólico, deixando o universo elevado no campo das possibilidades. A magnitude do símbolo vivo em ação é a tradição ritual nos corpos, que os evocam. A ação permite tornar o símbolo um ato político imediato, de força extraordinária. Esta lógica que toma a tonalidade de ações diretas, de cunho ritualístico, pode-se dizer que é a mais forte e impactante, fazendo surtir efeitos bastante destacados, obviamente, tanto nas instâncias

políticas quanto subjetivas. Quem manipula o símbolo, ou mais, os corpos enquanto símbolo humano máximo manipula muito poder. Neste sentido:

Foucault salientava que a disciplina que mantém e define um determinado ordenamento social é uma técnica de operação sobre os corpos de modo a obter um resultado concreto. A disciplina dos corpos exprime a estabilidade de um sistema. [...] Cinquenta mil disciplinados manifestantes podem por isso ter menos peso em uma pressão e ameaça aos dirigentes do que 5 mil indisciplinados e desobedientes. (LUDD. 2005 p. 11-12).

O ato ritualizado, quando encarnado no corpo, promete mais do que mudanças políticas em torno de uma causa, desafiando, assim, como explicado, todo o sistema subjetivo proposto, através dos corpos em “libertação anárquica”. Isso torna justificável em todos seus aspectos as assertivas que consideram que este tipo de ação é mais forte que os atos são mais fortes em mobilizar as massas e as decisões políticas propriamente ditas. Sendo razoável concordar que: “Os Black Blocs são os melhores filósofos políticos da atualidade” (TAVAGLIONE, Apud DÉRI, 2014 p. 09)

A recuperação da liberdade e ação dos corpos, ritualizados para si mesmos e os fins humanos a que se direcionam estas ações, já é algo que podemos aprender com o *logos ritual*. Como nos traz Baubillard, na atualidade: “[...] todas as libertações não passam de transição para a manipulação generalizada” (BAUDRILLARD, 1996, p. 09). Os atos dos Black Blocs, no entanto, têm a possibilidade de promover verdadeiras rupturas no subjetivo de controle proposto. De fato nunca houve em toda história da sociedade secular uma teoria ou discurso científico totalizador da verdade ou transformador da realidade, que superasse a lógica racionalista e capitalista do mercado, e que tenha apresentado soluções efetivas para os problemas humanos e sociais, como um todo. Talvez esperar por este discurso seja demasiado ingênuo. Um engessamento dos atos e das falas, que seguem a lógica do modismo e do controle, é assistido. A comunicação também passa por uma rede sutil de dominação ideológica e regulações destes discursos, delimitações de espaços para os mesmos, inclusive o meio científico é testemunha do mesmo. Mas os próprios discursos reformistas e revolucionários passaram na história a favorecer a própria translocação de marcas, produtos (entre eles a educação), alimentando modas na atualidade, e nunca de fato alcançando o “*controle*”, subserviente a ele no final, perdendo seu aspecto transformador de fato. A linguagem é facilmente assimilada pela moda e pelos esquemas de produção de todo sistema capitalista e sua “superestrutura”. No entanto, os Black Blocs aderem a uma ação que transcende o discurso falado, seja este teórico, racional, científico ou ideológico:

O ritual mostrou ser uma porta heurística, pela qual podemos vislumbrar aspectos de uma sociedade que dificilmente se manifesta em falas, depoimentos e discursos. [...]. Estamos, assim, preparados para reconhecer hoje que, muitas vezes, *a ação social é mais eloquente para o analista que uma fala descontextualizada*. Por meio da análise de rituais, podemos observar aspectos fundamentais de como uma sociedade vive, se pensa e se transforma – o que não é pouco. (PEIRANO, P. 51, grifo nosso).

Do marxismo ao cristianismo, da psicanálise à sociologia, todos os aparatos teóricos são hoje como mitos já contados, discursos prontos e eventualmente “esgotados”, enquanto os atos de rua, efetivamente parecem evocar forças mais primitivas e diretas na mudança do espaço e dos elementos em jogo no subjetivo contemporâneo. Os discursos se esgotaram e só resta o ato efetivo dos corpos no mundo. Esta lógica dialética do desenvolvimento nunca foi esquecida pela psicologia analítica, como nas simples palavras do próprio Jung:

"Quando o pensar leva ao impensável, é tempo de voltar à vida simples. O que o pensar não soluciona, isto a vida soluciona, e aquilo que o fazer nunca decide está reservado ao pensar. Se eu, de um lado, tiver subido ao mais elevado e mais difícil, mas quiser atingir uma ascensão para mais alto ainda, o verdadeiro caminho não vai para o alto, mas para o fundo, pois só meu outro me conduz para além de mim mesmo. Mas aceitar o outro significa uma descida para o contraditório, do sério para o ridículo, do triste para o alegre, do belo para o feio, do puro para o impuro." (JUNG, 2013, p. 295).

Sendo assim, uma saída prática deve ser percorrida, a hora da ação se aproxima. “[...] A violência pode e deve ser considerada como um ato de fala que simboliza pragmaticamente aquilo que não se manifesta pelas palavras e que se recusa à razoabilidade da ordem do discurso” (CAPELLER, 2014, p. 127). A violência ganha, portanto status de legitimidade nesta conjuntura. Na ação ritual, como dito, o discurso é o mérito de um segundo momento, que será posteriormente lembrado. Os discursos se perdem para a autonomia dos *atos*, pois o mito está acontecendo *in loco*, instaurando ali mesmo, em suas ações, uma nova realidade, deixando a antiga “elevada”, “flutuante”. Enquanto rompe com o *tempo ordinário* [o rito como “escansão do tempo” (TERRIN, 2014, p. 225-267)], suas equações irão agir no sentido de reorganizar toda experiência de realidade e a consciência do grupo/coletivo. Este cenário em potencial deixa todas as leis na ordem do revogado. Quando o *campo ritual é instaurado*, o próprio conceito de lei se torna retórico e apenas conjectura. Forças maiores estão em contraste e já possuem ou já estão prestes a possuir no ato ritual um novo formato. Isso justifica qualquer possibilidade de atribuição moral e legal para os atos no *rito* em questão são anuladas, pois o rito nos eleva a uma consciência e ordem cósmicas, de onde surge ou é a fonte da justiça humana, que está abaixo dessa:

[...] de um ponto de vista político, totalitário é o regime que procura controlar todos os atos e instâncias de fala a partir de um código ou

língua total, enquanto a anarquia é *a ideia de um regime a-linguístico* em que todo e qualquer ato de fala pode ser postulado como modelo legal de conduta, como expressa o mote “faz o que tu queres, há de ser tudo da lei!” (CAPELLER, 2014, p. 128, grifo nosso).

As leis e condições legais estão em estado de *espera*, para que algo seja elaborado. Este momento, segundo A. Van Gennepe (2011), faz parte da condição de períodos de margem, a que todo ritual é proposto seguir enquanto premissa interna básica, como explicamos através do “orbitar” do mundo num espaço-temporal e diferente do ordinário, para depois do *ritual*, haver novamente a integração, permitindo a elaboração de diversos fatores sociais e individuais.

Música, imagens e vídeos: Ritualização/fetichização Black Bloc

Um outro fator fundamental de um *ritual*, é sua relação com a *música*, que abordaremos brevemente neste subcapítulo em específico. Neste caso, além de representar uma possibilidade de agregação em torno de gostos atrelados ao *punk rock* e ao *heavy metal* - que já servem em grande parte para a afirmação das identidades contemporâneas, também é elemento da instauração ritual por excelência. A música sempre fez parte vitalícia em rituais e ritos ao longo da história na qual se representavam aspectos oriundos da própria natureza daquele ritual! E as músicas das manifestações Black Blocs ou suas influências deixam isso bastante claro. Para Natale (2004):

[...] a música sempre funcionou como “recheio” do âmbito ritual, e, a seu modo, foi um “sinal” de extrema importância para se estabelecer o tempo e até o espaço da celebração do rito. [...] em todos os casos é capaz de determinar a essência mesma do fato ritual; assim, propõe-se sozinha como a zona-limítrofe e de eficácia do rito. (TERRIN, p. 269).

A música como recurso histórico, nunca esteve diferenciada das literaturas antigas, fundando o subjetivo, como forma de narrar a realidade e cantar seus mitos. A música neste contexto é a própria ação de organização das histórias no ato de “ritmação” e harmonização da vida, análogo ao ato de ritualizar. Muitas vezes, ainda que isolada do rito, pode nos servir somente ela de aspecto ritualizante, concedendo sentido e significado à realidade ordinária.

A música parece quase inteiramente presente e afeita à lógica ritual, ao ponto de podemos afirmar que onde existe música, algo está sendo ritualizado. As duas parecem prover deste mesmo núcleo ordenador sélfico. Este mesmo sentido de ritmação e organização do cosmos, irá também de encontro e em analogia com os astros, com os números etc. (ver TERRIN, p. 271). E ela de alguma forma está tão presente no imaginário da população

jovem, que podemos novamente pensar no aspecto privilegiado desta fase em aderir a musicalidade a todo tempo, como forma de ritualizar e renovar-se.

No caso dos Black Blocs, parece ser somente a ponta de um *iceberg* de identificação maior com aquela simbolicidade de *preto*, apocalíptica e caótica, já citada, pertencendo a um *rito musical* contemporâneo maior, no qual outros jovens além dos Black Blocs aderem, dados através das tribos urbanas do rock, com seus estilos musicais específicos e comuns entre si, na linguagem que veio oriunda do anarquismo punk, da qual o Black Bloc parecer ser somente uma parte. Os Black Blocs acompanham claramente estas temáticas apocalípticas, apologistas da destruição e do cenário de violência que parece necessário, presente em suas canções. O que é apenas intuído e sentido simbolicamente nos adeptos das músicas, no Black Blocs é vivenciado diretamente. E a simpatia como estes temas e teores simbólicos é comum para diversos grupos urbanos, o que mostra se tratar novamente de um dado de um determinado subjetivo simbólico contemporâneo. A musicalidade ritual é, portanto a natureza indicativa do próprio *rito*. Nos Black Blocs estas músicas, além de possuírem todos os aspectos aqui citados, os animam e os elevam, através de gritos de guerras espontâneos, que surgem no calor dos confrontos, e em produções prontas que traduzem seu ideário ritual, como vemos nesta citação:

A noção de *violência restauradora* que traz prazer ou possibilita a libertação de frustração condiz com as referências políticas, culturais e artísticas compartilhadas por pessoas envolvidas em ações diretas. [...] no campo musical, Bérurier Noir, um banda anarkopunk francesa dos anos 1980, é uma das favoritas [...] A banda punk Jeunse Apatride a dar o título Black Bloc-n-Roll a seu álbum de 2002. “Black Bloc Revenge” [Vingança Black Bloc] é o título de uma música toda pelo grupo francês Brigada Flores Magon. A lista das favoritas dos Black blocers e manifestante inclui canções como “Sllep Now in The Fire” [Agora durma no fogo], do Rage Against The Machine, ou “Resisting Tyrannical Government” [Resistir ao governo tirânico], do Propagandhi [...] *A música pode ajudar a decodificar a realidade, aumentar a sensação de pertencimento a uma comunidade* [...] O ambiente da contracultura punk – assim como do hip hop, do Techno e do electro – é permeado de violência [...] *Em algumas ocasiões, as letras das músicas são incorporadas aos protestos.* (DÉRI, 2014, p. 124- 125, grifo nosso).

Assim como uma natureza de identificação e “nostalgia” dos eventos ritualísticos em questão – os Black Blocs - tendem a ser sempre re-vividos nas lembranças e venerações dos jovens pela batalha mítica na qual participam, havendo sempre uma certa rememoração da importância dos eventos e passagens de seu grupo, de outros Black Blocs próximos ou espalhados pelo mundo, com o qual se identificam como iguais, gerando um verdadeiro acervo de reforçamento de seu *rito*:

Alguns sites são inteiramente dedicados a imagens e vídeos de protestos. Ativistas visitam esses sites regularmente, recomendam e trocam

endereços virtuais, e chegam a se reunir em certas noites – às vezes com um amplo estoque de bebidas alcóolicas – para assistir aos “melhores” protestos em sites como “The Ultimate Riot Collection” e “World Wide Riots”. (Ibid. p. 127).

Até mesmo:

[...] o termo “riot porn” foi usado para expressar entusiasmo que essas imagens provocam. Assim como a pornografia apresenta supostos “roteiros sexuais”, ou seja, formas de se envolver em relações sexuais, o “riot porn” permite que os espectadores fantasiem sobre imitar as performances dos manifestantes filmados. Mas é claro que esse não é um termo bem visto, dada a referência explícita à exploração sexual das mulheres. “Riot theatre” ou “riot coreography” seriam os termos mais adequados (Ibid. P. 127).

Lembrar e rememorar uma tradição, um rito compartilhado, possuir uma história e elevar atos heróicos e de ações inusitadas, e também cantá-los em canções ou enquadrá-los em fotos e imagens de lembranças veneráveis, tudo isso é um ato de ritualização. E encontra-se claramente presente em toda cultura Black Bloc, se assim podemos dizer.

Iniciação e nascimento social no ativismo político

“A iniciação pressupõe que o mero nascimento ponha o homem no mundo em condições insatisfatória, sem valores ou transcendência, ou antes, numa condição vegetativa. (ZOJA, 1992, p. 04).

Dissemos ainda há pouco que esta lógica da ação ritual, que gera consequências políticas para além do discurso, poderia em parte explicar a grande adesão exponencial de um contingente não politizado às fileiras dos Black Blocs, que podem se expressar arcaicamente no campo político e de sua realidade, no qual de outro modo estariam distantes, além de sentir-se com “voz” e liberdade de ação. No entanto, um outro motivo mais fundamental, afeito não somente à lógica ritual como um todo, mas a certos ritos específicos como aqui já descritos, como os ritos de iniciação, também pode ser possível de serem encontradas, de acordo com o perfil sociográfico e a hipótese da necessidade de iniciação inconsciente. Muitos são os aspectos psicológicos liberados pela ação ritual restauradora. Esta, além de contemplar aspectos latentes da coletividade, que queiram se realizar e se expressar simbolicamente, pode avançar para as necessidades psicológicas de recorte individual de seus participantes. As necessidades arquetípicas de renascimento/renovação são especialmente presentes nos jovens.

As possibilidades de renovações consideráveis e institucionalmente reconhecidas encontram nos dias de hoje obstáculos materiais quase insuperáveis. Atualmente, não raro o indivíduo passa por anos de estudo quantos serão os que dedicará a profissão para qual se preparou. Por estes

motivos, mudanças radicais na atividade não só são menos frequentes do que tempos atrás, mas são já logo de início desencorajadas por causa da mentalidade da maioria (ZOJA, 1992, p. 05).

Ou ainda nesta citação:

As lutas para se afirmar na sociedade regular, em nome de uma ambição individual ou política, estão sujeitas a rígidas regras de jogo e a caminhos já traçados, que o indivíduo não pode modificar e que lhe retiram grande parte da responsabilidade tal como antigamente ela era entendida. O indivíduo, deve, sim, fornecer, toda a sua energia, mas a ideologização e a regulamentação pré-constituídas das opções retiram a originalidade a responsabilidade do caminho (Ibid. p. 23).

Esta responsabilidade pelo caminho individual, da experiencial do radical que dá tonalidade a existência, através da experiência de renovação e morte simbólicas e do risco, é algo que a ação Black Blocs podem oferecer. Nós voltaremos neste ponto de nosso texto, principalmente para a realidade simbólica ligada aos ritos de iniciação dos participantes jovens dos Black Blocs, que envolve a ideia de nascimento social e também de formação de seu ego enquanto identidade.

A *juventude* enquanto símbolo vivo carrega já de forma natural os motivos das ideias e renovações políticas e sociais de toda monta. Como ela mesma é um símbolo de passagem e renovação, também precisa que este evento seja internalizado enquanto experiência de significado e passagem, que leva para a vida adulta. Como símbolos e arquétipos daqueles que abrem caminho dos novos horizontes da sociedade – isso é visto nas passeatas ao longo da história, e nos últimos anos nos próprios movimentos de revolução cultural e artística. Os jovens parecem naturalmente carregar esta responsabilidade e situam-se exatamente no vértice ou síntese, que agregam os aspectos unificados tanto da criança quanto do adulto - do arquétipo da criança, em sua *imaginatividade* e o aspecto criativo e criador e do *senex* (adulto) em seus aspectos de ligação com mundo e com o ego humano em ações diretas na realidade. Detentor deste espaço tanto biológico quanto simbólico de se estar no meio destas transições em seu próprio corpo, no espaço e no contexto histórico do qual participam, os jovens parecem erguer a lógica ritual de renovação em si mesmos, assim como precisam dela. São analogias vivas do que o representam de alguma forma, os próprios ritos, que encarnam igualmente o simbólico no real - a criança intangível e imaginativa, e o adulto tangível e real. Talvez por isso a importância primacial dada pelos ritos de iniciação nesta fase. “Não é de se estranhar que os jovens submetidos a esses rituais, façam-no de maneira silenciosa e felizes, representando um parto e nascimento para o social” (MEIRA, 2009, p. 194). Carregar as bandeiras das *renovações e revoluções* de um novo caminho a sociedade,

assim como tomá-la em suas mãos e cuidar dela a partir de então, tornando-se adulto, parece a responsabilidade simbólica imediata da juventude. Revoluções sempre acompanharam sacrifícios. E nos ritos individuais, seguem as estruturas de sacrifício pela morte do velho e o nascimento do novo pela saída da sociedade (estado de limiar) para sua reincorporação qualificada, estado de reagregação. Nos ritos sociais encontramos a mesma lógica, pelo sacrifício destes jovens para manter a existência e coesão da sociedade. A lógica do sacrifício é íntima de toda temática humana ritual e de passagens, sejam estas individuais ou de momentos sociais. Na ditadura o mesmo ocorre, assim como na opressão as movimentações dos anos 60/70, assim como o é nas guerras. Na revolução Black Bloc não pode ser diferente. Todo o *rito* e *arquetípicos*, neste sentido, parecem atuar com muita sabedoria e de forma coordenada, caracterizando bem a importância desta fase, a juventude. Entendemos a *juventude*, por si só, enquanto está sinergia de fatores de renovação pela morte – ela encontra-se em passagem e permite as passagens. Suas ações sempre devem ser levadas a sério enquanto expressão simbólica de algo que vem a ocorrer em seu contexto, ainda que subestimadas no campo do pragmático do real, sempre apresentam uma mensagem simbólica relevante dada conjuntura social ou coletiva.

Esta reflexão é merecida em nosso texto. E apesar da multiplicidade e pluralidade dos possíveis participantes de um Black Bloc, o mesmo parece se dar principalmente pela participação de jovens, do sexo masculino - e que singularmente, pertencem a camada de nacionalidades que sofreram internamente a ruptura de suas tradições pela tomada da mentalidade secular e globalizada (os Black Blocs, singularmente, sempre são um movimento anticapitalista) e que sofreram portanto a perda dos ritos de iniciação. Segundo os estudos de Déri, estes grupos:

[...] são compostos sobretudo por jovens (embora alguns membros tenham mais de 50 anos) e homens (em alguns casos, apenas 5% dos Black Blocs são mulheres). Mesmo nas redes antifascistas e antirracistas do Ocidente, os membros dos Black Blocs são majoritariamente de origem europeia (DÈRI, 2014, p. 54).

No Brasil, obviamente, isso corresponde a um cenário diferente de composição, valendo-se de que o trabalho de Déri é baseado principalmente nos Black Blocs que ocorreram na Europa e EUA. Porém, as necessidades psicológicas e arquetípicas desta fase não são diferentes em toda espécie, e não mudam fundamentalmente de cultura para cultura, neste mesmo período etário específico do desenvolvimento. Nossos jovens também, de alguma forma, sofrem da crise cultural do capitalismo e da invasão americana, e da deificação do mercado em primazia.

E os *ritos de iniciação* já foram ilustrados por nós como aqueles que possivelmente possuem maior implicância para uma sociedade. É dito que os ritos de iniciação são voltados para os jovens, sobretudo, na sua parte da população masculina. Mas para além de Zoja, em “Nascer Não Basta”, outros autores abordam bem esta temática da iniciação, também sobre o prisma ampliado de uma crise do masculino. Segundo James Hollis, os homens, de forma geral, passam por uma crise de sua masculinidade similar a apresentada pela ausência formal da iniciação, tema que ele também trabalha, envolvendo também a necessidade de compartilhar um grupo em comum, e ser preparado para entrar no mundo social maior, para além do patriarcado. Neste ponto, ele diz: “cabe a nós como indivíduos realizar o que não nos é proporcionado pela nossa cultura” (p. 24). “Muitos terão de encontrar uma forma de liberação emocional e uma maneira de compartilhar sua dor com os outros” (HOLLIS, 2008, p. 30). Enquanto “[...] o homem médio jamais formará parte de um grupo, sentir-se-ia ridículo por encontrar-se com outros na floresta para tocar tambor e raramente correrá risco de ser vulnerável diante de outros homens” (Ibid. p. 28). Como nos traz Zoja, a própria conversão para o compromisso político pode servir de porta de entrada a iniciação (ZOJA, 1992, p. 05). Isso é o que viemos ilustrando e aplicando ao Black Bloc em matizes específicos. Ocorre uma crise cultural e os homens estão assustados e desamparados simbolicamente neste contexto, e despreparados para obter estas experiências em grupo arquetípicas de que precisam. Nestas, são necessários seus devidos mestres (Marx ou Engels no caso político), ou os veteranos anarquistas e Black Blocs, e também uma trama de códigos e verdades compartilhadas (“O Manifesto”, por exemplo, entre outros) e os relatos e produções independentes, mais especificamente no nosso caso, da literatura Black Bloc. Igualmente, na direção de nossa análise, tem crescido e se tornado comum as adesões ativistas nos formatos contemporâneos e também *virtuais* (de dentro do universo da internet), que parecem seguir o mesmo modelo de iniciação num grupo isolado, com uma “verdade a mais”, códigos e padronizações, ideologias próprias, como se faz no caso do grupo hackers *Anonymous*. Estes tipos de novas *filiações* alternativas representam um fenômeno de adesão mundial nos países globalizados. Segundo Déri: “Nem todos os participantes de Black Blocs são anarquistas autodeclarados. No Egito, por exemplo, podem ser ativistas políticos ou torcedores de futebol, ou fãs de banda de Heavy Metal” (DÈRI, 2014, p. 55).

Assim, à face coberta de preto dos *Black blocs*, quase sempre marginais às próprias manifestações e oriundos da periferia e dos subúrbios pobres, associa-se ao anonimato da máscara branca de Guy Fawkes e suas conotações aristocráticas e “frondistas”¹⁷, bem ao gosto da pequena classe média pseudo-radicalizada dos centros urbanos que engrossou as manifestações em determinado momento. (CAPELLER, 2014, p. 132-133).

Os Black Blocs e o ativismo político nestes diferentes formatos podem oferecer este espaço livre simbolicamente, mas com aspectos de *grupo oficiante-ritual* para a transformação psíquica, como uma irmandade compartilhada: Os Black Blocs podem ser “*um lugar, um espaço seguro* onde os indivíduos podem se reunir, onde se sentem seguros porque as pessoas ajudam umas às outras [...]” (DÉRI, p. 62, itálico nosso). Mas este cenário todo de agrupamentos diversificados, além de promover a experiência de iniciação de forma mais ou menos satisfatória - eu diria que mais para menos, mas mais pela necessidade inconsciente implícita no fenômeno, torna-se um cenário eventualmente propício e “experimental” para despertar outras experiências dormentes da psicologia, indiretamente ligadas a essas, mas muitas delas igualmente de cunho arquetípico e também de liberação das energias inconscientes dos sujeitos. As possibilidades *plásticas* de que se serve este tipo de experiência performática e ideológica é grandiosa, em termos de possibilidades psicológicas e vivências.

Outros estudos comprovam que “[...] o ativismo melhora a sensação de bem-estar e reduz os efeitos da depressão” (DÉRI, 2014, p. 121). Além disso, segundo um grupo de afinidade que participou de um Black Bloc em Genova em Julho de 2001, a monotonia do mundo de hoje é motivo por que ‘destruir tem que ser divertido’ (Ibid. p. 120). Como o dissemos um misto de motivações são facilmente objetivadas desta forma. As falas do próprio grupo e de suas análises nos sugerem isso. Outras nos remetem a sensações ainda elevadas, valendo-se de que, experiências grandes e gratificantes geralmente possuem de forma mais clara carga de vivências transpessoais e *arquetípicas* consteladas, como o caso das experiências grupais aqui citadas. Vejamos esta passagem:

É verdade que, assim como muitas pessoas sentem emoções fortes e alegria durante ações e agrupamentos políticos pacíficos, alguns sentem verdadeiro êxtase com uso político da força. Um manifestante europeu admite explicitamente: ‘As sensações mais fortes que já tive vieram em protestos’. (DÉRI, 2014, p. 120).

Mas nos Black Blocs, em específico devido às ações diretas dos corpos no espaço, que já envolvem a maioria dos manifestos, mas também pela experiência de *alto risco* presente esta sensação pode ser muito maior,

Entre na batalha da alegria [...] atrás de cada máscara havia um sorriso, em cada pedra atirada contra o inimigo comum, havia prazer, em cada corpo que se revoltava contra a opressão havia desejo [...] individualmente não somos nada, juntos somos força. Juntos somos uma comuna: a comuna de Rostock. (Ibid. p. 121).

Remetendo-nos aos níveis de sensação intensas liberados por um *rito* de iniciação, nos momentos de marginalização no qual, geralmente, o neófito não se encontra na situação social, ele pode passar por provações e riscos na natureza, diante de uma caça ou de outras

forças naturais, ou induzidas por psicoativos, ou nos próprios atos de elevação de uma dada situação ritual, envolvendo momentos marcantes no auge de suas atividades. Muitos dos momentos mais marcantes de um rito de iniciação, por exemplo xamânico, podem ser encarados como avassaladores e “epifânicas”. Todo este risco, esta ligação com o perigo do que nos transcende, é encarado com grande (e pavoroso) prazer:

“O que impressiona em todos os protestos é o seu aspecto alegre do vandalismo. Você tem a sensação de que as pessoas estão comemorando [...] Elas pulam e dançam de um lado para o outro [...] é realmente exuberante, é divertido” [...] e Palavras como “inebriante”, “feliz” e “orgástico” são recorrentes nas entrevistas de Clément Barret com manifestantes políticos franceses. (Ibid. p. 127).

No entanto, estas experiências de estados extraordinários que nos remetem aos contornos de uma experiência ritual de *iniciação* e identificação coletiva, são como retalhos avulso e jogados no espaço social, carente de uma a possibilidade verdadeira de iniciação, culturalmente assistida. Em nossos tempos, não existe de fato uma iniciação completa ocorrendo, apesar dos motivos *políticos* serem legítimos e estarem ocorrendo e o rito inconsciente evocado, uma iniciação formal não se realiza plenamente, nem nos moldes partidários mais assíduos. A política mesmo, nos moldes contemporâneos, veio a se tornar fragmentária e racional para psique – daí também a motivação pelas movimentações e manifestos das massas, por mais se assemelharem às necessidades rituais. Não nos iludimos, portanto, de que todos os participantes de um “quebra-quebra” venham a ser motivados pelos fatores inconscientes de se “iniciar politicamente”. Ainda que a iniciação enquanto arquétipo possa lhes obsedar, a mesma necessidade pode ser mais ou menos forte em um e outros. Mas no que tange ao ato de se significar, isso é generalístico e perpassa a ideia dos heróis negativos quando se trata do suposto “vandalismo. Mas em muitos casos, supomos que esta energia pulsional inconsciente possa se extraviar, perdendo-se pela falta de amparo cultural, para a violência de fato, podendo parecer que em alguns casos apenas ocorra o simples desejo de se extravasar a raiva reprimida, numa espécie de catarse - e isso é até legítimo e realista. No entanto, a própria *raiva*, pelo sistema ou pela comunidade, enquanto dimensão oriunda da experiência social, já possui sistematizações rituais mais elaboradas, acabando por ganhar dimensões simbólicas bastante evidentes, nestes casos. E suposta “violência” faz parte e um elemento ritual conhecido em manobras sociais que nos traz novamente a nossa reflexão e nova ampliação do tema violência, nos ritos – quanto mais nos Black Blocs ou nos “quebra-quebras” e “arrastões” comuns assistidos nos manifestos. O ato de destruir, de agir como batedores da sociedade, vândalos e malquistos, para depois se integrar novamente a sociedade e ocupar os velhos papéis costumeiros e já determinados, já representa uma situação ritual e um momento comum bastante conhecido na lógica dos *ritos de iniciação*:

Durante todo o noviciado, os vínculos ordinários, econômicos e jurídicos, são modificados, e as vezes mesmo claramente rompidos. Os noviços ficam fora da sociedade, que deixa de ter poder sobre eles, tanto mais quanto são propriamente sagrados e santos, por conseguinte intangíveis, perigosos, como se fossem deuses. [...] Explica-se assim, do modo mais simples do mundo, um fato observado em numerosas populações e que permaneceu incompreensível para os pesquisadores. *E que durante o noviciado os jovens podem roubar e pilhar tudo ao seu gosto, ou alimentar-se a adornar-se a expensas da comunidade.* (GENNEP, 2011, p. 104, grifo nosso).

Os Black Blocs, de forma inconsciente, parecem seguir bastante similarmente este modelo ritual. Apesar de não serem admitidos ou a população os suportar passivamente, como na origem destes tipos de rituais nos primitivos, na mente inconsciente, este movimento parece se realizar enquanto temática simbólica expressiva da condição social humana. Verdades sociais e necessidades de integração estão propostas no ato performático, inverter as polaridades do noviço que deve servir e estar submetido a uma dada comunidade com normas, para o local de *ente ritual* que a usurpa, de forma violenta e furtiva, para além dos elementos da lei, significa no mínimo um sacrifício da própria sociedade ou compensação sombria dos anos posteriores que virão, nos quais, aquele jovem será parte da proteção e da composição de trabalho daquela sociedade ou comunidade, uma forma de solenizar e destacar os lados dúbios de todo *contratado social*. A mágoa ou ressentimento da sociedade deveria ali ser encenada. Para Gennep, bastariam dois exemplos destes tipos de rituais por ele considerados bastante comuns e generalizados:

Na Libéria enquanto por um lado os jovens vai são instruídos nos costumes jurídicos e políticos de seu povo, por outro, o “roubo não parece ser considerado para os noviços enquanto tais com um delírio, porque, sob a direção de seus professores, engendram-se a ataques noturnas contra as aldeias da vizinhança, e pela astúcia e pela força, roubam tudo o que pode servir para alguma coisa (arroz, bananas, galinhas e outros meios de subsistência, e carregam os produtos do roubo para a floresta sagrada [...]) Iguamente, no arquipélago Bimarck, os membros do Dukduk e do Ingiet, durante as cerimônias de iniciação, podem roubar e pilhar as casas e plantações à vontade, mas tendo o cuidado de deixar intactos os bens dos outros membros da sociedade secreta. Estas exações aliás, tomaram aí, bem como em toda Melanésia, a forma de pagamento forçado em moeda local. (GENNEP, 2011, p. 105- 106).

No Brasil, vimos os atos dos Black Blocs se desdobrarem com certa facilidade para este tipo de ações que remetem muito singularmente a estes rituais, ainda que moralmente

inaceitáveis, parecem que estão inconscientemente acionados diante da desigualdade eminente. Uma reprodução de um rito bastante antigo.

É também nesta direção e sentido que o rito destaca o ser humano dentro do social, sendo que todo o *homem* deveria ser colocado em relação de destaque para a sociedade. Da mesma forma como o mesmo será colocado como “escravo” eterno, submetido às leis e normas da mesma. Esta denotação de importância para este participante, a relação do homem com sua sociedade, deve ser prezada e formalizada. E isso, como o dissemos, sempre foi papel dos ritos e atos performáticos destacar, mesmo que na marginalização “saqueadora” esta lógica parece invertida, o significado final é o mesmo que em outros ritos que destacam o indivíduo em seu papel social. Em outras sociedades, este ser humano é “condecorado” e solenizado, tornado importante de alguma forma, através de seus *ritos de iniciação*. Os meninos mulçumanos são considerados príncipes em suas cerimônias de circuncisão (O’CONNEL& AIREY. 2010, p. 164) e se vestem como tais, ornados em branco, com grande pompa – ainda que uma ferida esteja igualmente proposta, como é o corte do prepúcio, como sinal de purificação para entrar na vida social. Seja como for, uma morte, um corte é preciso ocorrer, assim como a morte do ser humano antigo para o brotar do novo, afinal: “O acesso a uma condição superior é obtido com uma morte e uma regeneração simbólica e rituais””. (ZOJA, 1992 p. 04). Do corte, da marca, deste novo parto, surge o ser humano novo e renovado. E em todos os casos ocorre assim como o destaque do sujeito no social, seja na forma de um personagem negativo ou positivo, o movimento de limiaridade e agregação, é sempre proposto como nos traz Gennep e Turner. Em ambos os casos, deu-se o lugar para o Homem se significar e elaborar aspectos sociais com fins de passagem, e, depois de tudo, estando à parte da sociedade, desta forma positiva ou negativa, ele volta em uma nova condição. O papel heróico do *ativista político*, está na posição *marginal/limiar* do sistema, como no momento de um manifesto que interrompe a vida cotidiana, ou Black Bloc que interrompe até mesmo o subjetivo e o tempo do mercado e das trocas capitalistas. Sempre encontram-se fora da área comum, à parte do cotidiano. O ativista desta forma se assemelha a este local intermediário do social - como também se dá nos ritos - possuindo muitas vezes um papel ameaçador para a sociedade que pode o temer, ou em outros casos, o venerar, muitas vezes como salvador político. Sendo assim, possui tanto o local de destaque (negativo ou positivo) quanto a limiaridade em conjunção, podendo o significar e lhe dar uma identidade diante do cenário das não-identidades contemporâneas e massificadas, encaixando-se perfeitamente, desta forma, na lógica ritual. Corroborando ainda o fator da marca ritual sentida, “cicatrizada” em suas lutas e sacrifício, ou mesmo sentido enquanto estigma de baderneiro e destruidor da ordem proposta – tudo isso faz parte da sua marca. O papel do ativista, em todo se assemelha às representações de um iniciado à parte do meio, igualmente amparado por uma filosofia e ideologias únicas que geralmente só ele ou poucos têm acesso,

uma “verdade à mais” que precisa ser exposta e compartilhada para contemplar outros que estão perdidos, acrescentando o número de adeptos que irão agir em prol da revolução e novas verdades defendidas. Suas disciplinas auto impostas, políticas e pessoais para seguir este papel, muitas vezes levada bastante a sério, possuindo suas próprias normas e regras:

O papel de ativista é um isolamento auto imposto de todas as pessoas nas quais deveríamos estar ligados. Incorporando o papel de ativista, você será separado do resto da raça humana como alguém especial e diferente. (LUDD, 2005, p. 34).

No caso dos Black Blocs e outros ativismos, trata-se de um papel volátil, que a todo momento pode ser retomado, como uma vestimenta (ritual) para encarná-lo, apesar de sua vida cotidiana seguir em outro recorte de sua existência. Ali, no entanto, ele é um ativista, e possui sua diferenciação clara do meio comum. Estas são as características do ativista com o neófito ou oficiante ritual, similar em diversas direções. Não é de se estranhar que tantos jovens se identifiquem com esta posição, de maneira igualmente apaixonada como se dá num rito de passagem, certo de que oferece tantos elementos para o desenvolvimento de sua personalidade, que carece destes papéis e ritos, assim como propõe um *significado* para a realidade caótica, através das ideologias e ações de cunho político. Um arco fenomenológico bastante completo de como se significar e promover suas próprias passagens na juventude.

Espaço, reinvenção e o mitema *caos/renovação*

Falamos aqui mais detidamente de campo de “realidade” mórfica e experimental que é instaurada numa ação ritual e que possui camadas espaço/temporais diferenciadas daqueles dadas por um subjetivo ordinário e que remetem ao espaço e tempo divinizados, holísticos, da ligação do ser real como ser das projeções de visões do *mundo numinoso*, simbólico e imaginativo. Neste cenário, não só os objetos tornam-se veneráveis e passíveis de uma atmosfera mágica, como também todo o asfalto e o cenário espacial da batalha onde eles se situam – por fim, todo o espaço circundante pertence a uma geografia simbólica. Ao contrário do homem primitivo em sua relação indiferenciada com a natureza (SILVA, 2002 p. 37), em nosso caso, esta natureza é substituída pela ambientação urbana, de muros, ruas e blocos por todos os lados. A cidade como um todo é percebida como uma unidade cósmica – sagrada. Estamos diante do espaço e das geografias arcaicas do cosmos:

O espaço, na vivência ritual, só pode ser percebido através de nossa sensibilidade. Ele é o ‘cenário das nossas experiências humanas, a esfera da nossa atividade e das nossas relações com o ambiente que nos circunda. *Ora tudo isso precisa de uma visão unitária e não dispersiva e dicotômica, como sempre, na onda do cogito cartesiano, pretendíamos que fosse.* (TERRIN, 2004, p. 199).

Através de todas as preparações, das máscaras, do adentrar na massa negra de “irmãos de causa e rito” e rompendo os espaços delimitados pela ordem ordinária, o sujeito que participa do Black Bloc está diante da comunhão mística com estas ruas, guetos, esquinas e prédios. Tudo isso forma o seu espaço simbólico no ato performático, é um palco proposto, o próprio chão do símbolo. “O inconsciente coletivo e o pensamento mítico, portanto, apresentam na concepção de nossos autores, uma mesma característica: a de manter unificados o sujeito e o objeto”. (SILVA, 2002, p. 36).

De fato, a própria relação dos Black Blocs com o espaço e a noção de propriedade é bastante acentuada. Na verdade, eles são, bem ao tipo do primitivo, contra qualquer tipo de profanação do espaço e dos objetos que compõe o mesmo, sejam estes naturais ou humanos. O Black Bloc parece uma medida de retomada a força do espaço humano, perdido para uma força inumana e profanadora. Ele tenta esta religação com o espaço primordial da relação do homem com seu ambiente. O espaço neste sentido deve servir ao homem e ser compartilhado, como antes da propriedade privada. E não o contrário, escravizando, coisificando a realidade e segregando os homens e as coisas. Por fim, gerando divisões:

“A propriedade privada deveria ser distinguida da propriedade pessoal. A última é baseada na utilidade, enquanto a primeira é baseada na troca. A premissa da propriedade pessoal é que cada um de nós tenha o que precisa; a da propriedade privada é que cada um de nós tenha algo que o outro precisa ou deseja... Nós reconhecemos que a destruição da propriedade privada não é um ato violento a não ser que destrua vidas ou cause dor no processo... Ao "destruirmos" propriedades privadas, nós convertemos o seu limitado valor de troca... Quando quebramos uma janela, nós objetivamos destruir a fina camada de legitimidade que rondea o direito à propriedade privada... Muitas pessoas nunca verão o vidro de uma loja ou um martelo da mesma maneira... O número de janelas quebradas empalidece em comparação com... a violência cometida em nome do direito à propriedade privada e todo o potencial de uma sociedade sem ela. Janelas quebradas podem ser encomendadas e eventualmente substituídas, mas a quebra destes princípios vai ainda esperançosamente persistir por um certo tempo”. (ACME COLECTIVVE apud LIMA, 2014, p. 04).

O espaço que os Black Blocs pretendem instaurar parece remonta à unidade original e pública do mesmo, antes da propriedade privada o enviesar. O espaço neste caso é espaço qualitativo, à serviço da experiência humana. Todo povo possui um mito e uma relação sacral com seu espaço, a alienação da propriedade privada tirou do

cosmos sua totalidade enquanto natureza simbólica e a experiência de pertencimento ao espaço sagrado, para o relativizar e homogeneizar como matéria bruta destituída de sentido, numerada e profanada pela lógica do preço e das trocas. O espaço não pode ser trocado, ele é comum, o chão de todos. O espaço subjetivo no sentido quantitativo-mercadológico é o que é deliberadamente “quebrado” e atacado pelos Black Blocs. Eles atacam diretamente esta dimensão “coisificada” do que fizeram dos bens e dos espaços naturais humanos. Para eles, alienados. Sendo assim, remontam e se aproximam da *terra uns* da origem, que servia ao homem e na qual não existiam proprietários. Tudo se torna o ambiente natural e unificado, de todos. E o que está construído sobre a lógica privada capitalista, que profana não só homens como seus bens, deve ser destruído, para a ressignificação e renascimento deste ambiente original, através da morte do modelo instituído de divisões. Segundo Terrin, a relação entre rito e espaço é quase diretiva e indiferenciada para muitos antropólogos, a ponto de reconhecer no espaço um ponto constituindo da lógica proposta do ritual. Valendo-se de que, em última instância, e como nos remete a ambição Black Bloc, os espaços se tornem unificados sobre um valor totalizante. Isso não é nada estranho, considerando nesta lógica que:

[...] as experiências originárias são aquelas que se encontram, de maneira mais direta e imediata, no mundo e o rito é um espelho desse originário experiencial que pretende levar genuinamente a uma experiência de valor absoluto. (TERRIN, 2004, p. 200).

Pilhar, destruir e pegar para si (roubar) torna-se efêmero diante da alienação do espaço e da possibilidade real de quebra do espaço sistêmico para torná-lo novamente modulável, adentrando na dimensão simbólica.

Torna-se, neste sentido, uma ruptura do espaço cartesiano, assim como o é do tempo cronológico racionalista, também rompido na ação de um Black Bloc. É desta forma que o anarquismo Black Bloc parece conseguir ir desmantelando as noções propostas pelo subjetivo capitalista, de maneira mais humilde, mas com fins a este outro cenário, um anti-rito do rito capitalista e suas formas e convenções. Neste ínterim, como dito, o tempo ordinário também é rompido e o humano entra num tempo além do digitalizado e que lhe informado pela convenção social, e entra no tempo do ritual, o tempo mítico, onde tudo é passível de recontagem ou volta-se à atemporalidade. Uma fissura é feita pelo ritual, com os objetivos de reformular a recompor a realidade. Esta compreensão, quando ele amplia o discurso sobre relação rito/espaço, nos leva, segundo Aldo Natale Terrin (2004) a “captar o sentido do espaço sagrado, e compreender, no nível mais universal, a conjunção entre próprio ato de criação e o rito. (TERRIN, p. 201). E que se dá por meio do tema mítico da destruição, onde

algo precisa ser colocado ao chão, para que outra coisa renasça das cinzas e do luto de negro, dos Black Blocs.

Tudo isso nos leva a uma tautologia da violência e destruição, do combate divino, enquanto meio para que, através do caos, um novo tempo e espaço renasçam. E adentramos fundo agora nesta mitologia. Esta matriz mítica, que é algo afeita à outra lógica básica do ritual, a lógica renascimento e morte, a sua função básica nos ritos de iniciação, parece rondar toda ação de cunho apocalíptica, da destruição e da guerra advinda do caso reinante – os mil discursos babilônicos em que o homem moderno se perde. A destruição é fundamental para este *renovatio* ocorrer. As afirmações de Eliade, confirmam este fato simbólico implícito na lógica da destruição:

Toda destruição de uma cidade equivale a uma regressão ao Caos. [...] O Dragão teve de ser vencido e esquartejado pelo Deus para que o Cosmos pudesse vir à luz. Foi do corpo do monstro marinho Tiamat que Marduk deu forma ao mundo. Jeová criou o Universo depois da vitória contra o monstro primordial Rahab. Mas, como veremos, essa vitória do deus sobre o Dragão deve ser repetida. (ELIADE, 1992, p. 29).

Aspectos teatralizados e performáticos, estilização padronizada, aparatos e roupas de preto, em luto e caras fechada - perda da identidade individual para o personagem de preto, mascarado, talvez a “Morte”, encarnada em suas vestes. A guerra urbana desigual por motivos políticos de transformação social, o anarquismo da destruição implícitos no espaço da cidade. Tudo isso parece remeter a lógica simbólica da destruição-caos-renovação, aqui expressa neste tipo específico de mitologia ancestral. Esta se encontra presente nas mais diversas culturas tratando-se de um tema arquetípico. Tal mitema arquetípico, além e intimamente ligado ao ritual de iniciação, seria a própria mitologia implícita dos Black Blocs em seus atos de rua.

Violência e a sombra: Luto e sacrifício nas ruas

Voltamo-nos aqui, ao primeiro ponto destacado nos primeiros parágrafos deste capítulo: o efeito sombra dado pelo coletivo perante a presença sempre controversa do surgimento de um Black Bloc.

Encarados como hostis, violentos, aqueles que estão “vestidos de preto” (para quê?), trazendo uma certa beligerância, o medo e uma possível “maldade” anárquica, demoníaca e sem sentido para a maioria, os Black Blocs são o contraponto perfeito do sujeito de bem de nossa sociedade e do capitalismo, aquele modelo robotizado durante os dias sucessivos, obediente e trabalhador, que luta pelo “progresso” da cidade e da nação. Aqueles que se

apresentam de roupas, gravatas e luvas, sem máscaras e de cara livre, acompanhando horários prescritos, para poder executar sua jornada de trabalho cotidiana. Os Black Blocs, por irem na contramão deste sistema, destes espaços e destes horários, pretendendo derrubá-lo, contradiz este contingente enorme de pessoas que passa igualmente a rejeitá-los. A sociedade e a mídia lhes esboçam assim os elogios, valendo-se de que a mídia também serve aos interesses das empresas privadas que os próprios Black Blocs combatem. O cenário não poderia ser outro, e logo são chamados de “câncer”, “idiotas”, “bandidos irracionais”, “jovens vadios”, “desprovidos de crenças políticas”, com “sede de violência”, “vândalos”, “covardes”, etc. (DÉRI, 2014, p. 31). Os Black Blocs podem muito facilmente ser colocados nestes papéis, e nós mesmos podemos pensar assim deles em algum momento, com facilidade, quando estamos imersos no nosso próprio esforço e trabalho cotidiano, e não queremos ser enganados ou contraditos. Afinal, é muita energia que é investida para imaginar que estamos sendo tão ferozmente usurpados. O ataque moral que sofrem, por sua aparente “violência”, no entanto, diz muito sobre o fenômeno de repressão e da sombra, por esta parte comportada da sociedade, geralmente e estranhamente, aquela que mais sofre. Na perspectiva dos próprios Black Blocs, como pudemos ver, a violência é algo incomparável em sua magnitude quando utilizada pelo sistema, e é o mecanismo principal do sistema, com o qual os atos deles são de fato completamente irrelevantes, apenas simbólicos e teatrais, comparado a força exercida por outros fatores, sobre eles mesmos e os cidadãos desta sociedade. Segundo eles:

VIOLENCIA é trabalhar durante 40 anos, ganhando salários miseráveis e se perguntando se algum dia poderá se aposentar... VIOLÊNCIA são títulos públicos e fundos de pensão roubados, e fraudes no mercado de ações... VIOLENCIA é desemprego, emprego temporário... VIOLENCIA são “acidentes” de trabalho... VIOLENCIA é ficar doente por causa do trabalho insano... VIOLENCIA é tomar drogas psiquiátricas e vitaminas para lidar com as horas de trabalho exaustivas... VIOLENCIA pé trabalhar por dinheiro para comprar remédios para consertar a mercadoria que é sua força de trabalho... VIOLENCIA é morrer em macas de hospitais horríveis quando não se pode pagar todas as taxas. (Proletários da sede ocupada de GSEE, apud DÉRI, 2014, p. 79).

Vemos o mesmo nesta fala:

Hipocrisia dos estados burgueses que nos chamam de terroristas enquanto celebram, por exemplo, o 4 de julho nos estados unidos e o 14 de julho na França, datas que marcaram o auge de revoluções sangrentas’ [...] O liberalismo, o nacional- nacionalismo, o marxismo-leninismo, o fascismo e o cristianismo, cada um à sua maneira, e com mais frequência do que o anarquismo, recorreram a assassinatos. (DÉRI, 2014, p. 80 e 84).

Estamos de fato imersos na sociedade mais violenta de que já se teve notícia, que matou aos milhares e com armas de destruição em massa nunca antes imaginadas: O ocidente

se encheu de discursos sobre “liberdade, fraternidade, igualdade”. No entanto, estranhamente, esta filosofia se deu no meio dos países que mais invadiram, escravizaram, colonizaram de maneira violenta, e usurparam os direitos de diversas etnias e outras nacionalidades. “O monopólio da violência é a base da autoridade do estado” (Ibid. p. 85). E a fala de uma mulher Black Bloc é bastante incisiva ao apontar estas incoerências:

Os defensores de outras ideologias não costumam ter reservas contra o uso de equipamentos muito mais destrutivos do que alicates. As únicas pessoas que já chegaram a dar a ordem de lançar bombas atômicas em cidades – Hiroshima e Nagasaki – eram liberais. (Ibid. p. 81).

Esta negação a qual estamos habitados a conviver, com a falsa impressão de um estado pacífico, porém detentor dos formatos violentos mais diversificados e disseminados nunca vistos na história, nos revelam uma falsa moralidade e paz que podem ser quebradas com um leve toque, desde que os interesses daqueles que estão no poder sejam colocados à prova. Vemos isso quando uma simples passeata pacífica de professores já evidencia a contradição e o tamanho da violência empregada para manter o domínio do poder. Os liberais instituíram seus ritos capitalistas, e aqueles que não seguirem o seu *rito* padrão, deve entrar sob seu martelo de “justiça” implacável e serem eliminados e oprimidos sem reservas. É só tentar fazer diferente. Afinal, que outra possibilidade o sistema de controle apresenta para poder confrontá-lo senão a participação obediente e a acrítica, ou apenas a crítica tímida de algumas de suas falhas. Como um Deus (ou Sistema deífico) saturnino, não se admite qualquer confrontação e continuará se alimentando de seus filhos, tal qual o deus supracitado, utilizando a energia humana para sua “entronação” sem precedentes, para o bem de seu “progresso” racionalista e unilateral, como uma máquina incansável e esfomeada – inumana em sua essência, pois se trata apenas de um mecanismo virtual do pensamento, que o segue por meio de instituições. Como dito, os Black Blocs, no confronto com a polícia, não poucas vezes, até mesmo pela diferença de aparato de confronto, são os que mais sofrem a violência por sua exposição ao perigo, mas que encontram-se aptos a fazê-lo, tanto como um mérito de batalha, já citado, tanto como por um fator social bastante antigo, que corresponde a *lógica do sacrifício*, aqui também já citada.

A partir desta perspectiva, os Black Blocs servem de sacrifício heróico duplo para a humanidade, na primeira, com instrumentos “agrários de pastores” (pedras, tacos de madeira, coquetéis molotov) comparados se diante das legiões armadas de César (armas de fogo, coletes, fuzis, metralhadoras, bombas de efeito moral e outros). Somente aí já possuindo um aspecto político bastante enunciado e forte diante desta disparidade, pouco evidenciada pela mídia clássica. Na segunda, ridicularizados por aqueles a que se pretende defender, esta mesma mídia que não reconhece seu valor ideológico. Neste sentido,

um Black Bloc sério e de batalhas verdadeiramente penosas nos relembra também ao mito *cristão*, tão presente em nosso imaginário, no qual as feridas “estigmatizantes” de sua posição tanto quanto as feridas de batalha atestam a “sonsa” batalha na qual estão, crucificados pelos dois lados, no sentido de ensejar uma verdade a mais. Qualquer estudioso atento dos panoramas simbólicos e que ultrapasse as dimensões leigas dos adjetivos de “baderneiros” e “violentos de graça”, oriunda das primeiras impressões, irá compreender que se trata, além de um confronto com tonalidades heróicas, também um ato heróico de cunho sacrificial.

Os *Black Blocs* já são fenômenos que ocorrem em diversos países e ao longo de décadas, e parecem sugerir, de forma bastante contundente, esta dimensão simbólica tão afeita e presente em nossa cultura judaico-cristã, da qual eles não escapam na qual, somente por meio do sacrifício, pode-se atingir a libertação. Neste sentido, ridicularizá-los e apontá-los como rebeldes e baderneiros, para os Black Blocs ativistas realmente politizados, é apenas uma intermitência que eles teriam de passar para alcançar seu objetivo final, no fundo, a salvação de todos e da sociedade, diante do *capitalismo* o qual o restante da massa precisaria “acordar”.

Uma citação do Junguiano Sharp, nos esclarece este fenômeno de ataque aos Black Blocs de forma simbólica, através da citação que trata dos famosos “bodes expiatórios”:

A propósito, a carne de bode foi o sacrifício original aos deuses, quando se esperava evitar uma catástrofe. Posteriormente, as pessoas passaram a ser sacrificadas, eram os ‘bodes expiatórios’ – eles suportavam o impacto das emoções com as quais as pessoas não conseguem lidar – a culpa, a vergonha e assim por diante. (SHARP, 2011, p. 63).

Assim como se sabe, o sacrifício está na base da lógica ritual:

Os ritos sacrificais são uma outra especificação das ofertas primiciais e se referem sobretudo ao sacrifício de animais. Talvez constituam uma das formas mais antigas de ritual, talvez o ritual por excelência, e que, segundo Girard ou Bukert, deu origem ao senso religioso enquanto tal. (TERRIN, 2004, p. 40).

A lógica religiosa cristã, assim como o ato de sacrificar e destruir, lutar e se esforçar fisicamente, sacrificar algo, para permitir o nascimento do novo, são lógicas presentes na performance dos *Black Blocs*. E eles também estão de preto, marcando um luto, uma morte, voltada para o renascimento.

Quando falamos então dos aspectos “violentos” (considerados antes pelo prisma do sistema e da mídia que o defende) vemos, neste mesmo caso, misturando força e sacrifício, o próprio cristo, aqui posto como símbolo, em sua passagem pelos templos de mercado (qualquer similaridade é mera coincidência) dos fariseus. Neste caso também como figura revolucionária, utilizando da “violência” e força em ações políticas diretas no mundo humano.

Não um estudioso dos mitos, como nós, mas o próprio Déri veio também a se deparar com isso a partir da seguinte passagem:

Por fim, ao se voltar a mitologia religiosa, também se encontram heróis perfeitamente dispostos a destruir a propriedade comercial. Segundo consta, Jesus teria expulsado os mercadores do templo de Jerusalém com um chicote e jogado o dinheiro e as ofertas ritualísticas deles no chão. Esse é o ato que se considera ter convencido as autoridades religiosas judaicas de que Jesus havia ido longe demais e merecia a pena de morte. (DÉRI, 2014, p. 87).

Óbvio que a conjunção de todos estes elementos simbólicos e políticos, coordenadas no imaginário, também gera o pressuposto acentuado do “fetichismo” de suas ações, que se refere ao uso da força como uma forma “pura” de ativismo radical, superior as outras (DÉRI, p. 141) possuindo nestes casos, até mesmo tonalidade demasiadamente messiânica dos seus adeptos, como única saída possível em diversas situações, dogmatizando e tornando religiosa e superior a sua ação.

Os sacrifícios de animais, na história, foram mais tarde substituídos pelos sacrifícios humanos e os *mártires*, dos quais os jovens mascarados fazem questão de se emblematizar ao serem, como no Brasil, aqueles que protegem as intenções dos manifestantes da opressão militar da polícia militar. Ficando este aspecto de exposição bastante claro.

No entanto, as dimensões de uma luta que coloque em jogo a própria vida não é algo somente sacrificial em seu sentido passivo, mas remete também a ideia do valor e da ideia de *luta pela existência!* Aqui, ganhando também as tonalidades heróicas de sacrifício/prova iniciatórios, *aventura e provação* comungadas na experiência do perigo e da batalha, num mesmo fenômeno simbólico. Eliade, em “O Sagrado e o Profano”, já entrelaçava pontualmente o que estamos tentando descrever em seu texto no qual encontramos os elementos que vão do caos a reorganização do universo dentro desta lógica. Segundo ele, toda esta luta: “[...] nem por isso deixa de equivaler ao ritual iniciático da prova (luta contra o monstro), da morte e da ressurreição simbólicas (o nascimento do homem novo). (MIRCEA ELIEDE, 1992, p. 68).

Águas para um duelo com o monstro marinho. Esta descida tem um modelo: o do Cristo no Jordão, que era ao mesmo tempo uma descida nas Águas da Morte. Conforme escreve Cirilo de Jerusalém, “o dragão Behemoth, segundo Jó, estava nas Águas e recebia o Jordão em sua garganta. Ora, como era preciso esmagar as cabeças do dragão, Jesus, tendo descido nas Águas, atacou a fortaleza para que adquiríssemos o poder de caminhar sobre os escorpiões e as serpentes”. (Ibid. p. 67).

Uma luta um tanto quanto épica. Recheada de elementos simbólicos possíveis de se constelar na psique. Tudo isso, sem retirar o mérito político de fato, agente da consciência e da crítica social.

Também em outra perspectiva, esta mesma violência dos Black Blocs, em alguma medida, nada mais seria do que um rito elaborado para “elaborar” simbolicamente tamanha violência contextual; uma resposta possível, criativa até mesmo, pois que simbólica, de ir ao encontro de uma saída para as contradições e conflitos. Mas enquanto performances rituais, os elementos em articulação são a própria violência, expressa tal como sentida pessoalmente e coletivamente pela força da violência do estado – o primeiro agente violento. Os Black Blocs são representativos destes elementos culturais já existentes, apenas expostos e reelaborados, na ordem das ações de sua performance, agora, no contrário, contra aquele estado. Assim como na fala de Peirano:

“O Mecanismo de bricolagem, definido por Lévi-Strauss, é fundamental aqui: os elementos que entram no ritual já existem na sociedade, fazem parte de um repertório usual, mas são então reinventadas” (PEIRANO, 2014, p. 49).

Por fim, tivemos um breve vislumbre do poder dos ritos e rituais na vida cotidiana e política da atualidade, assim como em diferentes formações sociais contemporâneas. Achando ter cumprido nosso objetivo em demonstrar este fenômeno na atualidade através da formação dos Black Blocs e sua adesão maior de jovens do sexo masculino, implicando também na ausência dos ritos de iniciação, terminamos este capítulo. Mas não sem antes nos apropriarmos após esta jornada, da fala de Peirano, que afirma que: “Por meio da análise de rituais, podemos observar aspectos fundamentais de como uma sociedade vive, se pensa e se transforma”. Assim como que: “Estamos, preparados para reconhecer hoje que, muitas vezes, a ação social é mais eloquente para o analista que uma fala descontextualizada”. (PEIRANO, p. 51). E esta análise das ações sociais, aqui foi realizada pelo prisma e ampliações da psicologia analítica, ou psicologia profunda e simbólica. Com isso, passamos as considerações finais.

Considerações Finais

Num primeiro momento, apresentamos e discutimos o déficit simbólico da ausência formal dos ritos de iniciação em nossa sociedade, assim como o enfraquecimento geral da dimensão da *ritualidade* na atualidade. Os problemas em torno deste enfraquecimento, ora presente em todos outros grupos civilizatórios humanos, além de acompanhar a queda da tradição e dos “continentes protetivos simbólicos” nas sociedades seculares, esbarram na dificuldade subjetiva da chamada pós-modernidade, no qual o homem contemporâneo se vê perdido. Isso porque estes tempos pós-modernos, por acompanharem um desgaste da modernidade em seus fatores ideológicos, apresentam um cenário de confusões e fragmentação do pensamento e do próprio local de significado, do humano na realidade. Sempre, na história da humanidade, as manobras e eventos sociais responsáveis por marcar e determinar os locais, identidades e papéis no arranjo coletivo, foram os rituais e ritos de iniciação. A sistematização racionalista instaurou outros papéis, desconectados com as ressonâncias íntimas da psique e do grupo. Uma série de fragmentações e crise se dão a partir daí; crises ideológicas, divisões de toda monta, tendências porosas, plurais e modistas são sentidas, a ausência de sentido assim como a promoção irrefreável de grupos radicais que parecem querer possuir uma “verdade a mais”, perdida, da própria coletividade. Esta gama de tendências arrebatam populações que parecem pedir por um posicionamento em meio ao caos social e subjetivo; vemos este estado caótico e ideológico refletido com clareza nas opiniões colocadas nas sociais e na “sede” por posicionamentos políticos. Nunca porém, parece sustentável estas opiniões ou com profundidade suficiente para significar a realidade fragmentária na qual a psiques individuais encontram-se colocadas, isso porque não se sustentam em arranjos rituais, simbólicos e de significado suficientemente calcados nos comportamentos e atitudes cotidianas da experiência do ser humano com a realidade; a práxis da vida capitalista e secular se nos apresenta contraditória para com quaisquer posturas outras que não seu próprio mecanicismo e descartabilidade das consciências, ideologias símbolos, subjugados como segundo produto de seu funcionamento. Opiniões, posicionamento, giram na marginalidade do controle dos corpos para o sistema, que continua o mesmo.

Logo, os ritos e rituais de iniciação, enquanto paradigmas mostram-se temas contemporâneos por excelência também por trabalhar a volta do significado e o movimento dos corpos de maneira simbólica. O objetivo de nossa dissertação concentrou-se em explorar esta hipótese da revisão e comparação entre elementos rituais e dos ritos de iniciação através da análise bibliográfica, de fatores psicológicos e sociológicos com os grupos Black Blocs de forma a comprovar as semelhanças entre os mesmos pelo prisma de suas motivações inconscientes e mais arcaicas.

Escolhemos este grupo, tanto por sua emergência na atualidade, enquanto grupo “temido” e controverso no atual plano social, quanto por seus aspectos radicais e exóticos passíveis de ricas análises enquanto fenômeno social complexo e ritualístico no contemporâneo. Como visto em suas batalhas de rua, o grupo mostrou atender em diversos momentos as expectativas de se encaixar dentro de uma *lógica ritual* e dos *ritos de iniciação*, permitindo ampliações e reflexões acerca de nosso subjetivo o qual eles reagem, sugerindo ainda estarem na sombra exata do *modus vivendi* do cidadão comum ocidental ou do que se espera dele.

Os Black Blocs possuem fatores simbólicos e molduras rituais evidentes e manifestas no seu corpo enquanto fato social de nossos tempos. A teatralidade, que corresponde à dimensão da *performance ritual*, as roupas e estilizações tipificadas para uma “batalha”, tudo isso tem muito mais a ver com o impacto visual e simbólico do que propriamente com uma vitória prevista sobre o sistema. A atitude dos corpos e dos rostos cobertos, propositalmente. Tudo é seguido e montado, havendo preparações e momentos de êxtase, repetidos e reproduzidos desta mesma forma nos mais diversos países. Demonstram sua característica coletiva, a generalidade de sua eficácia no subjetivo de seus participantes em diversas culturas seculares.

A horizontalidade de sua organização e ideologias com raízes no movimento *autonomista* que sofre influência de diversos segmentos anti-sistêmicos, demonstram as similaridades de uma organização com viés contra cultural, arcaico e tribal em sua essência. Opostos as burocratizações e ao distanciamento entre os indivíduos, que são atores ativos nos processos de decisão deste grupo, lhes outorgam papel de importância. Perpetuam a comunicação direta e espontânea e as experiências imediatas na relação entre pessoas e com seu espaço em comum, as ruas e os monumentos urbanos.

Sua dimensão heroica é acentuada, indo de encontro às possibilidades de experiência do tipo num tempo de ausência de experiências arquetípicas e iniciáticas; um Black Bloc serve como um momento singular e propício para realização de uma diversidade de tendências inconscientes, individuais e coletivas - para além da iniciação- negligenciadas em nossa sociedade. As batalhas e formas como as mesmas são travadas de maneira apaixonada e lembradas entre os adeptos, demonstram até mesmo certo ar de nostalgia e veneração solene de seus participantes. Os trechos gravados de seus eventos mais destacáveis enquanto grupo são assistidos e lembrados em encontros, que vão muito além do ativismo direto, formando um grupo de compartilhamento de posturas, ideias e identidades. Muito em torno das experiências arquetípicas de risco e do perigo, perdidas na atualidade, e seu aspecto de vida ou morte – permitindo a morte e o renascer individual e social implícitos - que são um elemento ritual basilar, que dão tonalidade à vida e um significado especial para a experiência de *vazio do contemporâneo*.

A simbologia interna e encarnada em seus símbolos externos e nas suas ações mostrou-

se ainda mais emblemática. Os aspectos de vida ou morte, em sua vestimenta e postura “*black*” – como que em um luto social e simbólico - passando do indivíduo, insatisfeito para a própria sociedade, que precisa ser renovada e salva do jugo do controle, sob a tautologia do universo em destruição/renovação, sua essencialidade enquanto matriz mitológica. Esta mitologia, a da destruição/morte e renascimento/renovação é comum em diversas culturas e parece àquela encarnada pelos Black Blocs em suas ações anárquicas de “preto”. Estas ações, como podemos ver aqui, não são nem de longe tolas, violentas por deliberalidade ou desprovidas de significado. A possibilidade simbólica de um renascimento pela destruição, é uma saída do inconsciente coletivo diante do desespero político e subjetivo da sociedade atual, conflituosa e divergente de diversas formas; que só poderia com seu fim dar espaço a uma reordenação do espaço a partir do caos reinante, ganhando assim aspectos e tonalidades apocalípticas de uma experiência de “fim dos tempos”, tamanho é o impacto visual de suas ações, nos remetendo de fato a estas matrizes mitológicas. Tais quais cavaleiros negros - pelo fim um novo tempo poderá emergir - como agentes da morte ou a própria *Morte* encarnada em partes, o sistema aqui é encarado como um dragão, velho e corrupto, que consome as nossas custas as riquezas da terra, e que deve ser vencido de todas as formas, para haver algum futuro para a sociedade globalizada. Uma jornada e tanto pela qual passamos, e que os Black Blocs parecem ser os mais sensíveis quanto ao tamanho de sua problemática, quando devidamente politizados e desta forma motivados.

Escondidos sob máscaras, similares a personagens obscuros e impessoais, catalisam os sentimentos coletivos das repressões sentidas por todo o seu contexto, extravasando-a desta forma. Silenciosos em palavras, mas nada hesitantes, agem diretamente na sociedade e seus espaços. Confundidos na sua grande massa, ilustram de maneira performática e sacrificial o tamanho das incongruências, covardias e valores de nosso contexto social. Evidenciando sentimentos e aspectos sociais que precisam ser elaborados; e o são, em seus ritos de *ruas*; abrindo espaço para uma nova polaridade dos valores culturais de nossa sociedade.

Os problemas políticos e sociais, nestas situações, podem ser elaborados e reelaborados através da força ritual, neste caso deste tipo de *ritos políticos de rebelião*, como os podemos conceituar. A violência, no entanto, é representativa de uma violência maior, como o dissemos. Desta forma e que as incoerências sociais por eles evidenciadas, acompanham as funções básicas de reelaboração de elementos sociais, expostos em suas contradições e conflitos de forças com a polícia nas ruas, sugerindo por isso e pelo mais de suas ações anárquicas, uma tomada de consciência pelo visual, reformulando a percepção dos lugares em nosso subjetivo.

Num tempo de inércia e dormência dos arquétipos “*encarnados na pele*”, que é o mérito da ação ritual, recuperar a linguagem da ação direta dos *corpos no espaço* sob um advento simbólico, como fazem os Black Blocs, por si só já configura uma “*vitória subjetiva*” maior que qualquer discurso pronto e elaborado. E o psiquismo de seus participantes pode haurir a

novas fontes de vitalidades, canalizadas pessoalmente, em contextos coletivos; o movimento destes corpos ativamente e simbolicamente no espaço para além das ordenações ordinárias do cotidiano, trata-se efetivamente de um mérito da ação ritualizada ou ritual.

Quando o *simbólico invade uma ação*, estamos de fato na dimensão do *rito*, os objetivos e objetos tornam-se sagrados, emblemáticos, assim como os corpos e o próprio espaço, que volta a ser o espaço original, da origem arcaica do cosmos. O ato de depredar, então ganha outro sentido, assim com as leis, nestas situações rituais, estão abaixo da ordem cósmica imposta pelo ritual. É o espaço dos cosmos original em reação no momento do conflito, o espaço simbólico oferecendo uma reconstrução do real.

De fato, ainda asseverando nossa hipótese, na qual *destruir, pilhar, saquear* e até mesmo viver às expensas da comunidade durante um dado período, já compunham estruturas rituais bastantes antigas e generalizadas existentes em diferentes culturas representando um momento ritual de passagem e iniciação específicos, igualmente generalizados, conforme nos trouxe Genep (2011).

Vimos sobretudo que também que a própria condição de participante *ativista* coloca o indivíduo em situação de *limiaridade/marginalidade*, típicas das estruturas básicas de todo ritual, para depois haver sua reincorporação no cotidiano - destituído do preto e de seus objetos de batalha performática - voltando a sua vida normal como cidadão. Estes e outros aspectos como a questão do rito sacrificial também foram identificados, comprovando a nossa correlação pretendida.

Por estes e diversos outros pontos relacionados, que o estudo desta estrutura social esquecida, os ritos de iniciação - e também da lógica ritual como um todo - se faz importante para a compreensão da expressão do comportamento humano e nosso inconsciente, mostrando-se relevante paradigma teórico pode nos trazer esclarecimentos sobre os comportamentos - especialmente dos comportamentos de agregação da atualidade, o que corresponde a uma ampla gama de fatores. Damos especial destaque as ações violentas e ao subjetivo ausente de significados da atualidade, fazendo do rito uma emergência e ligando ele a este tema, o da violência. Sua ausência, somada as necessidades de experiências “vivazes” na realidade, capazes de constelar as energias que congregam aspectos capitais da psicologia humana, ora esquecidas. Assim como tantos outros aspectos já citados, projetando necessidades humanas do desenvolvimento individual, significando sem eu fazer ritualizado a experiência de cada indivíduo em particular, e voltando esta mesma necessidade para o coletivo, pensando nós, agora, diante de sua presença, pensando em reelaborar recursos sociais no sentido de abrangê-las e contemplá-las, ou refletindo os reflexos de sua falta.

Os ritos, se enfocados de forma mais atomística sobre seus ângulos e diversos fatores e funções, podem elucidar realidade humanas fundamentais, negligenciadas, e motivos de diversas crises, formas destrutivas de expressão e conflitos da atualidade. Este trabalho pretende ampliar a possibilidade de interpretação e atuação dos campos psicológicos, em especial, da psicologia analítica na compreensão de fenômenos sociais, demonstrando sua larga aplicabilidade e pragmática.

A partir destas análises, pudemos vislumbrar as formações subjetivas e déficits do pensamento racionalista secular e da subjetividade pós-moderna, que foi um dos nossos principais pontos de discussão. Os rituais, de fato, encontram-se na sombra de nossa sociedade, mas não estão perdidos. E merecem um resgate científico e necessário. Mostrando-se campo com fertilidade e possibilidades de crescimento e intersecções multidisciplinares e teóricas avançadas com outras diversas disciplinas, como a antropologia, a sociologia, a pedagogia, assim como a biologia e a genética. Este é o desafio atual que os ritos nos propõem.

Os Black Blocs não são a única forma de agregação ritual em torno de temas sociais e políticos. Indiscutivelmente, outras passeatas e fenômenos em massa já marcaram o mesmo perfil de formação de contingente volumoso, plural e idiossincrático, remetendo a aglomerados arcaicos. Vimos também que outros *rituais políticos* já ocorrem no Brasil e no mundo, como a passeata dos sem-terra e mais atualmente os ritos coletivos de longa duração dos protestos e manifestos de 2013 em diante, a fim de reelaborar falhas políticas e sociais. A lógica do ritual deve obsidiar em alguma medida todo movimento espontâneo e humano de congregação e ação em massa no espaço, merecendo novamente bastante atenção por seus aspectos inconscientes em destaque nos tempos atuais, com as dimensões da contemporaneidade.

Seriam então os *rituais políticos* representativos de uma possibilidade de futuro para ações políticas, transcendendo os moldes da formalidade democrática, republicana ou ditatorial, e diante do complexo cenário contemporâneo, onde os discursos formais tornaram-se enfadonhos diante dos mecanismos de controle? Em que medida os estudos do movimento das massas contemporâneas passa então pelo paradigma ritual? Interessando não só a psicólogos e antropólogos, mas sobretudo agora a sociólogos, cientistas políticos e outros enfoques multidisciplinares. A renovação criativa do espaço subjetivo e urbano se dará de maneiras ritualizadas, e por meio de processos que seguem estes formatos? O sujeito contemporâneo poderá se recuperar seu espaço de expressividade, através de suas próprias funções e ritos, diante dos mecanismos de dominação do contemporâneo? Este acaba por torna-se “o” caminho por excelência, diante dos inúmeros fatores negligenciados do contemporâneo, nele congregados? Estamos com isso, e com estes fenômenos, diante de uma transformação social, ou as tecnologias de ritualização da realidade terão que passar por novas manobras antes de alcançar seu objetivo de ajustamento do ser humano na realidade? Teríamos então uma porta

de empoderamento que poderia realmente promover a ruptura subjetiva atualmente tão necessária, fazendo respirar os ares de uma mudança, conseguidos pela volta da autonomia dos corpos - na revolução - do espaço? São múltiplas as questões possíveis de serem suscitadas através de nosso estudo que podem ser feitas tanto por nós quanto por novos pesquisadores, tornando-se um campo fértil para pesquisas e desenvolvimento de novas pesquisas e estudos.

Saindo do campo coletivo e social e indo em direção ao campo individual, até que ponto toda lógica ritual e os ritos de iniciação não escondem possibilidades de renovações e regulações dos processos experimentados pelos sujeitos em sua realidade particular? Permitindo-nos à apreciação de fatores terapêuticos e arquetípicos necessários à compreensão – e à manutenção do - bem-estar do dos indivíduos, carentes de situações realizadas, que assimilem sua experiência de realidade, como dito, tão desgastante na atualidade.

Os ritos e suas especialidades e funções parecem encerrar um amplo espectro de possibilidades enquanto conhecimento técnico de aplicabilidade humana sobre o real. O quanto de sabedoria e aplicação em nossas vidas, de imediato, este tipo de tecnologia do *rito* pode nos oferecer?

Todas estas situações e colocações, não estão necessariamente ligados a estudos futuros ou longínquos quanto a sua realidade, mas são sobretudo temas relevantes para serem pensados na nossa presente atualidade.

Conseguimos perceber que toda realidade humana, passa, em algum momento, pelos conformes e manobras rituais para se concretizar como experiência de sentido e existência de significado para as consciências individuais e coletivas.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **A Troca Simbólica e A Morte**. São Paulo, Edições Loyola, 1996.
- BAUMAN, Zigmund. **Amor Líquido**. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. São Paulo, Zahar, 2006.
- BELLO, Denize Dall; O Rito e Mundo entre Parênteses. **Polifania**, Cuiabá, Ed. UFMT, Vol. 14, p. 191-199 2007. Disponível em: <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/155.pdf>
- CARREIRO, Rodrigo. Black Bloc em Ação: Reforço de identidade e outras dinâmicas de ativismo no Facebook. **Liinc em Revista**. V. 10, n. 1, p. 241-257. Rio de Janeiro, Maio de 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/656/473>
- CAPELLER, Ivan. A Dupla Márcara da Anarquia: Black Blocs, Anonymous e outros fenômenos. **Liinc em Revista**. V. 10, n. 1, p. 241-257. Rio de Janeiro, Maio de 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/700/466>
- DINIZ, Lígia; **Mitos e Arquétipos na Arteterapia: Os Rituais para se Alcançar o Inconsciente**, Rio de Janeiro, Walk Editora, 2010.
- DÉRI, Francis Dupuis; **Black Blocs**. São Paulo, Editora Venenta, 2014.
- DEUSEN, David Van & MASSOT, Chavier. **The Black Bloc Papers**. First Online Printing, January 2010.
- DUARTE, Alexandre Ambiel Barros; **Antropologia da Performance: A Limiaridade e as Contradições Sociais**. In: Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, Londrina PR, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas.html>
- EDINGER, Eduard F.; **Ciência da Alma: Uma Perspectiva Junguiana**. São Paulo, Paulus, 2004.
- FIUZA, Bruno. **Black Bloc: A origem da pratica que causa polêmica na esquerda**. 2013. Disponível em: <http://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-causa-polemica-na-esquerda.html> Acesso em: 13 de Julho de 2014.
- GENNEP, Arnold Van; **Os Ritos de Passagem**. 3ª edição, Petrópolis, Vozes, 2011.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- HOLLIS, James. **Sob a Sombra de Saturno**. A Ferida e a Cura dos Homens. São Paulo, Paulus, 3ª edição, 2008.
- Into the Wild**. Direção e Roteiro: Sean Penn. Produção: Art Linson, Sean Penn, William Pohlad, EUA: Paramont, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. **A Dinâmica do Inconsciente**. Vol, VII. Petrópolis. Vozes, 1991.
- _____. **O Livro Vermelho**. Petrópolis, Vozes, 2013.

KATSIAFICAS, Geoge. **The Subversion of Politics: European Autonomous Movements and The Decolonization of Everyday Life.** Forthcoming: Humanities Press. Acesso em: http://www.erosseffect.com/books/subversion_download.htm

LIMA, F. M. L. Et al. **O Black Bloc e o Papel das Mídias Sociais nas Manifestações Brasileiras de 7 de Setembro de 2013.** Vila Velha – ES, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Acesso em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1069-1.pdf>

LUDD, Ned. **Urgência das Ruas: Black Bloc, Reclaim The Street e Os Dias da Ação Global.** Trad. Leo Vinícius. Coletivo Sabotagem, 2005. Acesso em: <http://anarkio.net/Pdf/Urgencia-Das-Ruas-Coletivo-Baderna.pdf>

MEIRA, Mônica Birchler Vanzella; Sobre estruturas etárias e ritos de passagem. **Ponto-e-Vírgula**, 5: p. 185-201, 2009. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ponto-evirgula/n5/artigos/pdf/pv5-18-vanzella.pdf>

MERQUIOR, Márcia. O cenário contemporâneo: violência e drogadição entrelaçando contextos de subjetivações. **Percurso**. n.28, p. 44, 1.semestre de 2002. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs28/28Sumario.htm> Acesso em: 28/05/2010, 09:50.

MIRCEA, Eliade. **Mito e Realidade.** Coleção Debates: Filosofia. São Paulo. Editora Perspectiva, 1972.

_____. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões.** São Paulo, Martins Fontes, 1992.

Mitos e Mitologias Políticas. Série de André Azevedo da Fonseca. Baseado na Obra de Raoul Girardet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oubTXEY7iyw&list=PL0k4OibqI6p6fbonBdOuL-jGZiM1MEFn8> Acesso em Setembro de 2015.

O'CONNELL, Mark & AIREY, Raje. **Almanaque Ilustrado Símbolos.** São Paulo, Livros Escala, 2010.

PEIRANO, Mariza; **Rituais Ontem e Hoje.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2003.

ROCHA, Giselle. A Escola como ela é: pela ritualização da sala de aula, Julio Groppa Aquino. Revista Nova Escola, São Paulo, ano 17, n. 149, p.14, jan/fev. 2002.

ROLIM, Marcos. A Novidade Nem Tão Nova dos Black blocs. Extra Classe. Novembro, 2013. Acesso em: <http://www.extraclasse.org.br/edicoes/2013/11/a-novidade-nem-tao-novados-black-blocs/>

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe.** Rio de Janeiro, Agir Editora,

SILVA, Nilton Sousa da. **O Mito em Ernest Cassirer e Carl Gustav Jung: Uma Compreensão do Ser Humano.** Rio de Janeiro, Literis Ed., 2002.

SHARP, Daryl. **Conhecendo a Si-mesmo: O Averso do Relacionamento**. São Paulo, Paulus, 2011.

TERRIN, Aldo Natale. **O Rito: Antropologia e Fenomenologia da Ritualidade**. São Paulo, Paulus, 2004.

The Matrix (Matrix). Direção e roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski, produção Joel Silver, EUA: Distribuição Warner Bros. EUA, 1999.

V for Vendetta. Direção: Escrito por: Andy Wachowski e Larry Wachowski. Baseado nos quadrinhos de Allan Moore. Distribuição Warner Bros. EUA. 2006.

ZOJA, Luigi. **Nascer não basta**, Axis Mundi, São Paulo, 1992.

